



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

TAPI YAWALAPITI

DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA LÍNGUA YAWALAPÍTI (ARUÁK):
uma língua que não deve morrer

Brasília-DF
2021

TAPI YAWALAPITI

DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA LÍNGUA YAWALAPÍTI (ARUÁK):

uma língua que não deve morrer

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como partes dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Brasília-DF
2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)

YY35 YAWALAPÍTI, TAPI
DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA LÍNGUA YAWALAPÍTI
(ARUÁK):
uma língua que não deve morrer / TAPI YAWALAPÍTI;
orientador ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL. --
Brasília, 2021. 209 p.

Dissertação (Mestrado - Doutorado em
Linguística) --Universidade de Brasília, 2021.

1. Língua Yawalapíti. 2. Fonologia . 3. Morfossintaxe
. 4. Documentação linguística. 5. Revitalização
linguística. I. ARRUDA CÂMARA CABRAL, ANA SUELLY ,
orient. II. Título.

TAPÍ YAWALAPITI

DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DA LÍNGUA YAWALAPÍTI (ARUÁK): UMA LÍNGUA QUE NÃO DEVE MORRER

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL –, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como partes dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Brasília, DF, 02 de dezembro de 2020.

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (presidente)
Orientadora, PPGL/IL/Universidade de Brasília

Profa. Dra. Alexandra Yurievna Aikhenvald (avaliadora externa)
James Cook University Australia

Profa. Dra. Francisca Cordelia Oliveira da Silva (avaliadora interna)
PPGL/IL/Universidade de Brasília

Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira (suplente)
Universidade Federal do Amazonas

Brasília-DF
2021

*Ao meu pai, Aritana, o bom e grande
amulau dos Yawalapíti.*

Aritana e eu



Foto de autor desconhecido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero dedicar meu sincero agradecimento ao querido pai Aritana Yawalapíti, o meu grande mestre. Ele me ensinou, me educou, me ajudou e me estimulou a documentar a língua Yawalapíti. Colaborou bastante com a minha pesquisa e, sem ele, eu não teria obtido todos os dados que fundamentaram a análise linguística apresentada nesta dissertação.

Agradeço ao meu povo Yawalapíti, minha referência maior, por tudo que ele representa para a minha pessoa e que me motiva a buscar o que parece, às vezes, impossível. Agradeço especialmente aos meus tios Makawana Yawalapíti, Waripirá Yawalapíti, os quais também colaboraram no trabalho. Agradeço aos meus irmãos Walaku Yawalapíti, Yawanawá Yawalapíti, Mirawá Yawalapíti, a minhas irmãs Teporí Yawalapíti, Kamüşu Yawalapíti, Tsümülu Yawalapíti, Tayawalu Yawalapíti que torceram e rezaram por mim.

Agradeço à professora Jaqueline Medeiros de França, com quem iniciei a pesquisa da língua Yawalapíti.

Agradeço muito à minha orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, por ter trabalhado com a língua Yawalapíti durante 2 (dois) anos, ao meu lado, me guiando e me proporcionando os ensinamentos linguísticos, para que eu me tornasse linguista de minha língua nativa. Foram dias, semanas e meses de estudos e de ensinamentos recíprocos. Agradeço também por ter proporcionado a vinda a Brasília do meu tio Makawana e meu primo Walamatiu, no âmbito do projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB), financiado pelo CNPQ, o que permitiu que todos os dados da dissertação fossem gravados.

Meus agradecimentos vão também para os membros da banca que avaliaram a minha dissertação, Profa. Dra. Alexandra Yurievna Aikhenvald, Prof. Dr. Fábio Pereira Couto e Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira pelas valiosas revisões e sugestões dadas.

Ao Sanderson Castro Soares de Oliveira, Fábio Pereira Couto e Jorge Domingues Lopes, agradeço pelas revisões valiosas feitas, e a Letícia Aquino e Edineia Aparecida Isidoro pelas revisões finais.

Agradecimentos especiais vão para Jorge Domingues Lopes por ter contribuído com a revisão final desta dissertação e por ter dedicado do seu tempo também para formatá-la e adequá-la à ABNT. Agradeço também a Ariel Pheula do Couto e Silva pela ajuda na análise acústica de alguns dos sons de minha língua.

Aos meus colegas do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI), com quem convivi nos dois anos de mestrado, grato por compartilharem comigo amizade, suporte e alegrias: Iram Kav Sona Gavião, Tiago Iteor Suruí, Armando Sõpré, Eliseu Waduipe Xavante, Edineia Aparecida Isidoro, Rosileide Barbosa Kaiowá, Marina Guajajara e Edilson Baníwa.

Agradeço ao PPGL do Instituto de Letras, e às professoras Rozana Naves e Helena Guerra, pelo apoio aos indígenas.

Agradeço também à CAPES, que me beneficiou com uma bolsa de estudos, fundamental para que eu realizasse meus estudos.

Termino reafirmando meus agradecimentos ao meu povo, que me apoiou tanto para que eu documentasse a língua Yawalapíti.

RESUMO

A presente dissertação traz uma primeira descrição mais aprofundada da língua Yawalapíti (ISO 639-3: yaw, Glottolog: yawa1261), que contempla sua fonologia, as classes de palavras e aspectos fundamentais de sua morfossintaxe e sintaxe. A pesquisa que fundamentou esta dissertação foi realizada na Aldeia Yawalapíti e em Brasília. Parte dos dados foram gravados por meio de celular, quando me encontrava em Brasília e consultava meu pai e meus tios que estavam na aldeia. Outros dados foram gravados em gravador digital Zoom H4N e microfone AUDIX. A presente dissertação foi desenvolvida à luz de abordagens das línguas em perspectivas funcionais e antropológicas, procurando entender as estruturas, padrões e seus respectivos significados que espelham os modos de ver e agir sobre o mundo do povo Yawalapíti. Estudar a língua, dessa forma, nos permite ver, através dela, a história e a identidade do povo. A análise linguística considerou a visão Yawalapíti dos dados, buscando, em seguida, como abordagens tipológicas e funcionais das línguas se adequavam melhor à visão nativa. Servimo-nos, assim, dos valiosos estudos linguísticos tipológico-funcionais de Comrie (1976, 1989) sobre tempo e aspecto, de Dixon (1994, 2009, 2010a, 2010b) sobre alinhamento e sobre descrição básica, de Benveniste (1966, 1974) sobre problemas de linguística geral analisados a partir da teoria da enunciação. Dos trabalhos contidos em Shopen (1985), destacamos o estudo de Schachter (1985) sobre classes de palavras. Nos servimos de estudos de Grinevald e Seifart (2004) e de Aikhenvald (2011, 2013, 2020) sobre os diferentes modos como as línguas classificam referentes dos nomes, de Miestamo (2005) e Payne (1985) sobre negação. Seguimos Pike (1947) no estudo da fonética e fonêmica do Yawalapíti, e nos estudos de Rodrigues, escritos em linguagem clara e concisa, como que tivesse sido escrito para todos, inclusive indígenas, aprendemos sobre as famílias linguísticas do Brasil e sobre a língua Yawalapíti. Finalmente, nos servimos dos estudos sobre línguas Aruák, dentre os quais, a tese de Couto (2016), a dissertação de Awetí (2014), e os estudos de Aikhenvald sobre a língua Tariána (1999, 2003, 2006). Esta dissertação é o primeiro trabalho linguístico construído para servir aos Yawalapíti na revitalização de sua língua. Será, pois, socializada com todos os jovens Yawalapíti que devem contribuir para que a língua dos seus ancestrais seja falada plenamente como língua de cultura, de comunicação. A língua Yawalapíti vive!

Palavras-chave: Língua Yawalapíti. Fonologia. Morfossintaxe. Documentação linguística. Revitalização linguística.

ABSTRACT

The present dissertation brings a first more in-depth description of the Yawalapíti language (ISO 639-3: yaw, Glottolog: yawa1261), highlighting important aspects of its phonology, morphosyntax and syntax. The research that supported this dissertation was carried out at the Yawalapíti village (Xingu Reservation) and in Brasília. Part of the data was recorded by cell phone, when I was in Brasilia and consulted my father and my uncles who were in the village. The other data was recorded on a Zoom H4N digital recorder and AUDIX microphone. This dissertation was developed under functional approaches and anthropological perspectives, seeking to understand the Yawalapiti structures, patterns and their respective meanings that reflect the ways of seeing and acting on the world of the Yawalapíti people. Studying the language, in this way, allowed us to see, through it, the history and identity of the people. The linguistic analysis considered the Yawalapíti view of the data, then looking for how typological and functional approaches of languages would better correspond to the native view. Thus, we make use of the valuable typological-functional linguistic studies by Comrie (1976, 1989) on time and aspect, by Dixon (1994) on alignment and basic description, by Benveniste (1966, 1974) on linguistic problems general analyzed from the theory of enunciation, From the works reunited in Shopen (1985), we highlight the study by Schachter (1985) on word classes. We have consulted studies by Grinevald and Seifart (2004) and Aikhenald (2011, 2013, 2020) on the different ways in which languages classify referents of nouns, and by Miestamo (2005, 2007) and Payne (1985) on negation. We followed Pike (1947) in the study of the phonetics and phonemics of the Yawalapíti, and considered Rodrigues works, written in a clear and concise style, as if it had been written for everyone. From him, we learned about the linguistic families of Brazil and the Yawalapíti language. Couto's thesis (2016) on Manxineru, Mehinako's dissertation (2014) on Awetí, and Aikhenvald's studies on the Tariána (1999, 2003, 2006) were very important references for many issues discussed in the present dissertation, which is the first linguistic work built to serve the Yawalapíti in revitalizing their native language. It will therefore be socialized with all Yawalapíti young people who must contribute so that the language of their ancestors is fully spoken as a language of culture, of communication. The Yawalapíti language lives on!

Keywords: Yawalapíti language. Phonology. Morphosyntax. Language documentation. Linguistic revitalization.

ABREVIATURAS

1	=	Primeira pessoa do singular
2	=	Segunda pessoa do singular
1PL	=	Primeira pessoa do plural
2PL	=	Segunda pessoa do plural
3	=	Terceira pessoa
ABL	=	Ablativo
ADES	=	Adesivo
ASSOC	=	Associativo
CAUS	=	Voz causativa
CLASS.COMP	=	Classificador de seres da classe dos compridos
CLASS.FIL	=	Classificador de seres da classe dos filiformes
CLASS.LÍQ	=	Classificador de seres da classe dos líquidos
COL	=	Coletivo
COP	=	Copula
COLOSS	=	Colossal
DAT	=	Dativo
DIST	=	Distal
EST	=	Estativo
ENF	=	Enfático
F	=	Feminino
IMP	=	Impessoal
IND	=	Indeterminado
INESS	=	Inessivo
INTENS	=	Intensivo
INSTR	=	Instrumentivo
INSTR.ADES	=	Instrumentivo.adesivo
LOC	=	Locativo
LOC.ADES	=	Locativo adesivo
LP	=	Locativo pontual
M	=	Masculino
MP	=	Mediador de posse
NEG	=	Negação
PERL	=	Perlativo
PERM	=	Permissivo
PROIB	=	Proibitivo
PROJ	=	Projetivo
PROSP	=	Prospectivo
PROX	=	Proximal

REC	=	Voz recíproca
REFL	=	Voz reflexiva
REL	=	Relativo a, sobre, com respeito a
RETR	=	Retrospectivo
TRANS	=	Translativo

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO	16
0.1 A DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA YAWALAPÍTI.....	19
0.2 METODOLOGIA	20
0.3 A PESQUISA LINGUÍSTICA NO ÂMBITO DO MESTRADO	21
0.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	22
CAPÍTULO I – SOBRE O POVO DO TUCUM OU YAWALAPÍTI E SUA LÍNGUA NATIVA	23
1.1 YAWALAPÍTI, O POVO DO TUCUM.....	23
1.2 CONTEXTUALIZANDO O POVO YAWALAPÍTI.....	23
1.3 PRÁTICAS CULTURAIS DO POVO YAWALAPÍTI.....	26
1.4 AS PINTURAS YAWALAPÍTI.....	26
1.4.1 <i>A pintura corporal do cacique/guerreiro Yawalapíti: Yanumaka Iyana</i>	27
1.4.1.1 <i>Yanumaka iyana</i> (pintura de onça).....	29
1.5 A PREPARAÇÃO DO CACIQUE.....	29
1.5.1 <i>O uso do enfeite</i>	30
1.5.2 <i>Preparação dos lutadores para usar a pintura</i>	31
1.5.3 <i>Outra alternativa para ser lutador</i>	32
1.5.4 <i>Avaliação do guerreiro</i>	33
1.5.5 <i>Momento certo de usar a pintura</i>	33
1.6 SITUAÇÃO ATUAL.....	35
1.7 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO YAWALAPÍTI OU POVO TUCUM.....	36
1.7.1 <i>Conhecimento linguístico da língua Yawalapíti</i>	37
CAPÍTULO II – FONOLOGIA SEGMENTAL E ASPECTOS PROSÓDICOS	39
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	39
2.2 ANÁLISE FONÉTICA DOS SONS YAWALAPÍTI.....	39
2.2.1 <i>Descrição dos fones consonantais</i>	40
2.2.1.1 <i>Consoantes</i>	40
2.2.1.2 <i>Descrição fonética dos sons vocálicos</i>	61
2.2.1.2.1 <i>Descrição dos fones vocálicos</i>	61
2.3 OS FONEMAS DA LÍNGUA YAWALAPÍTI	66
2.3.1 <i>Consoantes</i>	66
2.3.2 <i>Vogais</i>	71

2.4 NASALIZAÇÃO	80
2.5 ASSILABAÇÃO.....	83
2.6 ARITANA E MAKAWANA: VARIAÇÃO FONÉTICA E VARIAÇÃO FONOLÓGICA	84
2.7 MORFOFONOLOGIA	90
2.7.1 Palatalização de /n/	90
2.7.2 Elisão vocálica.....	90
2.7.3 Debucalização de /h/.....	90
2.8 ACENTO	91
2.9 FONOTÁTICA	93
2.9.1 Combinação de consoantes e vogais	93
2.10 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	97
CAPÍTULO III – CLASSES DE PALAVRAS	98
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	98
3.2 NOMES.....	99
3.2.1 Classes de temas	99
3.2.2 Nomes relativos.....	99
3.2.3 Nomes absolutos	107
3.2.4 O morfema pa- ‘impessoal’ e o morfema a- ‘indefinido’	115
3.2.5 Classificação nominal.....	116
3.2.6 Gênero.....	120
3.2.7 Atenuação e intensificação nos nomes.....	122
3.2.7.1 Nomes atenuados por meio do sufixo atenuativo -tsi:	122
3.2.7.2 Intensivo	125
3.2.8 O morfema kuma / tfuma.....	125
3.2.9 Estado de existência dos referentes nomes	131
3.2.9.1 Estado de existência retrospectiva.....	131
3.2.9.2 Estado de existência prospectiva.....	131
3.2.10 Nomes formados por construções metafóricas	132
3.3 PRONOMES PESSOAIS	133
3.4 DEMONSTRATIVOS PRONOMINAIS E LOCATIVOS	133
3.4.1 Pronomes demonstrativos	133
3.4.2 Demonstrativos locativos.....	134
3.5 ADJETIVOS	134

3.6 NUMERAIS.....	136
3.7 ADVÉRBIOS.....	137
3.8 VERBOS.....	139
3.9 VOZ.....	143
3.9.1 <i>Voz reflexiva</i>	143
3.9.2 <i>Voz recíproca</i>	145
3.9.3 <i>Voz Causativa</i>	146
3.10 ASPECTO.....	148
3.10.1 <i>Aspecto projetivo</i>	148
3.10.2 <i>Aspecto progressivo</i>	149
3.11 MODO.....	151
3.11.1 <i>Modo permissivo/exortativo</i>	151
3.11.2 <i>Modo Imperativo de verbos transitivos</i>	152
3.12 PALAVRAS INTERROGATIVAS.....	153
3.13 INTERJEIÇÕES.....	156
3.14 IDEOFONES.....	156
3.15 POSPOSIÇÕES.....	156
3.16 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	165
CAPÍTULO IV – ASPECTOS DA SINTAXE DA LÍNGUA YAWALAPÍTI.....	167
4.1 SINTAGMAS NOMINAIS - NOMES E SEUS MODIFICADORES.....	167
4.2 SINTAGMA VERBAL.....	169
4.3 TIPOS DE PREDICADOS.....	170
4.3.1 <i>Predicados Nominais</i>	170
4.3.2 <i>Predicados atributivos</i>	172
4.3.3 <i>Predicados existenciais</i>	174
4.3.4 <i>Predicados estativos.essivos</i>	175
4.3.4.1 <i>Predicados estativos.essivos que têm por núcleo um nome</i>	176
4.3.4.2 <i>Predicados estativos.essivos que têm por núcleo um adjetivo</i>	177
4.3.4.3 <i>Predicados estativos.essivos que têm por núcleo uma posposição</i>	178
4.3.4.4 <i>Predicados estativos.essivos que têm como núcleo verbos</i>	180
4.3.5 <i>A partícula cópula pi:</i>	181
4.4 PREDICADOS VERBAIS.....	182
4.4.1 <i>Predicados verbais transitivos consistem no núcleo verbal e seu objeto</i>	183

4.5 ORDEM DOS CONSTITUINTES ORACIONAIS.....	184
4.6 COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO	189
4.6.1 Orações subordinadas temporais/condicionais.....	189
4.6.2 Oração adverbial final.....	190
4.7 ORAÇÕES COORDENADAS.....	191
4.7.1 Oração coordenada conclusiva	191
4.7.2 Orações coordenadas aditivas.....	191
4.7.3 Orações com semântica adversativa.....	192
4.8 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS	192
4.9 CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E DE NÚMERO	193
4.10 NÚMERO	194
4.11 NEGAÇÃO	196
4.11.1 Estrutura da construção negativa com <i>atsa</i>	200
4.11.2 A negação proibitiva <i>mina</i>	202
4.11.3 A partícula <i>maka</i> ‘preventiva’	203
4.12 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	203
5. CONCLUSÃO.....	204
REFERÊNCIAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ANEXOS – FOTOS DE ARITANA E DE TAPÍ YAWALAPÍTI	206

0. INTRODUÇÃO

Esta dissertação é a primeira análise linguística da língua Yawalapíti e fonte de sua documentação, de autoria de um indígena falante da língua, a partir de dados inéditos coletados junto ao seu pai, o último grande Amulau Yawalapíti. Aos dados fornecidos por Aritana, com tanto compromisso com a vida de sua língua, juntam-se dados coletados junto a outro senhor Yawalapíti, Makawána, assim como dados de dois homens mais jovens Walamatiu (35 anos), e os dados do próprio Tapí (40 anos).¹ A dissertação é, assim, um importante passo para a ampliação e o aprofundamento da documentação e análise linguística em prol da revitalização da língua dos Yawalapíti (*yawála* ‘tucum’ + *píti* ‘povo’ = ‘Povo do Tucum’), uma das línguas indígenas brasileiras mais criticamente ameaçadas de extinção. É, portanto, o primeiro trabalho linguístico voltado para o conhecimento linguístico dessa língua, projetado para ser uma fonte de conhecimentos da língua para os projetos de revitalização linguístico e cultural do povo Yawalapíti, coordenados pelos próprios Yawalapíti, responsáveis e autores do seu destino.

A presente dissertação foi desenvolvida à luz de uma abordagem da língua em que se procura maximamente ouvir como os falantes explicam os significados e funções dos enunciados em sua língua, e como eles avaliam as categorias linguísticas usadas comumente nos estudos tipológicos das línguas. A análise aqui apresentada procurou respostas para as associações entre significado e formas na cultura do povo, nas suas crenças, práticas culturais e história (CABRAL, Ms.) É essa prática que vem sendo desenvolvida no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UNB).

Estudar a língua, dessa forma, nos permite ver, através dela, a história e a identidade do povo. Servimo-nos de valiosos estudos linguísticos tipológico-funcionais, dentre os quais, Comrie (1976, 1989) sobre tempo e aspecto, Dixon (1994) sobre alinhamento e sobre descrição básica e Benveniste (1966, 1974) sobre problemas de linguística geral analisados a partir da teoria da enunciação. Consideramos ensinamentos extraídos de Shopen (1985), como do estudo de Schachter (1985) sobre classes de palavras. Nos servimos de estudos de Grinevald e Seifart (2004), Aikhenvald (2011, 2013, 2020) e Aikhenvald e Mihás (2019) sobre os diferentes modos como as línguas classificam referentes dos nomes, Miestamo (2005, 2007) e Payne (1985) sobre negação e Payne (1997) e Dixon (2009, 2010a, 2010b) sobre descrição linguística, com foco especial nos tipos de predicados. Campbell (1997) foi muito importante para o entendimento

¹ Os dados de autoria de Walamatiu e Tapí foram usados apenas como referência nas discussões realizadas sobre a língua e têm servido para fundamentar estudos em processo sobre variação linguística.

de como a língua Yawalapíti se encontra no seu momento histórico. Seguimos Pike (1947) no estudo da fonética e fonêmica do Yawalapíti, e nos estudos de Rodrigues, escritos em linguagem clara e concisa, como que tivesse sido escrito para todos, inclusive indígenas, aprendemos sobre as famílias linguísticas do Brasil e sobre a língua Yawalapíti. Finalmente, nos servimos dos estudos sobre línguas Aruák, dentre os quais, a tese de Couto (2016), a dissertação de Awetí (2014), e os estudos de Aikhenvald sobre a língua Tariána (1999, 2006).

A língua Yawalapíti forma com as línguas Mehináko e Waurá um pequeno conjunto de línguas Aruák na região do Alto Xingu. As línguas irmãs mais próximas desse pequeno conjunto são as línguas faladas pelos povos Enawenê-Nawê e Pareci, localizados ao noroeste do Parque Indígena do Xingu, e pelos Teréna e Kinikináw, localizados a sudoeste desse parque indígena. Do pequeno conjunto de línguas a que pertence a língua Yawalapíti, é ela a mais diferenciada (STEINEN, 1940; RODRIGUES, 1986) em aspectos lexicais, fonológicos e morfossintáticos.

O povo Yawalapíti sofreu desastrosa redução populacional desde os primeiros contatos com os não-índios, de sorte que, na década de 1960, estavam reduzidos a 25 pessoas. É fato conhecido que os irmãos Villas Boas, preocupados com o número reduzido de Yawalapíti, promoveram casamentos entre estes e indivíduos de outras etnias xinguanas, como uma alternativa à sobrevivência do povo Yawalapíti, como unidade étnica e cultural.

Kanatu, o avô paterno de Tapí Yawalapíti, foi o primeiro Yawalapíti a casar-se com Teporí, da etnia Kamaiurá, no âmbito dessa política em prol da sobrevivência do povo Yawalapíti, enquanto coletivo independente, linguisticamente e culturalmente.

Atualmente, a língua Yawalapíti conta com apenas três falantes plenos, Waripirá (Aldeia *Caramujo*), Makawana e Makuku (Aldeia Yawalapíti). As últimas mulheres falantes da língua Yawalapíti são Ñapirú, Arupy (Aldeia *Paluxaio*), Sanain (Aldeia *Batuví*) e Ulé (Aldeia *Aturua*), e há ainda duas mulheres lembradoras do Yawalapíti, Kajanumálu e Tsi'ápukú, que vivem na aldeia Aweté do Saidão, e dois homens, Awirinápu (Aldeia *Hiuláya*) e Jatamápukú, que vive na aldeia Kamaiurá de *Ypawu*. Além dessas pessoas, três jovens mulheres, Mayalú (Aldeia *Lahatua*), Pairumá (Aldeia *Caramujo*) e Airiká (Aldeia *Paluxaio*) têm conhecimento incipiente da língua, e dois homens Walámatú (37 anos, Aldeia *Yawalapíti*) e Tapí (43 anos, Aldeia *Yawalapíti*) estão aprendendo a língua Yawalapíti com os mais velhos. Apenas duas crianças, uma de quatro anos e outra de oito anos, estão aprendendo a língua Yawalapíti.

Quadro 1 – Indivíduos com algum conhecimento da língua Yawalapíti

Categoria do Falante	Grau de proficiência	Nome	Sexo	Aldeia
Falante Nativo	proficientes (com esquecimento de palavras e modos de expressar ideias na língua)	Warípirá	M	Aldeia <i>Caramujo</i>
		Makawana	M	Aldeia <i>Yawalapíti</i>
		Makúku	M	Aldeia <i>Yawalapíti</i>
Falante Nativo	Mulheres que ainda podem se comunicar na língua, mas com lapsos de memória relativos a itens lexicais e modos de falar	Ñapirú		Aldeia <i>Paluxaio</i>
		Arupy		Aldeia <i>Paluxaio</i>
		Sanain		Aldeia <i>Batuvi</i>
		Ulé		Aldeia <i>Aturua</i>
Falante Nativo	Lembradores (lembra palavras e frases)	Kajanumálu		Aldeia <i>Awetý do Saidão</i>
		Tsi'ápukú	H	Aldeia <i>Awetý do Saidão</i>
				Aldeia <i>Hiuláya</i>
		Awirinápu	H	Aldeia <i>Hiuláya</i>
		Jatamápukú	H	Aldeia <i>Ypawú</i>
		Mayalú	M	Aldeia <i>Lahatua</i>
		Pairumá	M	Aldeia <i>Caramujo</i>
Aprendiz como 2ª Língua	Alto grau de fluência	Tapí (alto grau de proficiência)	H	Aldeia <i>Yawalapíti</i>
	(grau médio de proficiência)	Walámatíu	H	
Crianças aprendizes	Em fase inicial de aprendizagem		Um menino e uma menina	Aldeia <i>Yawalapíti</i>

0.1 A DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA YAWALAPÍTI

Os primeiros dados da língua Yawalapíti foram atestados em forma de listas de palavras (STEINEN, 1940; GALVÃO, 1953), as quais foram fundamentais para a classificação do Yawalapíti, do Mehináko e do Waurá como línguas integrantes do subgrupo xinguno (cf. RODRIGUES, 1986).

Embora reconheçamos a importância de todos os estudos feitos anteriormente sobre a língua Yawalapíti, nenhum deles teve seus resultados desenvolvidos aos Yawalapíti. Agora, nasce a esperança de que os estudos e a documentação da língua por uma pessoa Yawalapíti possa contribuir para que a língua não desapareça.

A dissertação desenvolveu-se, tendo em vista a documentação e a análise linguística da língua Yawalapíti, pela urgência em documentá-la e conhecê-la maximamente para que o seu registro contribua de alguma forma para que ela possa ser ensinada e falada pelas gerações Yawalapíti mais jovens, evitando assim a sua extinção.

O objetivo principal desta dissertação, escrita a quatro mãos, com a minha orientadora, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, é suprir uma lacuna na realidade do povo Yawalapíti: a falta de registros da língua ancestral e do seu conhecimento linguístico básico e necessário para que seja ensinada às crianças, aos jovens e aos adultos com vistas ao seu fortalecimento.

Objetivos específicos da pesquisa da língua Yawalapíti:

- a) Desenvolver um estudo compreensivo da sua fonologia segmental e de aspectos de sua prosódia.
- b) Desenvolver um estudo de sua morfologia e de sua morfossintaxe.
- c) Documentá-la maximamente.

Com os dados coletados durante a pesquisa e com os resultados do estudo linguístico, pretendemos realizar a produção de livros didáticos para o ensino da língua Yawalapíti, assim como produzir novos materiais audiovisuais com os falantes da língua contendo diálogos, conversas no centro da aldeia, músicas, discursos dos falantes passando mensagens para os jovens, relatos históricos, ensinamentos sobre as plantas, animais e sobre a natureza em geral, dentre outros. Pretendemos, assim, elaborar um dicionário e vocabulários temáticos, deixando todo esse material disponível para os Yawalapíti.

0.2 METODOLOGIA

Iniciei meu trabalho de pesquisa em 2016, antes de entrar na pós-graduação da Universidade de Brasília. Primeiramente marquei um encontro com a comunidade no centro da aldeia. Fui de casa em casa comunicando as pessoas sobre minhas ideias e convidando-as para participarem das conversas. Todos compareceram ao local do encontro e comecei dizendo a eles sobre a finalidade do meu trabalho: “pesquisar e registrar a língua Yawalapíti e elaborar os livros didáticos para os professores indígenas ensinarem a língua materna aos alunos. Expliquei o objetivo principal que é para as crianças e jovens futuramente se comunicarem entre si e escreverem na língua materna.

Também falei da minha preocupação com o número reduzido de falantes, que revela o enfraquecimento da língua que já não está sendo falada cotidianamente na aldeia. Os falantes Yawalapíti fizeram suas considerações sobre a importância da documentação da língua Yawalapíti e, também, expuseram suas preocupações com a redução de números de falantes da língua. Pediram aos jovens que começassem a falar em Yawalapíti e que não deixassem a língua desaparecer. Também falaram sobre a produção de materiais audiovisuais para novas gerações ouvirem como se pronuncia a língua Yawalapíti e o que dizer, quando, onde e com quem.

Ao finalizar a conversa e a apresentação da minha proposta de pesquisa e registro da língua, agradei à comunidade pela atenção, pela compreensão, pelo apoio e pela presença de todos na conversa no centro da aldeia.

No dia seguinte, conversei com meu pai, Aritana, e com Makawana para tratarmos e combinarmos horário, dia e local da primeira entrevista. Fui esclarecer mais uma vez como seriam as estratégias que usaria em minha pesquisa. Havia planejado que ela se iniciaria com uma entrevista, visando a correção da escrita dos dados que já havia registrado anteriormente. Entramos no consenso de que faríamos a entrevista e efetuaríamos a correção dos dados registrados e o registro de novos dados, uma vez por semana.

Fui escrevendo algumas palavras em português e na língua Yawalapíti. Apesar de não falar com fluência a língua Yawalapíti, a compreendo plenamente. Assim pude realizar a minha pesquisa, sobretudo porque eu não tinha tanta dificuldade em escrever em Yawalapíti.

Para fazer as correções da escrita Yawalapíti e projetar o trabalho, usei o Datashow da Associação Awapá Yawalapíti fazendo a leitura das palavras na língua, de forma que os professores ouvissem a minha pronúncia e, juntos, fizéssemos as correções. Eu continuava pesquisando as palavras e frases quando não sabia pronunciar ou entender os enunciados, consultava meu pai ou meu tio Makawana.

Havia dias em que eu aproveitava para formular as perguntas ou tirar as dúvidas com os falantes no centro da aldeia, no trabalho coletivo, na pescaria, na construção da casa, anotando sempre no caderno e depois fazendo a correção do que escrevia nessas ocasiões. Às vezes meu pai contava histórias, estando eu sentado ao lado dele ouvindo e anotando algumas palavras novas para mim, e depois fazia-lhe perguntas para dirimir minhas dúvidas.

Marquei novamente um encontro dos dois professores Yawalapíti com Makawana e Aritana, na escola, para fazermos correções. Fui lendo as palavras e os dois foram corrigindo a pronúncia do que eu havia transcrito.

Makawana e Aritana me pediram para apresentar à comunidade o que fora o trabalhado com eles durante a entrevista. Combinamos, então, de organizarmos um encontro às 19 horas da noite do mesmo dia. Na reunião, usei novamente o data show da Associação para apresentar o trabalho realizado com os dois caciques. Durante a apresentação, fui evidenciando cada palavra que havia escrito na língua do Povo do Tucum e todos gostaram.

Essa foi a metodologia usada até iniciar o meu mestrado em Linguística na Universidade de Brasília.

0.3 A PESQUISA LINGUÍSTICA NO ÂMBITO DO MESTRADO

Ao iniciar o mestrado em linguística, minha pesquisa passou a ser orientada em função da necessidade de descrever minha língua. A primeira etapa da pesquisa consistiu em coletar dados lexicais junto ao meu pai para identificar os sons da língua e realizar o estudo fonológico. Nessa etapa, além de fazermos o estudo fonético e fonológico, já analisávamos semanticamente as palavras e iniciávamos a análise morfológica delas. Em seguida, aprofundamos o estudo da forma das palavras, destacando de suas raízes os afixos e demais elementos aglutinantes, analisando-os semanticamente. Em seguida, analisamos os tipos de predicados, orações complexas, negação, perguntas e comandos. Assim, a coleta de dados e a análise linguística avançava. Foram muitos questionários organizados que nortearam a coleta de dados, sempre aplicados junto ao meu pai, Aritana e, posteriormente, com o seu falecimento, junto aos meus tios Makawana e Makúku. Parte dos dados coletados foram gravados por meio do celular, outra parte foi gravada por meio do gravador ZOOM H4n, em Brasília, na residência da Profa. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, para onde foram meu tio Makawana e Walamatú.

0.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação inclui uma introdução com os objetivos, a metodologia e a justificativa e uma explicação da organização interna do trabalho. O Capítulo I trata do povo e da língua. O Capítulo II apresenta um estudo da fonologia segmental e de alguns processos fonológicos e morfofonológicos da língua Yawalapíti. O Capítulo III trata das Classes de palavras e o Capítulo IV trata de aspectos da morfossintaxe e sintaxe da língua - predicções, orações simples e complexas, voz, negação, dentre outros. Em seguida a conclusão com os principais resultados do estudo, conforme os objetivos pretendidos. Finalmente, apresentamos um anexo com fotos dos Yawalapíti e da pesquisa de campo.

CAPÍTULO I – SOBRE O POVO DO TUCUM OU YAWALAPÍTI E SUA LÍNGUA NATIVA

1.1 YAWALAPÍTI, O POVO DO TUCUM

O presente capítulo reúne algumas observações sobre os Yawalapíti, sobre sua cultura e sobre sua língua. Arqueólogos e antropólogos têm contribuído para a reconstituição da pré-história dos ancestrais dos povos xinguanos (HECKENBERGER, 1996, 2002), assim como sobre a cultura desses povos (VILAS-BOAS, 1990, MENEZES BASTOS, 1983, 1992; HECKENBERGER, 2001; ALMEIDA 2012; JUNQUEIRA, 2010; JUNQUEIRA e BARUZZI, 2005, entre vários outros), principalmente vistos, na atualidade, como um complexo cultural em que, resguardadas particularidades de cada povo, organizam-se como uma unidade cultural, porém não linguística. Optamos, na presente dissertação por apresentar uma breve versão da história do contato contada por Aritana e por Wátsu² cujos detalhes, em várias partes, não coincidem com o que dizem estudiosos dos povos xinguanos sobre os Yawalapíti (Cf. CASTRO, 1977; ROCHA, 2014). Sim, porque as versões que apresentamos aqui, são da memória dos Yawalapíti, que refletem como eles guardaram as informações transmitidas por seus respectivos pais e avós. A contextualização dos Yawalapíti aqui apresentada é uma versão revisada do TCC de Tapí Yawalapíti, defendido na UNEMAT, em 2010.

1.2 CONTEXTUALIZANDO O POVO YAWALAPÍTI

Contam os antigos, que a primeira aldeia do povo *Yawalapíti*, segundo a memória coletiva oral, era chamada de *Yawalapíti* e ficava na região do Médio Xingu. A segunda aldeia se chamava *Yakunipü*, localizada a norte da aldeia *Aweti*; já a terceira aldeia se chamava *Üuya* (lagoa), e era localizada próxima ao atual Posto Leonardo. Os Yawalapíti moraram no *Amakapuku* (dormitório), a três quilômetros ao sul desse posto e segundo contam os mais velhos, onde foi aberta uma nova aldeia chamada *Tipa tipa* (Rio das Pedras), situada sete quilômetros ao sul do mesmo posto, e que é a atual morada do povo Yawalapíti.

Na primeira aldeia, segundo os antigos, a aldeia *Yawalapíti*, viviam muitas pessoas que habitavam em casas comunais que formavam dois meio-círculos, formando um grande círculo, tendo no centro um pé de tucum de aproximadamente 30 metros de altura, razão pela qual o povo *Yawalapíti* ficou conhecido como Povo do Tucum. Até hoje, existem pés de pequi, pedaços de cerâmicas, machados de pedra, flechas e marcas humanas no antigo porto onde o

² Wátsu, prima de Aritana, com aproximadamente 100 anos, desapareceu no mato em 2016 e nunca foi achada. Segundo os Yawalapíti, Wátsu encantou-se, tornou-se *paáiri*.

povo Yawalapíti tomava banho. Nas suas antigas aldeias, os Yawalapíti passaram por momentos difíceis, e parte importante da população veio a falecer por mortes atribuídas a feitiços, restando apenas oito indivíduos. Esta redução populacional afetou todas as atividades culturais comunitárias, como os rituais, a alegria, a solidariedade e a reunião do povo.

Um ano após a tragédia, o cacique Aritana foi assassinado pelos guerreiros *Awety*, o que levou o restante do povo *Yawalapíti* (sete indivíduos) a se distribuírem entre os *Kuikúro*, *Mehináko* e *Kamaiurá*, para estarem perto de conhecidos que lhes faziam lembrar dos primos(as), tios(as), da família.

Quando Orlando Villas Boas fez o primeiro contato com os povos do Xingu, nenhum indígena local falava português. Foi Nahu Kuikuro um dos primeiros a aprender essa língua e quem informou a Orlando sobre a existência de dois jovens *Yawalapíti* que moravam na aldeia *Kuikúro* (*Kanátu* e *Sariruá*). *Kanátu* foi então chamado para ser apresentado ao sertanista para falar sobre o seu povo, mas, sem compreender a língua portuguesa, foi Nahu quem explicou a Orlando sobre a existência de seis outras pessoas Yawalapíti. O jovem *Kanátu* foi então levado por Orlando a uma expedição pelo Xingu, na tentativa de reencontrar os outros Yawalapíti, os quais foram localizados entre os *Mehinako* e entre os *Kamaiurá*. Finalmente o jovem *Kanátu* encontrou seus primos, após longa separação.

Em seu retorno, Orlando resolveu realizar o casamento de *Kanátu* com *Teporí* Kamayurá, a filha do cacique *Kutamapü* Kamaiurá. O indigenista fez o casamento dos dois e conversou com o cacique sobre levar *Teporí* junto com seu esposo em nova expedição. O casamento foi realizado e a filha do cacique viajou, o que lhe permitiu conhecer diferentes povos, rios e aldeias. Durante a expedição, *Kanátu* foi aprendendo a língua portuguesa.

O sertanista resolveu reunir a família de *Kanátu* que estava morando entre os *Kuikuro*, *Mehinako* e *Kamayurá*, no Posto Indígena Leonardo Villas Boas, para de lá reabrir a aldeia velha, chamada *Üuya* (lagoa), onde viria a reunir os Yawalapíti. Foi *Waranaku*, o mais experiente da turma, que se lembrava do local da aldeia velha, indicando com a mão a direção do seu local. *Kanátu* traduziu a fala do seu primo na língua portuguesa e, ao encerrar a conversa, imediatamente o indigenista pediu aos Yawalapíti para que o acompanhassem na reabertura da aldeia.

Primeiramente os não indígenas colaboraram na roçada, na derrubada e na queimada do local e transportaram diversas ramas de mandioca da aldeia *Kamaiurá*, que foram plantadas na nova aldeia e ajudaram a construir uma casinha para alojar pouquíssimas pessoas. Ressalte-

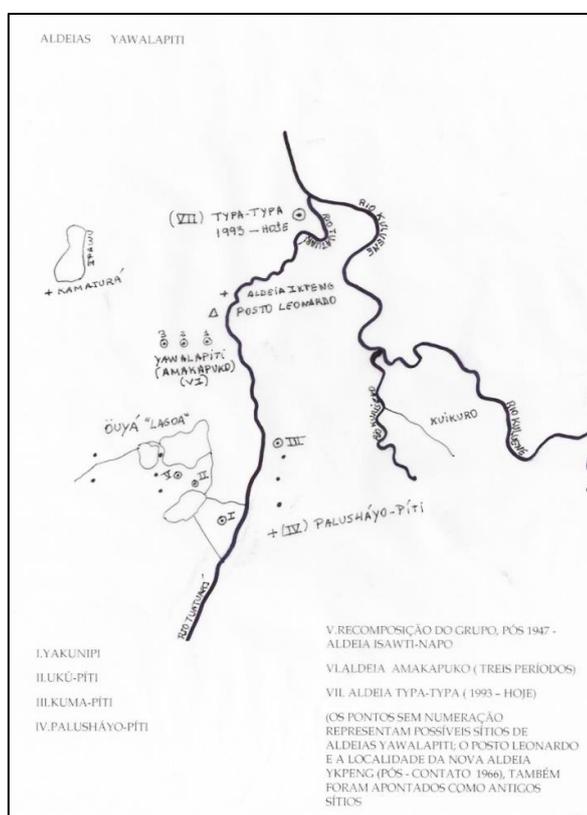
se que não havia nenhuma criança entre eles. Foi *Sariruíá*, irmão mais velho do *Kanátu*, que se tornou o cacique do povo.

O cacique *Sariruíá* se casou com *Aunalú Yawalapíti*, e teve como segunda esposa *Makuakaitsu*, da etnia *Mehinako*. Seu primo *Moraika* se casou com a irmã de *Kanátu* e de *Sariruíá*, tendo como segunda esposa uma mulher *Nafukuá*. Uma outra irmã de *Kanátu* se casou com um *Waurá*, e outra com um *Kuikuro*. Assim aconteceram os casamentos que, se por um lado garantiram a continuidade dos *Yawalapíti*, por outro, enfraqueceram sua cultura e sua língua originais.

A primeira criança a nascer na aldeia *Üuya* (lagoa) foi *Aritana*, neto do cacique *Aritana*, que havia sido morto pelos guerreiros *Awetí*. Orlando Villas Boas, ao ver o nascimento da criança, pegou-a no colo, chorando de emoção, abraçando *Kanátu*, contente pelo nascimento de quem viria a ser o futuro líder do povo *Yawalapíti*.

O objetivo do indigenista era ver crescer a população, ver a alegria do povo e apreciar a aldeia em festa. Desde então, a população foi crescendo e atualmente é constituída de aproximadamente 305 pessoas. Há apenas um idoso *Yawalapíti* vivo nessa aldeia, o outro sobrevivente vive com os *Kamayurá*.

Figura 1 – Aldeias *Yawalapíti*



Fonte: Rocha (2014, p. 73)

Até pouco tempo atrás, quem comandava o povo era Aritana, filho de *Kanátu* e sobrinho do cacique Sariruí. Além de liderar sua comunidade, foi designado pelos 16 povos do Parque Indígena do Xingu para ser seu cacique geral. Aritana, a quem dedico esta dissertação, faleceu de COVID-19 em 2021.

1.3 PRÁTICAS CULTURAIS DO POVO YAWALAPÍTI

Atualmente, as gerações mais jovens praticam danças, tocam as flautas, se pintam, participam das construções das casas tradicionais, praticam *huka-huka* (luta corporal, embora não todo dia, como era costume dos ancestrais). Pescam com arco e flecha, com timbó, e continuam aprendendo sobre medicina tradicional, valorizando o trabalho de raizeiros, parteiras e pajés.

Práticas culturais importantes (que até 2018 não estavam sendo praticadas sistematicamente pelos jovens) foram revitalizadas com o apoio do Projeto de Revitalização da Cultura Yawalapíti, promovido pelo Instituto Socioambiental (ISA), com verbas do FUNDO AMAZÔNIA, como a confecção de adornos, de flecha com pena de gavião e de arara, canoas, remos, chiquis, cestos, pentes, assim como a prática de ouvir histórias contadas pelos idosos, da aprendizagem de músicas, da promoção de brincadeiras infantis, da aproximação dos jovens aos idosos, da reclusão, da reunião da tarde na casa dos homens, do banho de madrugada, do aquecimento com óleo de pequi e tintas naturais.

1.4 AS PINTURAS YAWALAPÍTI

As pinturas *Yawalapíti* estão intrinsecamente relacionadas à cosmologia do povo, como veremos. Sua origem está na criação da humanidade, na origem do ritual de homenagem aos mortos e da formação do cacique/guerreiro, como veremos.

Existem vários tipos de pinturas corporais, entre os *Yawalapíti*, a saber: asa de borboleta, onça, gavião real, escama de peixe, trilha de formiga, lambaris, sucuri, unha de tatu-canastra, pintura de alma (é o nome da pintura), pintura de convidador, casca de jabuti, gaiivota, peixe voador, *sucuri*, cascavel, pé de anta (pintura infantil), rede e gaviãozinho. Exemplifico, em seguida algumas dessas pinturas. No que segue, tratamos da pintura do cacique/guerreiro Yawalapíti: *Yanumaka Iyana*.

1.4.1 A pintura corporal do cacique/guerreiro *Yawalapíti*: *Yanumaka Iyana*

Segundo o cacique *Aritana Yawalapíti*, em tempos antigos, não existiam pinturas corporais, nem havia reclusão, atividades para formação de lutador, cantor, construtor de casa, cacique, pajé, artesão e raizeiro, entre outros. Foi *Kami* (Sol) e *Küri* (Lua) que decidiram realizar um grande encontro, o primeiro ritual sagrado. Para isso, refletiram bastante, utilizando suas respectivas criatividades, capacidades intelectuais e magias para idealizar pinturas que simbolizassem o ser guerreiro e ser cacique. Os dois irmãos pensaram, estudaram, debateram, e planejaram como efetuariam o encontro e a realização do primeiro ritual *Kuarup* para homenagear sua mãe. Tudo foi pensado e planejado na aldeia *Myrenã*. Eles decidiram pela concretização do evento, mas, primeiramente, transportaram o polvilho de *Myrenã* a *Sagihengu*, onde homenageariam sua mãe. Os polvilhos seriam para oferecer beiju e mingau aos convidados durante ritual e, nesse encontro, aproveitariam a ocasião para criar as pinturas corporais, realizar a nomeação do cacique/guerreiro, para estabelecer as regras de luta para a confirmação do local de formação. Isso tudo era novidade. Assim, criaram o ritual *Kuarup* na aldeia *Sagihengu*, lugar sagrado, lugar da origem de todas as coisas.

Ao longo da preparação do ritual, constituíram diversos tipos de pinturas, colocaram-nas sobre uma esteira longa e escolheram duas delas, as quais junto com adornos preparados por eles, presentearam o futuro cacique/guerreiro indicado neste evento.

Em seguida, guardaram carinhosamente as duas pinturas e os adornos presenteados dentro da esteira fechando-a bem. A partir daí, *Kāmi* (Sol) e *Küri* (Lua) discutiram sobre a organização do ritual, estabelecendo regras de uso de símbolos, estabelecendo dois rituais de passagem para os futuros guerreiros/caciques, em que seriam usadas as pinturas e os adornos. Também optaram por certos rituais e épocas apropriadas para usarem as pinturas e os adornos.

As pinturas passaram, então, a ser usadas no ritual *Kuarup* ou no momento de tocar *Wüpiü* (flauta que acompanha a realização do *Kuarup*), e também no ritual *Ulutchi* (em que há troca de objetos). O uso de enfeites foi definido para promover o discurso. Assim foram formuladas as normas para uso das pinturas e adornos do cacique/guerreiro.

Concluída toda a caracterização dos símbolos, das normas e da organização do ritual foram enviados os mensageiros para informar e convidar os animais, a fim de participarem da grande solenidade.

Os convidados foram recepcionados na aldeia dos animais e passaram as mensagens aos convidados, dizendo que ficariam acampados próximos da aldeia, que iriam pegar o fogo para se aquecerem, e que haveria indicação do representante do povo que lutaria no dia seguinte.

Tudo o que foi recomendado pelos coordenadores do evento *Kāmi* (Sol) e *Kūri* (Lua) foi repassado, até que chegou o momento de partir para *Sagihengu*, a aldeia *Kāmi* (Sol) e *Kūri* (Lua) do sol, onde seria realizado o grande ritual *Kuarup*.

O ritual teve início com a chegada dos convidados a *Sagihengu*, que ficaram acampados próximos da aldeia, conforme pactuado. Todos foram recebidos e cumprimentados pelos articuladores. Primeiramente os participantes foram reunidos para tomarem ciência da programação do ritual, que incluía a exibição de artes. Os coordenadores iniciaram dizendo que haveria nomeação do representante do povo (cacique), e o indicado receberia as pinturas escolhidas.

Na sequência, mostraram os dois símbolos e todos os presentes ficaram surpresos com a apresentação das pinturas, pois jamais haviam visto nada igual. No momento de lançar os símbolos, não possuíam os nomes e aguardaram a indicação. Somente após a escolha da pessoa certa para tornar-se cacique foi que definiriam os nomes das pinturas. Também ressaltaram a época apropriada para realizar o ritual *Kuárup* que foi definido para o período em que não há chuva, e que o ritual deveria ocorrer com as duas *Wüpiü* (flautas de taquaras).

Quanto à realização do ritual *Ulutchi* (troca de objetos), foi definida que ocorreria no período das chuvas. Informaram sobre as regras desse ritual, que é quando os criadores asseguram a utilização das pinturas àqueles que irão passar por formação de guerreiro. Os adornos foram feitos exclusivamente para uso do cacique ao discursar por ocasião de rituais ou de discussões sobre questões sociais e políticas.

Os realizadores do evento exigiram dos convidados que indicassem o representante do povo, o que foi realizado sem polêmicas, decidindo-se pela indicação de *Yanumaka* (a onça) para exercer essa função.

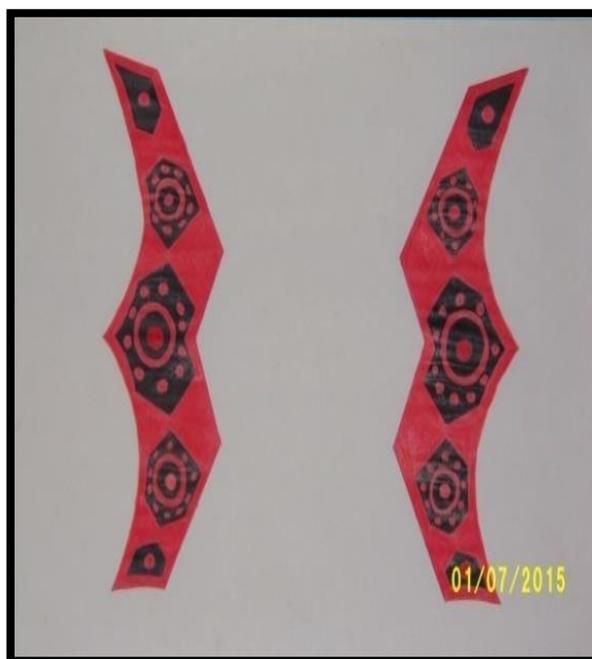
Após escolha do novo representante, os dois irmãos exigiram que os participantes permanecessem nos lugares para participarem da pequena cerimônia que seria dedicada ao guerreiro no momento de pintura corporal, a qual foi precedida de cantos sagrados e de gritos de guerreiros.

Na sequência, pintaram o guerreiro ao som de rezas para a pintura se fixar em suas costas, em seu peito, e em suas coxas e pernas. Assim as marcas ficaram fixadas para sempre no corpo do guerreiro *Yanumaka* e por cima delas botaram os enfeites. Finalmente, foi oficializado publicamente o nome da pintura: *Yanumaka Iyana* (pintura de onça), homenageando o próprio guerreiro com a pintura recebida. O símbolo ficou para identificar o

representante do povo, ou seja, a pessoa guerreira. Em seguida, o novo guerreiro foi cumprimentado e parabenizado pelo grupo.

No dia seguinte, houve a luta corporal entre animais e peixes. *Yanumaka* venceu todas as lutas e, assim, se tornou o grande cacique/guerreiro na história da origem da pintura do guerreiro.

1.4.1.1 *Yanumaka iyana* (pintura de onça)



O círculo vermelho e as bolinhas vermelhas ao seu redor são o que simbolizam e identificam os guerreiros durante os rituais. Essa pintura, que foi cedida ao *Yanumaka*, é tradicionalmente utilizada para a *Tapanawanã* (dança de peixe), e para a *Takuára* (flautas), tocada por cinco pessoas, que vão de casa em casa, assim como para as *Jakuí* (flautas sagradas) tocadas somente na casa dos homens e no ritual *Kuarýp*, durante a luta corporal.

As tintas usadas nas pinturas são óleo de copaíba, óleo de pequi, creme de urucum e carvão.

1.5 A PREPARAÇÃO DO CACIQUE

A preparação do cacique sempre vinha seguindo as antigas regras, com o mestre repassando o conhecimento necessário à formação do guerreiro e de seu papel na qualidade de cacique. A reclusão era fundamental, de forma que o formando aguardava a determinação dos

pais em relação ao tempo que permaneceria na reclusão, preparando-se, em isolamento e proibido de manter qualquer tipo de contato com o mundo exterior, sendo permitido que olhasse para o mundo de fora por meio de uma pequena janelinha, sem poder sair nem conversar com ninguém que não fosse de sua família. Ficava no quarto isolado olhando da janelinha. À noite, aproximadamente entre 19 e 22 horas, era o tempo certo para ouvir os ensinamentos e discursos específicos acerca de sua sociabilidade, da organização social do seu povo e da preparação dos rituais.

Às três horas da manhã, o jovem acordava e levantava para tomar banho, pegava seu banco e sentava para assistir o movimento do fogo. De madrugada, o mestre saía para discursar no centro da aldeia e o futuro cacique, concentrado, ouvia o discurso. Às vezes discursava sobre ensino, educação, formação do homem (ser lutador, artesão, ser bom de arco/flecha e cantor), formação da mulher (saber preparar alimentos, fazer rede, peneira e ser cantora), alertava o povo e orientava a hora certa de atacar adversário na guerra. O mestre também discursava sobre planejamento de caçada, de pescaria, de plantios, sobre como tirar tristeza após o falecimento de parente, sobre a participação das cerimônias em outras aldeias, sobre fazer tatuagem, sobre casamento e sobre furação de orelha. É nessas ocasiões em que o cacique usa os adornos.

Antes que o mestre passasse as braçadeiras e a responsabilidade ao rapaz em formação para cacique, o rapaz ensaiava praticando tudo que ele aprendera durante a reclusão. O mestre o acompanhava, ouvindo o discurso do educando. Após o acompanhamento e a avaliação pelo mestre, era permitido ao jovem cacique comandar, ordenar, tomar iniciativa, representar e usar os adornos para discursar politicamente com total autonomia.

1.5.1 O uso do enfeite



Foto: Tapi Yawalapíti

Ao discursar, usar as palavras específicas para tratar de assuntos importantes, definir questões ou realizar alguns rituais, o cacique utiliza os enfeites e pega seu arco e flecha. A flecha é enfeitada com pluma de arara e de gavião real. Pluma de arara vermelha significa sangue e pluma de gavião real significa sinal de guerra. O couro de onça que é usado ao discursar sobre assuntos muito importantes para o povo, assim, as pessoas permanecem em silêncio total, ouvindo e prestigiando o discurso. Com os adornos, o cacique demonstra autoridade, personalidade, autonomia na decisão de conduzir a organização social e de ser admirado pelo povo.

1.5.2 Preparação dos lutadores para usar a pintura



Fotos: *Tapi Yawalapíti*

Quando os pais decidiam o futuro dos filhos para se tornarem lutadores e usar a pintura de guerreiro, pensavam bastante antes de os rapazes passarem pelos processos de preparação de formação. Os guerreiros dependiam das decisões dos pais, se ficavam três ou quatro anos na reclusão. A formação do futuro cacique também se passava nesse período, era proibido sair de casa para falar ou se divertir com os colegas, só conversava com a família, os pais eram responsáveis pela formação ou destino dos jovens. Depois de determinar tudo, botavam os adolescentes para encarar o desafio na reclusão: tomar chá ou passar creme de raiz fortificante, passar sangria uma vez por semana para renovar a energia e ficar anos no local de formação.

Os mestres planejavam tudo antecipadamente: qual raiz iria tomar ou passar; quantos dias ficaria de regime; quem cuidaria e o que iria comer. Resolviam também, caso o futuro guerreiro não quisesse passar creme de raiz fortificante, arranhar uma vez por semana para passar raiz que tem dose fraca e ainda orientavam o guerreiro a usar braçadeiras e joelheiras de algodão para engrossar os braços e as pernas.

Mas, se escolhesse passar creme de raiz com a dose forte nos braços, no peito, nas coxas e nas pernas, não era necessário passar arranhadeira uma vez por semana, pois esse remédio já vai formando e engrossando os músculos naturalmente. Após passar raiz fortificante (dose forte), os guerreiros permaneciam três meses só comendo alimentos sem tempero como: pimenta, sal, pequi, castanhas, comidas gordurosas, peixes assados e frutas. O mestre dava instruções para a anciã, que preparava a comida, e ela seguia certas receitas para não provocar paralisia, diarreia e óbito. Só comia peixe cozido e o caldo era derramado cinco vezes para poder tirar bem a gordura.

As pessoas que já tinham sido excelentes lutadores eram quem arranhavam os futuros guerreiros, pois já haviam passado pelo processo de formação, pois conheciam e sabiam preparar certas doses de raízes para o formando.

1.5.3 Outra alternativa para ser lutador

Quando os jovens não eram correspondidos pelos espíritos com raízes fortificantes, os pais iam à procura de cobra sucuri, para o filho se tornar lutador e usar pintura de guerreiro. Ao encontrá-la, futuros guerreiros eram levados até o local para serem picados pela cobra nas coxas e nas pernas. Após a picada, cortavam aproximadamente 40 cm do rabo da sucuri e soltavam-na na água pacificamente. Os jovens observavam e aguardavam a cobra dar sinal. O sinal positivo é quando a cobra vai seguindo no fundo da água sem boiar. (Significa que o formando viverá uma vida longa). O sinal negativo que a cobra dá é quando ela boia até morrer. (Significa

que o formando não viverá muito tempo). O rabo da cobra servia para o enfeite do próprio rapaz que o tirou.

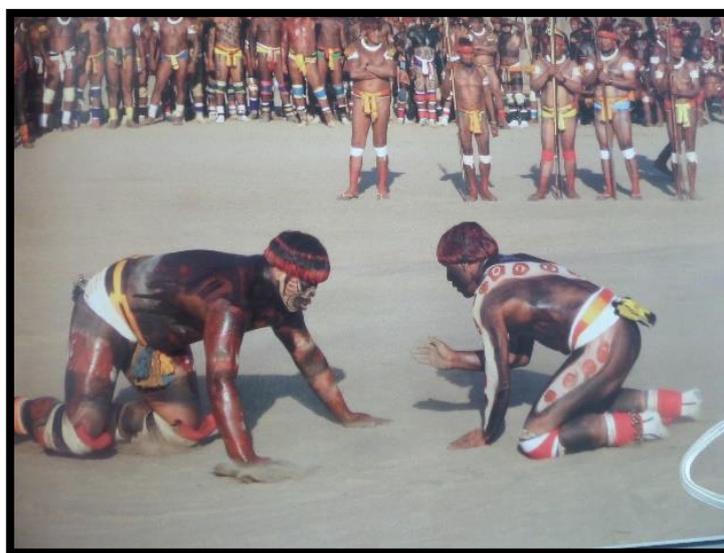
Após passarem raiz fortificante ou levar picada de cobra sucuri, os guerreiros ficavam de três a quatro dias de repouso, sem poder mover os braços, pernas, falar e nem prestar atenção às conversas da família. Eles deviam cumprir a ordem dos pais. Há jovens que suportam o resguardo, outros não. Às vezes não cumpriam as regras, então os pais preparavam chá de erva na cuia infantil.

1.5.4 Avaliação do guerreiro

Depois de passarem por alguns dias de repouso, os guerreiros saíam do quarto em direção ao centro da aldeia para treinarem com mestres. Durante o treinamento, os jovens guerreiros eram observados pelos professores que queriam ver se realmente apresentavam as atitudes que o espírito da raiz ou da cobra prepararam durante o repouso. O espírito cedía a força e as técnicas para alguns dos formandos, pois o espírito escolhia, de preferência, o perfil de cada pessoa para ser um lutador. Com bastante esforço, com intuito certo, vontade e coragem, alguns jovens conseguiam ser excelentes lutadores. Nem todos realizavam o desejo dos pais de serem guerreiros, pois só quem possuía sorte é que se formava.

Quando os treinadores averiguavam que o jovem realmente foi preparado espiritualmente e tecnicamente, a pintura era cedida a ele.

1.5.5 Momento certo de usar a pintura



Luta huka huka - Foto: *Tapi Yawalapiti*



Cena de um ritual Kwarýp - Foto: *Tumin Yawalapíti*

Conforme as decisões tomadas pelos criadores, a pintura de guerreiro é somente usada no ritual *Kuarup*, no momento de tocar wüpü (flauta que acompanha a realização do *Kuarup* e no ritual *Ulutchi* (troca de objetos).

Nesses rituais, o guerreiro se pintava com argila branca, imitando a pintura de onça, também se pintava todo de preto com carvão, por cima fazia pintura de onça com urucum e óleo de copaíba. Com isso, ele demonstrava sua coragem como *Yanumaka*, sentia-se bem preparado para encarar seus adversários com sua bela pintura, pois o guerreiro já vinha treinando *huka-huka* ao longo da sua preparação para se tornar mestre e até chegar ao momento da disputa de luta no ritual *Kuarup*.

Toda vez que partia para a luta, era pintado cautelosamente pelos pais ou avôs. Na luta dedicava a vitória ao seu povo, pois o guerreiro era visto como uma pessoa muito importante para as pessoas no momento da luta. É ele quem representa seu povo e, à medida que vai vencendo todas as lutas, todos torcem por ele, que comanda essa ocasião e deixa seu grupo feliz com a vitória. Com a pintura demonstrava força, técnica, agilidade e chamava atenção das pessoas que assistiam à luta e viam o guerreiro vencer todas.

Após se pintar com argila branca, o guerreiro tomava raiz ou nebulizava com pó de ervas para tirar a reza e limpar a energia de argila do corpo. Enquanto não nebulizava, não comia e não tomava o mingau. Esse alimento podia fazer mal para a pessoa, pois na história citada acima, quando foi fixada pintura no *Yanumaka*, foi cantada a música sagrada pelos criadores. E, por essa razão, não é permitido aos meninos e aos adolescentes usarem argila branca.

Assim se originou e surgiu o símbolo especial para o povo *Yawalapíti*. A pintura foi feita exclusivamente para identificar, simbolizar pessoas que possuem papéis indispensáveis, que representam, que são porta vozes do povo: cacique e guerreiro.

1.6 SITUAÇÃO ATUAL

De acordo com o cacique Aritana, na década de 90, ainda havia preparação e a formação na reclusão. Tudo ocorria como acontecia há muito anos, os jovens se dedicavam a tudo, obedeciam à ordem dos mestres, todos passavam por processos de preparação de uso da pintura. Ainda tomavam raízes fortificantes, passavam arranhadeira uma vez por semana para usar braçadeiras e renovar as energias. A pintura era somente usada pelos guerreiros, não pelas pessoas que não possuíam formação.

Os jovens que passaram na reclusão na década 1990/98, antes de enfraquecer os processos de preparação de formação, têm conhecimentos sobre os símbolos específicos, sabem de quem é essa pintura. Valorizam muito a pintura de guerreiro, conhecem as regras, a história, origem de pintura, valor de símbolo, pois cada um passou ou teve diferentes formações de pintura, canto, flautas, construção de casas tradicionais, confecção de pentes, de máscaras de madeiras, de arranhadeiras, de cestos, assim como formação para ser bom de mira.

Entre 2000 e 2013, houve muitas mudanças, avanços positivos e negativos na parte da cultura, na organização social, na formação humana, na educação tradicional, no hábito, no ensino, na aprendizagem, na retransmissão de conhecimento e, principalmente, no uso da pintura de guerreiro. O que causou a influência negativa na cultura, entre tantos outros fatores, foi a televisão com novelas, filmes de violência, mostrando modelos ocidentais de cortes de cabelo, roupas, calças, tênis e tatuagens, entre outros.

A parte negativa disso é que os pais, as mães, avós dos meninos e dos jovens ficam muito angustiados, observando as mudanças ocorrerem rapidamente e percebem que os jovens não consultam mais os anciões. Com isso, eles não têm controle e não podem cuidar dos jovens. Para eles, os jovens não têm mais admiração pelos mais velhos e desprezam os seus conhecimentos tradicionais. Observa-se que, na atualidade, não está havendo mais o interesse em frequentar o espaço de formação, de preparação, assim como não há muito interesse em aprender as músicas e a confecção de artesanatos. A consequência disso tudo é o enfraquecimento e a perda cultural do povo *Yawalapíti*.

Como não está ocorrendo mais preparação, formação, aprendizagem, local de formatura, os rapazes estão deixando de se dedicar a suas próprias práticas da cultura tradicional

como: praticar *huka-huka* (luta corporal), rezas, narrar as histórias, corte de cabelo, de passar urucum, óleo de copaíba, confeccionar pentes, cestos, fazer canoa, arco preto, flechas com pluma de arara/gavião real, cocares, máscaras de madeiras, entre outros.

Alguns já não passam arranhadeira para usar braçadeiras/joelheiras e, principalmente, não tomam mais o chá e creme de raízes fortificantes.

Com essas mudanças, a pintura/enfeite do cacique/guerreiro já está sendo usada de qualquer forma pelos meninos e jovens. Eles não conhecem as regras, não sabem qual processo que a pessoa passa para sua formação e para usar o símbolo. A juventude não tem noção do que são esses símbolos/adornos, não sabe o período certo de usá-los. A minoria da juventude ainda usa as tintas naturais, pois os pais passam isso desde criança, até se tornarem adolescentes. Esses são o que têm interesse em manter a cultura, que pintam, gostam de pintar com óleo de copaíba, urucum, óleo de pequi, jenipapo, rezina, carvão e participam dos rituais.

A maioria usa as tintas artificiais, mais fácil de tirar e lavar após os rituais, pois não gostam de ficar com as pinturas por uma semana, tem menos interesse de participar das cerimônias e não é favorável em manter a cultura.

1.7 SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO POVO YAWALAPÍTI OU POVO TUCUM

Hoje, poucos são os *Yawalapíti* que falam ou que têm algum conhecimento da língua *Yawalapíti*. Por outro lado, os *Yawalapíti* falam de 3 a 4 línguas distintas, além do português: *Mehinako*, *Waurá*, *Kuikuro*, *Kalapálo* e *Kamaiurá*. Como já mencionamos anteriormente, há seis falantes fluentes, três homens e três mulheres, quatro lembradores, dois homens e duas mulheres, e quatro pessoas mais jovens que conhecem a língua, dos quais, dois continuam a aprendê-la. Como os *Yawalapíti* falantes ou lembradores da língua nativa têm cônjuges de outras etnias, isso tem impedido que a língua *Yawalapíti* seja ensinada às novas gerações. Os *Yawalapíti* se distribuem por cinco aldeias e, um número cada vez mais crescente de jovens se mudam para as cidades próximas do PIX, como Canarana, Gaúcha do Norte e Querência. Entre os *Yawalapíti*, as línguas mais faladas são o *Kamaiurá* e o *Kuikuro*. Nesse contexto a língua nativa tem gradativamente perdido terreno, sendo raras as oportunidades de encontros entre falantes fluentes que possam manter conversas na língua que possam ser ouvidas pelos demais *Yawalapíti*, principalmente os jovens.

Há que se promover encontros entre os conhecedores da língua, de forma que os ouvintes se sintam motivados a aprendê-la. Note-se que as novas gerações começam a

demonstrar interesse em aprender a falar a língua *Yawalapíti*, o que é uma esperança para que a língua não desapareça completamente.

Um fato importante é que os *Yawalapíti* falam, em certas circunstâncias, na sua própria língua com os jovens, os quais respondem na língua *Kamaiurá* ou na língua *Kalapalo* ou *Kuikuro*. O que traz também esperanças de que a língua não seja esquecida.

O método de aprendizagem usado por mim e por meu primo *Walamatú* é muito próximo do Método Mestre e Aprendiz (HINTON et ali, 2020). Pretendemos aprofundar a leitura do Método e usá-lo, na medida do possível, para aprendermos a falar com fluência junto aos falantes plenos da língua.

1.7.1 Conhecimento linguístico da língua *Yawalapíti*

O primeiro estudo linguístico do *Yawalapíti* foi de autoria de Mitzila Izabel Ortega Mujica. Trata-se de uma dissertação de mestrado intitulada “Aspectos Fonológicos e Gramaticais da Língua *Yawalapíti* (Aruák)” (1992), desenvolvida no âmbito do “Projeto Documentação e Descrição das Línguas do Parque Indígena do Xingu”, coordenado pela Profa. Lucy Seki.

O estudo de Mitzila Mujica contém uma introdução, dois capítulos, referências, notas e dois anexos. No Capítulo I “Aspectos Fonológicos da Língua *Yawalapíti*” apresentam-se: uma Descrição e Distribuição dos Segmentos consonantais e vocálicos, algumas observações sobre duração e acento, uma análise fonêmica e aborda brevemente a nasalidade. O Capítulo II apresenta algumas características tipológicas da língua, mas seu foco principal são classificadores, afixos derivacionais, ordem dos constituintes e sistema pronominal da língua. Os anexos trazem os dados usados no estudo.

Uma outra pesquisadora que estudou a língua *Yawalapíti* foi Jaqueline Medeiros de França, porém ela não chegou a publicar os resultados de seu estudo.

Mais recentemente foi publicado o material linguístico da língua *Yawalapíti* coletado na década de 1970, organizado em dois cadernos, um datando de 1970 e outro de 1976, pela pesquisadora Renata Gérard Bondim. A coleta de dados foi realizada em minha aldeia, a Aldeia *Yawalapíti* e um dos colaboradores foi meu próprio pai, o Cacique Aritana. O material foi publicado “Estudo Sincrônico de Línguas Indígenas do Alto Xingu”, coordenado pela Profa. Charlotte Emmerich (EMMERICH, 2019).

Os dados coletados por Renata Gérard Bondim são muito ricos e constituem uma peça fundamental para a documentação escrita da língua. O vocabulário registrado por ela abarca

vários campos semânticos: partes do corpo, indumentária e adorno, alimentação, animais, caça e pesca, ambiente ecológico, parte da casa, aldeia, festas e rituais, canoa, saúde e termos de parentesco. Mas não se restringe a vocabulários desses campos semânticos e traz vários paradigmas verbais e nominais.

Os dois trabalhos são muito importantes, embora sejam ambos escritos, não havendo notícias de gravações sonoras desses dados.

CAPÍTULO II – FONOLOGIA SEGMENTAL E ASPECTOS PROSÓDICOS

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentamos a nossa análise fonética e fonológica da língua *Yawalapíti*. Seguimos os procedimentos de análise propostos por Kenneth Pike (1943, 1947). Iniciamos, por conseguinte, com a coleta de dados e a identificação e descrição dos fones da língua, com bases articulatórias, seguidas do estabelecimento de contrastes dos sons que guardam semelhanças fonéticas, o que permitiu a identificação dos sons que contrastam em um mesmo ambiente ou em ambiente análogo, ou seja, sons que distinguem significados, os fonemas e seus alofones (realizações fonéticas dos fonemas, em distribuição complementar, ou em variação livre uns com os outros).

2.2 ANÁLISE FONÉTICA DOS SONS YAWALAPÍTI

Apresentamos nesta seção os fones consonantais identificados nos dados que serviram de base para a presente análise. Foram identificados os seguintes fones: quatro consoantes oclusivas, três africadas, seis fricativas, três nasais, dois flepes, três laterais e duas aproximantes. Na produção das consoantes são distinguidos sete modos de articulação – oclusivo, africado, fricativo, nasal, flepe, lateral e aproximante – e sete pontos de articulação – bilabial, alveolar, retroflexo, alveopalatal, palatal, velar e glotal. O quadro seguinte reúne os sons do *Yawalapíti* distribuídos segundo modo e ponto de articulação e segundo a sua sonoridade – surdos ou sonoros.

Quadro 2 – Fones consonantais do *Yawalapíti*

Ponto de articulação →		Bilabial	Alveolar	Retroflexo	Alveo- palatal	Palatal	Velar	Glotal
Modo de articulação ↓								
Oclusiva	su	p	t				k	ʔ
Africada	su		ts		tʃ tʃʰ			
	so				dʒ			
Fricativa	su		s	ʂ		j		h
	so			ʐ				
Nasal	so	m	n		ɲ			
Flepe	su		f					
	so		r					
Lateral	so		l lʲ		ɬ			
Aproximante	so	w			j			

2.2.1 Descrição dos fones consonantais

2.2.1.1 Consoantes

[p] Consoante oclusiva bilabial surda

#__

[pala'lakẽmĩnõʔ]	‘arrepio’
[pi'təpəʔ]	‘bem-te-vi’
[pa'palu'kaka]	‘empate, um em frente do outro, lado a lado’
[pahi'tsiri]	‘pouquinho’
[pi,waka'ti]	‘você apaga’
[pitʃi'tʃi]	‘amarre’
[pə'mi]	‘você rouba’
[punu'paʔ]	‘olhe’
[pa'paju]	‘papai’
[pa,ʔau'tsa]	‘casa nova’
[pa,ʔau'tsalu]	‘casa que acabou de concluir’
[pa:ʌə'ri]	‘alma’
[pa'wa]	‘um’
[puri'ŋõma]	‘dois’
[putu'miʔ]	‘faz’
[a,wapi'tõna]	‘na nossa frente’
[pa,waʔikə'rira]	‘um mês’
[pu,ahi'ki]	‘joga’
[piki'rutaʔ]	‘cerca’
[pu,taka'nõũ]	‘outro povo (não Yawalapíti)’
[pa'timaʔ]	‘corre’
[pi,mahi'ki]	‘tu bates’
[pu,tiʔi'nõ]	‘tua calça’
[paʃi'ŋõku'kaʔ]	‘pode dormir’
[pa,dzuma'hia]	‘vá fora’
[paku'lalaka'ti]	‘você solda’
[pipu'luta]	‘você corta’

[papu'ti]	‘você lava’
[pu'kula]	‘sua flecha’
[pu'laçi]	‘seu beiju’
[pi'pu.lu]	‘mangaúba’

V__V

[a'pi:]	‘osso’
[ai,ripõ'na]	‘folha de cigarro’
[mapaçi'tʃipu]	‘cera’
[tupu'tupu]	‘canelão (madeira)’
[na'paka]	‘eu canto’
[nu,mapa'çi]	‘estou alegre’
[i,nana'papa]	‘eles’
[nu'hapapuju'ku]	‘sou alto’
[nu'pinaʔ]	‘minha casa’
[mapa'çi]	‘alegria’
[kapa'çala]	‘difícil’
[apu'ki]	‘vamos chupar’
[wi'piti]	‘terra’
[a,hipu'kɔa]	‘rodar’
[kipi'çə]	‘reza’
[ka'pahalapa]	‘brincar’
[a'paʔ]	‘música’
[i'palu]	‘adversário’
[i'pi]	‘hoje’

[t] Consoante oclusiva alveolar surda

#_

[tulu'malu]	‘pica-pau’
[ta'ruru]	‘lagartixa’
[tiʃu kanu'ja]	‘você é casado’
[ti'ʃa]	‘seu filho’
[tu'papa'nõ]	‘largo’

[tiʃu]	‘você ‘
[tiʃa'jala]	‘seu sangue’
[ti'nõu]	‘mulheres’
[tsa'tʃi]	‘devagar’
[tsi'wi]	‘dente’
[ti'kiru]	‘grávida’
['tipaʔ]	‘pedra’
[tipa'rata]	‘panela de barro’
[ti'ʃa]	‘seu filho’
[ʃala'laçi]	‘peixe biguda’
[tua'ri]	‘esteira’
[tu'a]	‘que veio’
[tunu'ja]	‘enxada’
[tupu'nuti]	‘pluma de tucano’
[tuku'maja]	‘doce de pequi’
V_V	
[nuja'uta'pa]	‘estou caçando ou procurando’
[nata'ka]	‘eu caio’
[nu'kama'kati'pa]	‘estou cansado’
[pahi'tipu]	‘redondo’
[pu'tuna'ti]	‘aumentar’
[mi'taju]	‘louco’
[u:ta'ka]	‘chovendo’
[u:ta'wõna]	‘córrego’
[a:taʔ]	‘árvore’
[a:ti'ra]	‘ali’
[i'tira'hã]	‘aquele’
[i'tapi'ri]	‘irmão mais velho’
[ata'rija]	‘armadilha’ (espécie de chiqui)
[pa'tatu'ka]	‘pode trazer’
[pa'taku'ka]	‘pode sentar’
[pa'tuka'tua]	‘pode sentar!’

[kata'pa]	‘carregado de fruta’
[ka'tika]	‘frio-gelado’
[pa'tima]	‘corre’

[k] Consoante oclusiva velar surda

#_

[kuʃuʔi'nã]	‘armação de cocar’
[ka'paʔ]	‘formigão’
[kaŋi'tsəpəi'nã]	‘anel’
[ku.nuta'tʃi]	‘orientação’
[ka'kajanu'mã]	‘pessoa ruim/mau’
[kutaʔ]	‘saúva’
[ka'tulaʔ]	‘bola’
[ka'haja'paʔ]	‘está molhado’
[kaju'tala]	‘veado’
[kariʔ]	‘o que foi?’
[kama'pi]	‘peludo’
[ka'palu'tʃi]	‘inveja’
[ka:mi]	‘sol’
[ki:ri]	‘lua’
[kuʃi'kuʃi]	‘macaco’
[ku'jeje]	‘xexéu’
[kawi'kaʔ]	‘perigo’
[kula'taja]	‘quente’
[kana'tiʔ]	‘boca’
[ku'nu]	‘cerca, porta’
[kati'ka]	‘frio/gelado’

V_V

[apa'palu'tapa]	‘espírito’
[ata'pãna]	‘folha’
[nit'u'ka]	‘andei’

[iku'nuaka'tʃi]	‘a noite’
[pə'tsəkə'tsi]	‘pode assar’
[inaʃa'kala]	‘sacola’
[jakwa'kua]	‘tucano’
[nu'kanu'pa]	‘sou casado’
[a'uku'la]	‘nossas flechas’
[nuku'la]	‘minha flecha’
[ij̥k̥iti]	‘pai de vocês’
[awə'k̥iti]	‘nosso pai’
[aka'm̃]	‘morto’
[ʃiku'p̃]	‘antigo’
[pi'waka'ti]	‘apague’
[tʃuka'ʔi]	‘andar’
[hiaka'tua'ti]	‘devolve’
[ja'kawaka]	‘coisa’
[a'mati'taku]	‘campo’
[pinuku'ka]	‘pode matar’
[pi'kutu'ka]	‘pode atirar’
[u'ku]	‘flecha’
[u'ku]	‘floresta’
[u'kuɲa]	‘caçar’
[u'kalu]	‘tatu’
[i'kunua'ka]	‘escuro’

[ʔ] Consoante oclusiva glotal surda

V_V

[ku'ʃuʔi'ñ]	‘armação de cocar’
[pa'ʔaw'tsa]	‘casa nova’
[pa'ʔaʊ'tsalu]	‘casa que acabou de concluir’

_#

[pu'nupaʔ]	‘olhe’
[pala'lak̃m̃ñʔ]	‘arrepio’

[pi'təpəʔ]	'bem-te-vi'
[ka'paʔ]	'formigão'
[paʃi'nəku'kaʔ]	'pode dormir'
[putu'miʔ]	'faz'
[a'paʔ]	'música'
[nu'pinaʔ]	'minha casa'
[kutaʔ]	'saúva'
[ka'tulaʔ]	'bola'
[ka'haja'paʔ]	'está molhado'
[kariʔ]	'o que foi?'

[ts] Consoante africada alveolar surda

#_

[tsi'tsi]	'forno de fazer beiju'
[tsa:'tʃi]	'devagar'
[tsi'çiti]	'brinco'
[tsimi]	'anta'

V_V

[ki'tsiki]	'praia'
[u'ka i'tsimə'kina]	'já ouviram'
[ki'tsi'ʌu'ka]	'duro'
[pa:'tsi]	'casinha'
[atsa'tʃa]	'não pode'
[pu'tsaku'jati]	'cabelo'
[a'tanu'mitsi]	'bom de mira'
[i'tsiŋi'pa]	'está com ele'
[awə'tsəkə'tsi]	'vamos assar'
[kita'tsi]	'inteligente'
[pitsu'juju'ki]	'chupe!'
[a'witsi'mi]	'ouvimos'
[tsi'ʌi]	'filha'
[a'tsi]	'vovó'

[a'tsiŋu]	‘com a gente’
[punu'pa'tsi]	‘cuidado’
['matsi]	‘milho’

[tʃ] Consoante africada alveopalatal surda

#__

[tʃa'waka]	‘ontem’
[tʃi'tʃawi'ju]	‘beija-flor’
[tʃi'tʃa]	‘corda’
[tʃi'tʃu]	‘barriga’
[tʃi'tʃiŋu'mɔ̃]	‘primeiro’
[tʃuka'li]	‘andar-passear’
[tʃa'tʃi]	‘devagar’

V_V

[itʃu'na]	‘timbó’
[i:tʃi]	‘grande’
[i'tʃi]	‘pai dele’
[pi'haʃi'tʃi]	‘amarre!’
[paʃu'ka]	‘pode comer’
[pi'haʃi'tʃu'ka]	‘pode amarrar’
[wiʃu'a]	‘baixo’
[ʃəŋi'tʃa]	‘esp. de gafanhoto’
[atʃi'ra]	‘esp. de gafanhoto’
[nuaʃitʃu,a]	‘pulei’
['paʃu'ka]	‘pode comer’
['atʃu'ka]	‘vamos andar’
[hi'tʃuka]	‘ande’
[hitʃi'ʃa]	‘seu pé’
[nutʃiʃaka'nati]	‘minha tornozeleira’
[nu'tʃi tʃala'wana]	‘minha braçadeira’

[pa'hapatʃu'ka]	‘será assim’
[pa'hapa'tʃa]	‘é assim’
[pa'palu'kaka'tʃa]	‘será igual’
[pa'wa'tʃa]	‘somente um’

[tʃ] Consoante africada alveopalatal surda palatalizada

[pa'palu'kaka'tʃa]	‘será igual’
[pa'hapatʃu'ka]	‘será assim’

[dʒ] Consoante africada alveopalatal sonora

_#

[dʒu'kapapa'nẽ]	‘luz’
[dʒu'ruta]	‘capinar’

V_V

[u'dʒa]	‘jatobá’
[kahi'dzumi'nõ]	‘doente’
[adʒu'ka]	‘vamos mergulhar!’

[s] Consoante fricativa alveolar surda

_#

[sitʃa'li]	‘engasgo’
[su'mua'li]	‘festa’

V_V

[isə'pə]	‘jararaca’
[i'səju]	‘cuspir’

[ʃ] Consoante fricativa retroflexa surda

[ʃika'ni]	‘engasgo’
[iʃi'pi]	‘jararaca’
[i'ʃiju]	‘cuspir’

[tawaʃi]	‘óleo de copaíba’
[iʃiju]	‘cuspir’
[sia'la putsa'ka]	‘cabelo preto’
[sia'la putsakuja'ti]	‘cabelo preto’
[ʃi'rutu'na]	‘amarelo’
[ma,paʃi'tʃipu]	‘cera’
[ʃi'ni'a]	‘fumaça’
[ʃi]	‘fogo’
[ʃiku'nɔ]	‘antigo’
[ʃi'nũ'ta]	‘leve’
[sia'latʃi]	‘preto’
[ʃiululu'ka]	‘seca’
[ʃa'uku'taku]	‘buritizal’
[ʃitʃa'nĩ]	‘engasgo’

V_V

[aʃu'mi]	‘vamos fazer’
[aʃi'rlau]	‘nossos irmãos’
[paʃi'ruka'ti]	‘repete’
[pʃi'ʃikʃi'tsi]	‘rezar’
[iʃi'tsi]	‘ruim’
[juʃi'rata]	‘limpar’
[ʃiʃa'ʎi]	‘os pés’
[ʃikʃi'ʎi'tsi]	‘lágrima’
[ʃiku'nɔ]	‘antigo’
[iʃi'pi]	‘jararaca’
[iʃiju]	
[ʃika'ni]	
[ʃitʃa'nĩ]	‘engasgo’
[ʃitʃa'ni]	‘fumaça’
[ʃi]	‘fogo’

V_V

[niʃu'palu]	‘minha filha’
['kuʃi 'kuʃi]	‘macaco’
['aʃu]	‘nossa!’

[ś] Consoante fricativa alveolar surda palatalizada

_#

[śiri'tʃa]

V_V

[ku'su]	‘cabeça’
[jaśi'tʃa]	‘cedo da manhã (5 a 9 horas)’
[tawa'si]	‘óleo de copaíba’
[piśi'pi]	‘costura/costure!’

[z] Consoante fricativa retroflexa sonora

V_V

[zɪtʃaɲĩ]	‘engasgo’
['zɪ]	‘fogo’
[nizu'palu]	‘minha filha’

[j] Consoante fricativa palatal sonora

V_V

V_V

[aju'ka]	‘vamos’
[kahi'jumi'nã]	‘doente’

[dʒ] Consoante fricativa palatal sonora

V_V

[adʒu'ka] ~ [aju'ka] ~ [aju'ka]	‘vamos’
[kahi' dʒumi'nã] ~ [kahi'jumi'nã] ~ [aju'ka]	‘doente’

[kahi'dzumi'nõ] ~ [kahi'jumi'nõ] ~ [kahi'jumi'na] 'doente'

[h] Consoante fricativa glotal surda

#___

[hi'kiki'tʃi]	'seu vômito'
[hi'ɽiɲa]	'sua casa'
[iɽi]	'machado'
[hi'awa]	'seu machado'
[hipa'laka]	'seu rosto'
[hiri'rika]	'rasgada'
[hikipi'na]	'seu nome'
[hi'taɽu'ɲuri]	'seu primo'
[hiu'la]	'pescaria'
[hiu'laja]	'lago'
[hi'tʃutu'ka]	'acorde'
[hi'akutu'ka]	'pode sair'
[hulu'ka]	'lança'
[hi'aka'tua'ti]	'devolve'
[pipu'tipu'ɲĩ]	'dá para ele'
[hia'ɽi]	'sorri'
[hipu'a]	'gordo'
[hi'i'fʃti]	'costura'
[hi'uti'ʃi]	'acredite'
[himi'na]	'pesado'
[pi'i'ʃi'pi]	'costura você'
[hi'uti'ʃi]	'acredite'
[hia'waɽĩ]	'gosta'
[hipu'nuka]	'fundo'
[hi'uta]	'grite'
[hiɽi]	'cipó'

V_V

[i'hiju]	‘dor’
[i'ha]	‘filho dele’
[nu'hõ]	‘meu filho’
[uha'pa]	‘comprido’
[mũha'pari]	‘curto’
[pahi'tsiri]	‘pouco’
[pa'hiri'hĩ]	‘assim oh’
[kaha'pa]	‘está com filho’
[pi'hiki'hi]	‘esfrega’
[ka'kihi'pa]	‘está afiada’
[u'hapa'ruru]	‘muito comprido’
[ihu'ka]	‘derramou’
[i'hunu'ka]	‘apareceu’
[i'hiku]	‘longe’
[i'hama'maku'a]	‘balançou’
[ma'hũti]	‘pessoa e comida, mas muito ruim mesmo’
[ika'ĩiti]	‘lágrima’

[m] Oclusiva nasal bilabial

#_

[ma:pa]	‘abelha’
[ma'tala'wõ]	‘murici’
[ma'waḡi]	‘cobra cipó’
[ma'jaku]	‘cesto’
[tʃau'tʃĩ]	‘silêncio’
[tʃau'tʃĩpa]	‘silêncio’
[mi'tsiḡu'tipu]	‘quieto!’
[mani'niḡi]	‘comunidade’
[tuaḡi]	‘esteira retangular’
[ma'nõ]	‘peneira’
[mu'ha'pari]	‘curto’
[tama'ma]	‘lento’
[mi'tsiḡu'ka]	‘mole’

[mõna]	‘aonde?’
[ma'ñĩri]	‘verdade?’
[mina]	‘não’ ou ‘deixa’
[ka'pa]	‘formigão de cabeça vermelha’
[mĩ]	‘formiga tucandeira’
[a'maka]	‘rede’
[ama'kapu'ku]	‘dormitório’
[piju'tʃĩ]	‘acampamento’
[mĩ'pĩri]	‘lambari’
[pula'pati]	‘sardinha’
[ma'ka 'pima]	‘para você falar’
[iʃe'rima'lu]	‘falsa(o)’
[ma'lu]	‘falsa(o)’
[ma'pi]	‘pele’
V_V	
[ju'maʃu]	‘moça’
[ju'miki'ju]	‘menstruada’
[a,mala'laka]	‘arranhou’
[ma'pula'kati]	‘meu piquizal’
[pama'ti]	‘incluir’
[kama'pi]	‘peludo’
[putu'ki]	‘pegar, segurando’
['pamau'ki]	‘pegar líquido com cuia’
[amati'taku]	‘campo’
[a'ma'kua]	‘na rede’
[kuma'ka]	‘ajuntamento de coisas, frutos, peixes, pessoas’ / ‘aglomeração’
[u'tuna'ruru]	‘muito mesmo’
[pimu'ki]	‘você coloca’
[amu'laũ]	‘cacique ou chefe’

[n] Consoante nasal alveolar

#_

[nawa'naka'ti]	‘mandei’
[nu'jawa]	‘meu machado’
[nu'junupa'pa]	‘estou vendo’
[nu'maka'natu'a]	‘estou triste’
[nu'katu'papa]	‘estou triste’
[numa'jala'pa]	‘estou cansado’
[nuri'taʔi'na]	‘óculos’
[nami'rita]	‘vou pescar’
[nu'miri]	‘meu esposo’
[niɲu]	‘minha esposa’
[u i'na]	‘panela de água’
[inu'rata]	‘panela de água, de carregar na cabeça’
[natu'kiriku'mã]	‘meu bisavô’
[na'tiruku'malu]	‘minha bisavó’
[ni'maka]	‘eu durmo’
[ni'kiɲuka'pa]	‘estou bravo’
[nu'pina]	‘minha casa’
[ni'u'kala]	‘meu lugar’
[na'tʃa]	‘roupa’
[nia'waku]	‘vou ao rio’
[na'kapa'pa]	‘vou banhar’
[na'tiru]	‘minha avó’

V_V

[pu'nupa]	‘olha!’
[pu'tuna'ti]	‘aumenta’
[i'kunua'tʃa]	‘a noite’
[i'punu'titsa]	‘atrás dele’
[pi'nakatu'a]	‘pode descansar’
[pi'naka'tuahũ'ka]	‘pode descansar’
[a'wapa'raka'ti]	‘vamos empurrar’
[atu'nuka]	‘vamos empurrar’
[pitu'nuka]	‘você empurrar’

[a'nuka]	‘matamos’
[a'naka]	‘nossa cultura’
[ata'naka]	‘nossa costa’
[ta'naka]	‘costa’
[auna'tʃi]	‘história’

[ŋ] Consoante oclusiva alveopalatal nasal

#_

[ŋa]	‘madrugada’
[iŋə'tsiki]	‘trovão’
[iŋaŋi piru]	‘mulher da selva’
[ku'kaju'puŋa]	‘ele/ela já foi embora’
[niuku'ta'puŋa]	‘já vou embora’
[ŋiuku'ta'ʃu'ka]	‘vou ou embora’
[ŋi'akutu'ka]	‘vou sair’
[aju'ka]	‘vamos’
[nuŋi'ʃa]	‘meu piolho’
[ŋiu'ka]	‘vamos começar (trabalho)’

V_V

[aja'ŋəũ]	‘nossos filhos’
[tsi'ŋupu]	‘ombro’
[pa'ŋaku]	‘em casa’
['maŋi'ri]	‘verdade’
[i'ŋi'taku]	‘céu’
[i'ŋi'tʃi'fu]	‘barulho de trovão’
[ka'kaŋa]	‘gaiivota’
[aʃi'ŋapu]	‘estrada’
[kiŋo'ka]	‘bravo’
[ka'ŋi'tsi]	‘coração’

[r] Consoante flepe alveolar sonoro

V_V

[a'rapu'ka]	‘já tem’
[aʊri'ta]	‘nossos olhos’
[u'rita'ʎi]	‘olhos’
[piki'rutaʔ]	‘você atravessa’
[papu'ti]	‘limpar roupa’
[u'ruta]	‘limpar roça, roçar’
[wiriu'pi]	‘cultura’
[pi'piri'rika]	‘você escreve’
[ara'nala]	‘nosso remédio’
[i'pɨrima'lu]	‘algo falso ou preguiçoso’
[pi'riri'ki]	‘você rasga’
[pahiri'rika]	‘você rasga’
[tipa'rata]	‘panela de barro’
[i'tira]	‘aquele’
[iruti'ra]	‘aquela’
[i'ru'la]	‘ela’
[piki'ruta]	‘você atravessa’
[piki'rutí]	‘atravesse ponte água!’
[iru'palua]	‘pelo outro lado’
[hi'riku]	‘sua mão’
['juta'pa]	‘pacu ferrado’
[wiri'pa]	‘esp. menor de pacu ferrado’
[hiri'ja]	‘sua casa’
[ai'ripa'na]	‘folha de cigarro’
[ara'nipu'ka]	‘já estão lá’
[i'ʒala'wapa]	‘eles estão sentindo saudade’
[a'rala'wapa]	‘nós estamos sentindo saudade’

[ɾ] Consoante flepe alveolar surdo

#_

[ɾi'ŋũ] ‘pescoço (gen)’

V_V

[a,waçia'ki]	‘vamos arranhar’
[aça,lawa'pa]	‘estamos com saudade’
[tsi'miçi]	‘jiboia’
[hi,çi'ņu'riku]	‘sua garganta’
[hi,çi'ņuti]	‘seu pescoço’
[çiçi]	‘banco’
[çi]	‘machado’
[paçi]	‘por que?’
[iça'laka]	‘javari’
[i'rata]	‘casca’
[i'çanõ]	‘remédio’
[i'çu]	‘tartaruga’
[i'çuti]	‘rabo’
[i,taři'ri]	‘corda de arco’
[hi'rita'la]	‘sua culpa’
[hi'çata'tiçi]	‘sua culpa’
[hiça'wãna]	‘você sozinho’
[hiçi'ņaku]	‘na sua casa’
[içi'a]	‘arranhadeira’
[piça'ki]	‘colher’
[tuju'pa]	‘esteira grande’
[tu'açi]	‘esteira’

[l] Consoante lateral alveolar

#_

[alapi'napu]	‘trilha de aguapé’
--------------	--------------------

V_V

[u'latçi]	‘polvilho’
[mulu'kuti]	‘coruja’

[mu'luta]	‘cascudo’
[iru'la]	‘aquela’
[ula'kira]	‘na beira da roça’
[au'lu]	‘nosso mingau’
[awa'tapa'nala]	‘nossa folha/papel’
[iman'ini]	‘grupo deles’
[i,nala'piti]	‘outro grupo’
[wa'ata]	‘urubu’
[u'lupu]	‘urubu’
[u'lutʃi]	‘troca de objetos’
[a'wapi'tapa]	‘indo na nossa frente’
[apa'lutsa]	‘na nossa frente (estático)’
[u'latsi]	‘mandioca’
[nula'tsitsa]	‘minha mandioca’
[nula'tiʃa]	‘polvilho’
[ta'laʃi]	‘peixe biguda’
[pupu'pali]	‘piauí’
[wa'laku]	‘mehinaku piauí’
[pa'liʃa]	‘tucunaré’
[tu'luʃi]	‘peixe pintado’
[nupi'tala'tiʃi]	‘minha foto’
[' talu' talu]	‘peixe cascudo’
[walu'rata]	‘colar de caramujo’

[ʎ] Consoante lateral alveolar palatalizada

V_V

[a'ʎi]	‘aqui’
[pa'ʎi]	‘pergunta’
[u'matsi'ʎi]	‘trabalho’
[ʃu'mua'ʎi]	‘festividade’
[muju'ʎi]	‘mentira’
[ia'ʎi]	‘sorrir’

[ia'li tsi'wi]	‘que gosta de sorrir’
[tʃuka'ʎi]	‘andar’
[nu,mapa'ʎi]	‘estou alegre’
[muju'ʎi]	‘mentira’

[ʎ] Consoante lateral palatal

V_V

[juʃi'raʎu]	‘trabalho coletivo’
[jumi'kiʎu]	‘menstruada’
[ju'məʎəṇāu]	‘crianças’
[ju'məʎə]	‘criança’
[mapa'ʎi]	‘alegria’
[wəʎə]	‘capim navalha’
[i'wə'pəʎə]	‘flauta dele’
[ku'ʎəpə]	‘sujo’
[ki'pi'ʎə]	‘fugir’
[iki'pi'ʎi]	‘ele foge’
[nuwi'ʎi]	‘minha coceira’
[wi'ʎi'tʃi]	‘coceira gen.’
[jumi'ʎi]	‘criança’
[ima'ʎi]	‘ele desmaiou’
[numapa'ʎi]	‘eu estou feliz’
[umatsi'ʎi]	‘trabalho’
[kitsi'ʎi'kalu]	‘mulher fraca ou objeto frágil’
[kitsi'ʎi'ka]	‘homem duro’
[ima'paʎi'pa]	‘ele está feliz’
[ija'ʎi'pa]	‘ele está sorrindo’
[i'ʎi'pi]	‘está aí’
[a'ʎi'ruta]	‘bem próximo’
[juki'ʎi'tsi]	‘lágrima’
[nu,mapa'ʎi]	‘estou alegre’
[ja'haʎa]	‘caldo’

[w] Consoante aproximante bilabial

#_

[wahi] [waʔi]	‘peixe cachorro’
[wa'luka]	‘garça’
[waju'rata]	‘cabaça’
[ʔjɪtʃɪtʃi]	‘cuia’
[waku]	‘banhar’
[wa'nɔ]	‘braço’
[wi'ki]	‘velho’
[wi'ripa]	‘pacu’
[wa'naka]	‘mensageiro’
[wi'piti]	‘terra’
[wi'riu'pi]	‘cultura’
[waju]	‘chocalho’
[wala'ma]	‘sucuri’

V_V

[awa'laʊ]	‘nossos sobrinhos’
[ája a'wau'ti]	‘vamos procurar’
[ʔwiri]	‘ariranha’
[a'waju'luku'mɔ]	‘cachorro’
['awa'julu]	‘raposa’
[a,wana'kala]	‘nosso funcionário’
[pawa'ni]	‘mais’
[pi'wata'ki]	‘separar’
[pʔwiru'ti]	‘contar’
[pa'waku'ti]	‘pode cozinhar’
[ka'waru]	‘cavalo’/ ‘anta grande’
[i'jipi]	‘nuvem’

[j] Consoante aproximante alveopalatal sonora

[ju'kapapa'nɛ]	‘luz’
----------------	-------

[ju'ruta]	‘capinar’
[jakwakɥ'a]	‘tucano’
[janu'maka]	‘onça’
[ja'nɛ]	‘pintura’
[ja'nati]	‘bambu’
[ja'walaʔ]	‘tucum’
[jawa'lau]	‘agulha’
[ja'jakatu'a]	‘conversa’
[jaʃi'tʃa]	‘cedo da manhã (5 a 9 horas)’
[japitu'ka]	‘vocês enterram’
[ju'kapapa'nɛ]	‘luz’
[ju'ruta]	‘capinar’
[jakyaky'a]	‘tucano’
[janu'maka]	‘onça’
[ja'nati]	‘bambu’
[jana'pa]	‘curimbatá’?
[ja'wala]	‘tucum’
[jawa'laɥ]	‘agulha’
[ja'jakatu'a]	‘conversa’
[ja]	‘madrugada’
[japitu'ka]	‘vocês enterram’

V_V

[u'ja]	‘jatobá’
[a'jawa]	‘nossos machados’, ‘machado deles’
[aja'nɛũ]	‘nossos filhos’
[i'jawa]	‘machado dele’
[aju'ka]	‘vamos mergulhar!’
[ija'ka]	‘jacaré’
[kaniʔtsi]	‘coração’
[kaju'tala]	‘veado’
[puju'kuta]	‘você deita’

[kaja'kati]	‘rápido’
[nuja'nḁũ]	‘meus filhos’
[nuja'nḁ]	‘minha pintura’
[kaja'ha]	‘líquido’
[kaka'ja]	‘objeto caro’
[kahi'jumi'nḁ]	‘doente’
[i'jawa]	‘machado dele’

2.2.1.2 Descrição fonética dos sons vocálicos

Foram identificados 11 fones vocálicos orais e oito nasais. Dos 11 fones orais, dois são assilábicos e dos nasais, também há dois assilábicos.

Quadro 3 – Quadro fonético das Vogais orais *Yawalapíti*

		Anterior	Central	Posterior
		Não-Arredondada		Arredondada
Alta	Fechada	i i:	ɨ ɨ:	u u̠
	Aberta			ɔ̠
Média	Fechada		ə	
Baixa			a a:	

Quadro 4 – Quadro fonético das Vogais nasais *Yawalapíti*

	Anterior	Central	Posterior
	Não-Arredondada		Arredondada
Alta	ĩ	ĩ	ũ ũ̠
Média		ẽ	õ õ̠

2.2.1.2.1 Descrição dos fones vocálicos

Apresentamos, no que segue, os sons vocálicos identificados na língua *Yawalapíti*, com base na posição da língua, em posição neutra, recuada ou avançada, alteada em posição neutra ou abaixada, o arredondamento ou não dos lábios, a sua duração – curtas ou alongadas. Considerou-se também o abaixamento ou não do véu palatino durante suas respectivas produções e se são silábicas ou assilábicas.

[i] Vogal anterior alta fechada oral

[pĩ'tipi]	'bem-te-vi'
[ti:pa]	'pedra'
[kaɾiʔtsi]	'coração'
[pə'mi]	'você rouba'
[pa: 'ʎəri]	'alma'
[pu,ahi'ki]	'joga'
[piki'rutaʔ]	'cerca'
[pu'laçi]	'seu beiju'
[ma,paçi'tʃipu]	'cera'
[nu,mapa'ʎi]	'estou alegre'
[i'na'na'papa]	'eles'
[mapa'l'i]	'alegria'
[tsa'tʃi]	'devagar'
[ku'ʃuʔi'nɔ]	'armação de cocar'
[kawi'ka]	'perigo'
[ni'tʃuka]	'eu andei'
[iku'nuatʃi'a]	'pela noite'
[kunu'aka'tʃi]	'escuridão'
[ij'kiti]	'pai de vocês'
[awə'kiti]	'nosso pai'

[ĩ] Vogal anterior alta fechada oral assilábica

[u:ĩ]	'cobra'
--------	---------

[ĩ] Vogal anterior alta fechada oral

[kaɾĩtsi]	'coração'
[pala'lakɔ̃mũnɔ̃ʔ]	'arrepio'
[aʃĩ'ɲapu]	'estrada'

[ĩ] Vogal central alta fechada oral

[içi]	‘machado’
[i'wiki'ti]	‘dono’
[i'pi]	‘hoje’
[wi'piti]	‘terra’
[mapaçi'tfipu]	‘cera’
[tsi'wi]	‘dente’
[ti'kiru]	‘grávida’
[pahi'tipu]	‘redondo como bola’
[pa'hapu'ku]	‘circular’
[kiri]	‘lua’
[tsi'tsi]	‘forno de fazer beiju’
[tsa'tfi]	‘devagar’
[tsiçiti]	‘brinco’
[ki'tsiki]	‘praia’
[u'ka i'tsimõkina]	‘já ouviram’
[ku'ka i'tsimõ]	‘já ouviu’
[ki'tsi'lu'ka]	‘duro’

[ə] Vogal média central média fechada oral

[kɪpɪ'ʌə]	‘reza’
[pɪ'təpəʔ]	‘bem-te-vi’
[ti'nəu]	‘mulheres’
[isə'pə]	‘jararaca’
[pə'mi]	‘você rouba’

[a] Vogal central baixa oral

[atʃ'a]	‘foi (água) cavando (o barranco)’
[a:tʃa]	‘comer’
[a'ka]	‘pequi’

[ã] Vogal central média baixa nasal

[ʃala'laʒi ku'mã]	‘biguda grande’
['kamã]	‘morto’
[kuká'kamã]	‘já morreu’
[i'tirahã]	‘aquele’
['matsahã]	‘espera!’

[õ] Vogal central média fechada nasal

[nuja'põũ]	‘meus filhos’
[pala'lakõmũnõʔ]	‘arrepio’

[u] Vogal posterior alta fechada arredondada oral

[u̠]	‘cobra’
[uʔ]	‘água’
[nuja'põũ]	‘meus filhos’

[ɔ̃] Vogal posterior alta aberta arredondada oral assilábica

[aʰipu'kɔ̃a] 'rodar'

[ɯ̃] Vogal posterior alta fechada arredondada oral assilábica

[a'waku'a] 'entre nós'

[ũ̃] Vogal posterior alta nasal arredondada

[pi'naka'tuahũ̃ka] 'pode descansar'

[mũha'pari] 'curto'

[ũ̃̃] Vogal posterior alta fechada arredondada nasal assilábica

[aja'pũ̃̃ũ̃] 'nossos filhos'

[nuja'pũ̃̃ũ̃] 'meus filhos'

[ti'nũ̃̃ũ̃][ti'naũ̃] 'mulheres'

[e:] Vogal anterior média fechada alongada oral

['ki:ri] 'lua'

[i:] Vogal média alta fechada oral alongada

[i'tapi] [i'taʔi'ʔi] 'corda de arco'

[a:] Vogal central baixa alongada oral

['ka:mi] 'sol'

['pa:ʔi?] 'por que?'

[i:] Vogal central alta fechada alongada oral

['ki:ri] 'lua'

2.3 OS FONEMAS DA LÍNGUA YAWALAPÍTI

2.3.1 Consoantes

Os contrastes de sons a partir de pares mínimos permitem o estabelecimento de 15 fonemas consonantais e 4 fonemas vocálicos para a língua *Yawalapíti*. A língua possui três fonemas oclusivos, dois africados, dois fricativos, três nasais, dois flepes, um lateral e dois aproximantes. O quadro fonológico das consoantes da língua *Yawalapíti* é apresentado em seguida.

Quadro 5 – Fonemas consonantais do *Yawalapíti*

Ponto de articulação →		Bilabial	Alveolar	Retroflexa	Alveopalatal	Velar	Glotal
Modo de articulação ↓							
Oclusiva	su	p	t			k	
Africada	su		ts		tʃ		
Fricativa	su			ʂ			h
	so						
Nasal	so	m	n		ɲ		
Flepe	su		f				
	so		r				
Lateral	so		l				
Aproximante	so	w			j		

Em seguida, apresentamos pares mínimos e/ou análogos em que sons suspeitos, ou seja, foneticamente similares, contrastam no mesmo ambiente (pares mínimos) ou em ambiente análogo (pares análogos).

Pares mínimos e/ou análogos

/p/ e /m/

[pipuju'kuta] /pipujukuta/ ‘você deita’

[mulu'kuti] /mulukuti/ ‘coruja’

[apitu'apa] /apituapa/ ‘nós estamos enterrando’

[amikua'ta] /amikuata/ ‘nós perdemos’

/p/ e /w/

[a'pa]	/apa/	‘música’
[a'wa]	/awa/	‘sobrinho’
[awa'pa]	/awapa/	‘nossa música’
[a'pawa]	/apawa/	‘nosso primo’
[pa'paju]	/papaju/	‘papai’
[ma'mãju]	/mamaju/	‘mamãe’
[u'pi]	/uipi/	‘flauta’
[apa'palu]	/apapalu/	‘flauta <i>jacui</i> ’
[a'wapa'pala]	/awapapala/	‘nosso pertence’

/w/ e /m/

[a'mawa]	/amawa/	‘mata virgem’
[pa'wa]	/pawa/	‘uma’
[i'wi'kti]	/iwikti/	‘dono’
[imi'kua]	/imikua/	‘esqueceu (de objeto)’
[nu'miri'ku]	/numirku/	‘eu esqueci de qualquer objeto ou pessoa’
[awa'ta]	/awata/ ~ /u'ata/	‘nosso cinto’
[ama'ka]	/amaka/	‘falamos’

/t/ e /ts/

[ata]	/ata/	‘árvore’
[atsa]	/atsa/	‘não’
[tsimi]	/simi/	‘anta’
[tini]	/tini/	‘remo’
[nu'pitsi]	/nupitsi/	‘meu colar’
[nu'piti]	/nupiti/	‘minha língua’

/t/ e /tʃ/

[ata]	/ata/	‘árvore’
[pi'talu'ki]	/pitaluki/	‘você morde’

[u'kuta]	/ukuta/	‘picar, flechar, ferrar’
[ku'ka uku'ti]	/kuka ukuti/	‘já ferrou’
[atʃa]	/atʃa/	‘comer’ uká új átsa ‘cobra comeu’

/t/ e /n/

[nita]	/nita/ [nita/	‘meu arco’
[tini]	/tini/	‘remo’
[ku'akapi]	/kuakapi/	‘bem fundo’
[hipu'nuka]	/hipunuka/	‘fundo’
[ipu'tuka]	/iputuka/	‘ele fura’
[ipu'tukí]	/iputukí/	‘ele furou’

/k/ e /tʃ/

[aki]	/aki/	‘tia’
[na'kuru]	/nakuru/	‘minha tia’
[utʃi'ʃa]	/utʃi'ʃa/	‘peixe pacu’
[atʃa]	/atʃa/	‘comeu’
[a'watʃa]	/awatʃa/	‘nós comemos’
[ipa'ka]	/ipaka/	‘ele canta’

/k/ e /ʃ/

[niu'ka]	/niuka/	‘vamos começar (atividade)!’
[aju'ka]	/ajuka/	‘vamos’
[kaju'a]	/kajua/	‘venham’
[iki'ruta]	/ikiruta/	‘atravessou’

/k/ e /ts/

[tsi'tsi]	/tsitsi/	‘chapa’
[i'hiki'ki]	/ihikiki/	‘ele vomitou’

/tʃ/ e /ts/

[tsa:tʃi]	/tʃatʃi/	‘devagar’
[itʃatʃi]	/itʃatʃi/	‘nome para o ritual Kwarýp’
[su'mua'ʎi]	/sumuaʎi/	‘festa’

/tʃ/ e /h/

[i'huka]	/ihuka/	‘ele derrama’
[i'hu'ki]	/ihuki/	‘ele derramou’
[hi'tʃuka]	/hitʃuka/	‘ande’
[i'tʃa]	/itʃa/	‘uluri’
[i'ha]	/iha/	‘filho dele’

/ts/ e /h/

[i'çi]	/içi/	‘cipó’
[pahi'tsiri]	/pahitsiri/	‘pouco’

/ts/ e /ʃ/

[ku'ʃu]	[ku'su]	‘cabeça’
[nu'tsu]	/nutsu/	‘minha sobrinha’
[hi'iʃipi]	/hiʃipi/	‘você costura’
[pi'sipi]	/piʃipi/	‘costura/costure!’
[hi'utiʃi]	/hiutiʃi/	‘você acredita’

/tʃ/ e /ʃ/

[i'tʃi]	/itʃi/	‘grande’
[ʃi] [sí]	/ʃi/ /sí/	‘fogo’

/ɾ/ e /r/

[nuɾi'ɲũ] /nuɾiɲũ/ 'meu pescoço'

[i'riɲa] /iriɲa/ 'tua casa'

[kiri] /kiri/ 'lua'

[içi] /içi/ 'machado'

[ka'ri] /kaɾi/ 'luta'

[ku'ri] /kuri/ 'ararinha'

[i'ru] /iɾu/ 'tartaruga'

[içi] /içi/ 'machado'

[hiçi] /hiçi/ 'cipó'

[pahi'tsiri] /pahitsiri/ 'pouco'

[kiri] /kiri/ 'lua'

[hiçi] /hiçi/ 'cipó'

/l/ e /n/

[mu'luta] /muluta/ 'cascudo'

[ku'ka nu'ti] /kuka nuti/ 'eu já sei, soube'

[ku'ka nuta'pa] /kuka nutapa/ 'eu estou sabendo'

['nuta] /nuta/ 'eu sei'

[u'ruta] /uruta/ 'foi capinar'

[i'ɾitsi] /iɾitsi/ 'cheiro de folha, de pequi'

[i'sa] /i'sa/ 'cheiro genérico'

[wa'rata] /warata/ 'urubu'

/ɾ/ e /n/

[u'ruta] /uruta/ 'limpar'

['nuta] /nuta/ 'eu sei'

/r/ e /l/

[mu'luta] /muluta/ 'cascudo'
 [u'ruta] /uruta/ 'limpar'

/l/ e /n/

[mu'luta] /muluta/ 'cascudo'
 ['nuta] /nuta/ 'eu sei'

/j/ e /ɲ/

[nuju'ki] /nujuki/ 'ciúme'
 [ukɨ'i] /ukii/ 'ciúme'
 [nuɲiti] /nuɲiti/ 'minha língua'

2.3.2 Vogais

Os contrastes evidenciados provam a existência de quatro vogais orais, dentre as quais, uma arredondada e três não-arredondadas, três vogais altas e uma menos alta.

A existência de vogais fonéticas nasais não corresponde a valores fonêmicos, pois todas elas são decorrentes de propagação de nasalidade de fonemas nasais ou de fonemas que provocam nasalização, como mostraremos adiante. A ocorrência de vogais alongadas não é sistemática, podendo vogais em sílabas acentuadas ocorrerem alongadas.

Quadro 6 – Fonemas vocálicos da língua *Yawalapíti*

		Anterior	Central	Posterior
		Não-Arredondada		Arredondada
Alta	Fechada	i	i	u
Baixa			a	

Pares mínimos e/ou análogos

/i/ e /ĩ/

[pĩ'mi] /pimi/ ‘você rouba’

[mĩ] /mi/ ‘formiga’

[ĩ'tsiki] /itsiki/ ‘moqueado’

[utu'ki] /utuki/ ‘pegou’

/i/ e /u/

[u'ki'ni'si] /uki/ ‘velho’

[u'ki'ni'su] /ukĩni'su/ ‘velha’

[waku] /waku/ ‘banhar’

[wĩ'ki] /wiki/ ‘velho’

/a/ e /ĩ/

[wĩ'ki] /wiki/ ‘velho’

[waku] /waku/ ‘banhar’

[pĩ'tipi] /pitipi/ ‘bem-te-vi’

[tipa] /tipa/ ‘pedra’

Fonemas e alofones

Nesta seção apresentamos os fonemas da língua *Yawalapíti* e seus respectivos alofones.

Fonemas oclusivos

Os fonemas oclusivos /p/, /t/ e /k/, possuem cada um único alofone, respectivamente [p], [t] e [k]. O mesmo ocorre com o fonema africado /ts/, cujo alofone é [ts], o fricativo /h/, cujo alofone é [h], os tepes /r/, /r̥/, cujos alofones respectivamente são [r] e [r̥], e o aproximante labial, cujo alofone é [w]. Os demais fonemas consonantais apresentam mais de um alofone.

O fonema africado /tʃ/ tem os alofones [tʃ] e [tʃʲ]. O alocfone [tʃʲ] flutua livremente com /tʃ/:

[ʼatsaʼtʃa]	[ʼatsaʼtʃʲa]	‘não pode’
[paʼhapatʃuʼka]	[paʼhapatʃʲuʼka]	‘será assim’
[paʼhapaʼtʃa]	[paʼhapaʼtʃʲa]	‘é assim’
[paʼwaʼtʃa]	[paʼwaʼtʃʲa]	‘somente um’

O alocfone [tʃ] ocorre nos demais ambientes:

[tʃ] africada alveopalatal surda

#__

[tʃaʼwaka]	‘ontem’
[tʃiʼtʃawiʃju]	‘beija-flor’
[tʃiʼtʃa]	‘corda’
[tʃiʼtʃu]	‘barriga’
[tʃiʼtʃiʃnuʼmõ]	‘primeiro’
[tʃukaʼʔi]	‘andar-passear’
[tʃaʼtʃi]	‘devagar’

V_V

[itʃuʼna]	‘timbó’
[i:ʼtʃi]	‘grande’
[iʔʼtʃi]	‘pai dele’
[piʼhajtʃiʼtʃi]	‘amarre!’
[patʃuʼka]	‘pode comer’
[piʼhajtʃiʃuʼka]	‘pode amarrar’
[wiʃuʼa]	‘baixo’
[ʃəʃiʼtʃa]	‘esp. de gafanhoto’
[atʃira]	‘esp. de gafanhoto’
[nuaʃitʃu,a]	‘pulei’
[ʼpatʃuʼka]	‘pode comer’
[ʼatʃuʼka]	‘vamos andar’
[hiʼtʃuka]	‘ande’

[hitʃi'ʃa]	‘seu pé’
[nutʃiʃaka'nati]	‘minha tornozeleira’
[nu'tʃi tʃala'wana]	‘minha braçadeira’
[pa'hapatʃu'ka]	‘será assim’
[pa'hapa'tʃa]	‘é assim’
[pa'palu'kaka'tʃa]	‘será igual’
[pa'wa'tʃa]	‘somente um’

O fonema fricativo retroflexo tem os seguintes alofones:[ʃ], [ʃ̣], [z] e [s], os quais ocorrem em variação livre nas seguintes palavras:

[ʃ̣] e [ʃ]

#_

[ʃ̣iri'tʃa] ~ [ʃiri'tʃa] ‘gafanhoto’

V_V

[tawaʃ̣i] ~ [tawaʃi] ‘óleo de copaíba’

[ʃ̣] ~ [s]

[ʃ̣ika'ni] ~ [sitʃa'ʎi] ‘engasgo’

[iʃ̣ipi] ~ [isəpə] ‘jararaca’

[iʃ̣iju] ~ [isəju] ‘cuspir’

[tawaʃ̣i] ~ [tawaʃi] ‘óleo de copaíba’

[iʃ̣iju] ~ [isəju] ‘cuspir’

[z] ~ [ʃ̣]

[ẓitʃa'ni] ~ [ʃ̣itʃa'ni] ‘engasgo’

['ẓi] ~ ['ʃ̣i] ‘fogo’

[ẓitʃa'ni] ~ [ʃ̣itʃa'ni] ‘engasgo’

['ẓi] ~ ['ʃ̣i] ‘fogo’

[nizu'palu] ~ [nizu'palu] ‘minha filha’

O fonema lateral /l/ realiza-se como [l̥] ou [ɫ] diante de /i/ ou /i/:

V_V

[mapa'l̥i] ~ [mapa'ɫi]	‘alegria’
[a'l̥i] ~ [a'ɫi]	‘aqui’
[pa'l̥i] ~ [pa'ɫi]	‘pergunta’
[muju'l̥i] ~ [muju'ɫi]	‘mentira’

Enquanto o alofone [l] ocorre diante de [a] e de [u]

#__

[alapi'napu]	‘trilha de aguapé’
--------------	--------------------

V_V

[u'latʃi]	‘polvilho’
[mulu'kuti]	‘coruja’
[mu'luta]	‘cascudo’
[iru'la]	‘aquela’
[ula'kira]	‘na beira da roça’
[au'lu]	‘nosso mingau’
[awa'tapanala]	‘nossa folha/papel’
[iman'ini]	‘grupo deles’
[i,nala'piti]	‘outro grupo’
[wa'ata]	‘urubu’
[u'lupu]	‘urubu’
[u'lutʃi]	‘troca de objetos’
[a'wapi'tapa]	‘indo na nossa frente’
[apa'lutsa]	‘na nossa frente (estático)’
[u'latsi]	‘mandioca’

O fonema aproximante alveopalatal /j/ tem os alofones [j], [dʒ] e [j̥], os quais ocorrem em variação livre diante de /u/. Já os alofones [j̥] e [dʒ] em vários contextos:

[j], [dʒ] e [j]

#_

[dʒu'kapapa'nẽ] ~ [ju'kapapa'nẽ] 'luz'
 [dʒu'ruta] ~ [ju'ruta] 'capinar'

V_V

[adʒu'ka] ~ [aju'ka] ~ [aju'ka] 'vamos'
 [kahi' dʒumi'nã] ~ [kahi'jumi'nã] ~ [aju'ka] 'doente'
 [kahi'dʒumi'nõ] ~ [kahi'jumi'nõ] ~ [kahi'jumi'na] 'doente'

Os alofones [dʒ] e [j] ocorrem em variação diante de /a/ em algumas palavras:

[u'dʒa] ~ [u'ja] 'jatobá'
 [udʒa'nia] ~ [uja'nia] 'mergulhar dentro d'água'

Nos demais casos ocorre apenas o alofone [j]

[ja'nẽ] ~ [ja'na] 'pintura'
 [ija'ka] 'jacaré'
 [janu'maka] 'onça'
 [ja'nati] 'bambu'
 [jana'pa] 'curimbatá'??
 [ja'walaʔ] 'tucum'
 [jawa'lau] 'agulha'
 [ja'jakatu'a] 'conversa'
 [aja'nõũ] 'nossos filhos'
 [ija'ka] 'jacaré'
 [kaja'kati] 'rápido'
 [nuja'nõũ] 'meus filhos'
 [nuja'nõ] 'minha pintura'
 [kaja'ha] 'líquido'
 [kaka'ja] 'objeto caro'
 [i'jawa] 'machado dele'

Fonemas vocálicos e suas respectivas realizações fonéticas

Todos os fonemas vocálicos têm realizações nasalizadas, as quais serão tratadas na seção seguinte.

O fonema vocálico /i/, anterior alto fechado oral, tem três alofones orais, um assilábico [i] e dois silábicos [i] e [i:]. O assilábico ocorre quando é o único elemento de uma sílaba, precedido de uma vogal:

[i]

[u:i] ~ [uᵊ] ‘cobra’

[i] ocorre em variação com [i:], na palavra para cobra.

[i] nos demais ambientes:

[pɪ'tɪpɪ]	‘bem-te-vi’
[ti:pa]	‘pedra’
[kaɲiʔtɕi]	‘coração’
[pə'mi]	‘você rouba’
[pa:'ʌɾi]	‘alma’
[pu,ahi'ki]	‘joga’
[piki'rutaʔ]	‘cerca’
[pu'laçɪ]	‘seu beiju’
[mapaʃitʃɪpu]	‘cera’
[nu,mapa'ʌi]	‘estou alegre’
[i'na'na'papa]	‘eles’
[mapa'lɪ]	‘alegria’
[tsa'tʃi]	‘devagar’
[ku'ʃuʔi'nɕ]	‘armação de cocar’
[kawi'ka]	‘perigo’
[ni'tʃuka]	‘eu andei’
[iku'nuatʃi'a]	‘pela noite’
[kunu'aka'tʃi]	‘escuridão’
[ijɪ'kiti]	‘pai de vocês’
[awə'kiti]	‘nosso pai’

O fonema vocálico central alto /i/ tem três alofones orais: [i], [ə] e [i:].

O alofone [ə] ocorre em variação livre com [i] nos seguintes exemplos:

[kɪpɪ'ʌə] ~ [kɪpɪ'ʌi] ~ [kɪpɪ'li]	‘reza’
[pɪ'təpəʔ] ~ [pɪ'tɪpɪʔ]	‘bem-te-vi’
[ti'nəʊ] ~ [ti'niʊ] ~ [ti'naʊ]	‘mulheres’
[isə'pə] ~ [i'ʃɪpi]	‘jararaca’
[pə'mi] ~ [pɪ'mi]	‘você rouba’

O alofone [i:] ocorre em sílaba pronunciada com intensidade na palavra para ‘lua’:

[kɪ:ri]	‘lua’
---------	-------

O alofone [i] ocorre nos demais ambientes:

[iʃi]	‘machado’
[i'wɪkɪ'ti]	‘dono’
[i'pi]	‘hoje’
[wɪ'pɪti]	‘terra’
[tsi'wi]	‘dente’
[ti'kiɾu]	‘grávida’
[pahi'tɪpu]	‘redondo como bola’
[pa'hapu'ku]	‘circular’
[kɪri]	‘lua’
[tsɪ'tsi]	‘forno de fazer beiju’
[tsɪ'ɪ'ti]	‘brinco’
[kɪ'tsikɪ]	‘praia’
[u'ka i'tsimə'kina]	‘já ouviram’
[ku'ka i'tsimə]	‘já ouviu’
[kɪ'tsi'ʌu'ka]	‘duro’

O fonema vocálico central baixo oral /a/ tem dois alofones orais [a] e [a:]. O alofone [a:] ocorre em algumas sílabas pronunciadas com maior intensidade:

[a:tʃa]	‘comer’
[ka:mi]	‘sol’
[ˈpa:ʁiʔ]	‘por que?’
[a:ˈtaʔ]	‘árvore’
[a:tiˈra]	‘ali’

O alofone [a] ocorre nos demais ambientes:

[atʃu'a]	‘foi (água) cavando (o barranco)’
[a'ka]	‘pequi’

O fonema vocálico posterior alto fechado arredondado oral /u/ tem dois alofones orais silábicos, [u] e [u:] e dois assilábicos [u̘] e [u̙]. Os assilábicos ocorrem quando são os únicos elementos em uma sílaba e são precedidos por outra vogal da sílaba anterior.

[nujaʃn̩ũ̘] [nujaʃna̘]	‘meus filhos’
[a,hipuˈk̩u̙]	‘rodar’

O alofone [u:] ocorre em sílabas pronunciadas com intensidade:

[u:ĩ]	‘cobra’
[u:ta'ka]	‘chovendo’
[u:ta'wõna]	‘córrego’

O alofone [u] ocorre nos demais ambientes:

[uʔ]	‘água’
[ma'mõju]	‘mamãe’

2.4 NASALIZAÇÃO

Vogais podem ocorrer nasalizadas, quando precedidas de consoante nasal, na mesma sílaba ou quando a consoante nasal é *onset* da sílaba precedente:

/i/ [ĩ]

[kaŋĩ'tsi] 'coração'

[aʃĩ'ŋapu] 'estrada'

[ŋĩa] 'vou'

/i/ [ĩ]

['wiŋĩ] 'rio'

/a/ [ã]

[nu'mã] 'meu trabalho'

[aja'ŋãũ] 'nossos filhos'

[ʃala'laçi ku'mã] 'biguda grande'

['kamã] 'morto'

[kuká 'kamã] 'já morreu'

[pala'lakãmũnã?] 'arrepio'

[anãti] 'toco feito para socar'

[ma'mãju] 'mamãe'

[i'mãna] 'naquele'

[i'nãna] 'eles'

['ãnã] 'tronco cortado'

[ma'mãju] 'mamãe'

/u/ [ũ]

[nuja'ŋũ] 'cunhado'

[ŋũ] 'sumiu'

[aja'ŋãũ] 'nossos filhos'

[nuja'ŋãũ] 'meus filhos'

[ti'nãũ] 'mulheres'

[aja'ŋãũ] 'nossos filhos'

[nuja'ŋãũ] 'meus filhos'

[ti'nãũ] 'mulheres'

Vogais podem ser também nasalizadas quando precedidas pela consoante /h/:

/a/ [ã]

[i'tirahã] 'aquele'

['matsahã] 'espera!'

/u/ [ũ]

[pi'naka'tuahũka] 'pode descansar'

[mũha'pari] 'curto'

[pi'naka'tuahũka] 'pode descansar'

[mũha'pari] 'curto'

Mas nasalização não é um processo sistemático, como mostram os exemplos seguintes:

[i'pina] 'casa dele'

[nita] 'meu arco'

[ini'ta] 'arco dela'

[i'ni'tʃitʃu] 'trovão'

[i'ni'tʃa] 'ficou com medo'

[ka:mi] 'sol'

A ocorrência de vogais nasais, em contexto não nasal é encontrada seguindo /h/ e também seguindo /w/. Rodrigues (2003) mostrou a possibilidade de aproximantes como *w* provocarem nasalização. Em *Yawalapíti* essa nasalização não é sistemática.

Quando vogais se encontram contíguas a /h/, ocorrem mais frequentemente nasalizadas. Essa nasalidade é observada sistematicamente, apenas na partícula *hĩ*, cuja vogal se harmoniza com a última vogal da palavra precedente:

[ma'tala'wã] ~ [ma'tala'wa] 'murici'

[pi'naka'tuahũka] ~ [pi'naka'tuahũka] 'pode descansar'

[nu'hã] ~ [nu'ha] 'meu filho'

A nasalidade propagada por /h/ tem sido reportada para várias línguas. Matisoff (1975) chamou esse fenômeno de *Rhinoglottophilia* e Rodrigues (2003) tratou tal fenômeno em

algumas línguas indígenas brasileiras como nasalização espontânea. A nasalização propagada por *h* em Yawalapíti tem sido reportada para outras línguas Aruák, como o Baniwa e o Coripako (AIKHENVALD, 1999, p. 78; RAMIREZ, 2001, p. 57). Couto (2012, 2016) tratou do mesmo fenômeno em *Manchineri*. Processo análogo foi descrito por Quintino (2012) com respeito à língua *Xavante*.

2.5 ASSILABAÇÃO

Em nossos dados foram encontradas ocorrências de vogais assilábicas, o que, à primeira vista, poderia ser interpretado como formando ditongos crescentes e decrescentes. Outra hipótese seria a de considerar uma sequência de vogal e consoante. Mas *Yawalapíti* não possui consoante em posição de coda silábica. Por outro lado, verificamos que se trata de um processo de assilabação da vogal quando ela é o único elemento de uma sílaba, precedido de outra vogal:

[pa'au'tsalu] > [pa'aũ'tsalu] ‘casa que acabou de concluir’

Assilabação não ocorre quando a vogal que constitui o único elemento de uma sílaba é precedida por /i/, como mostram os seguintes exemplos:

[hi.ɨʃi'ti]	‘costura’
[hi'uta]	‘grite’
[hi.ɨʃi'ti]	‘costura’
[hi'uti'ʃi]	‘acredite’
[hia'watʃi]	‘gosta’
[hi'aʎə]	‘sorrir’
[hi'ɨʃi'ti]	‘costura’
[hia'watʃi]	‘você gosta’

Variação na qualidade vocálica

Na palavra para ‘bravo’, houve variação quanto à altura de /u/, ora pronunciado [õ] ora [ũ]: [kɨŋõ'ka] ~ [kɨŋũ'ka]

Apagamento de /h/

Na pronúncia da palavra para ‘vá fora’, houve o apagamento de /h/ na pronúncia das seguintes palavras: [‘hiçri] ~ [içri] ‘cipó’, [pa,d³uma’hiç] ~ [pa,d³uma’iç].

Houve um caso em que Aritana deu a palavra [u’matsi’l’i] para trabalho, e logo em seguida deu a palavra [pa’çi].

2.6 ARITANA E MAKAWANA: VARIAÇÃO FONÉTICA E VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Nesta seção reunimos dados que mostram diferenças entre a pronúncia de palavras na fala de *Aritana* e na fala de *Makawana*, algumas fonéticas, outras fonológicas. Os dois viviam na mesma aldeia *Yawalapíti* e foram criados juntos. Reiteramos que todos os dados desta dissertação foram gravados com *Aritana* e com *Makawána*. Além das diferenças fonéticas e fonológicas, os dados mostram diferenças em escolhas lexicais para os mesmos itens. Essas diferenças são importantes e a maioria delas deve ser considerada como diferenças fonológicas entre indivíduos. Observamos que algumas diferenças de pronúncia são também encontradas como variação livre na fala de *Aritana* (Cf. *Tapí Yawalapíti* e Cabral, em preparação). Os dados da coluna da esquerda são de *Aritana* e os da direita são de *Makawana*.

Diferenças fonológicas

Aritana [t]

Makawana [tʃ]

[‘aja a’wau’ti]

[‘aja a’wau’tʃi]

‘vamos procurar’

Aritana [tʃ]

Makawana [t]

[ʃia’latʃi]

[sia’lati]

‘preto’

[nutʃiçaka’nati]

[nu’tipu’lu]

‘minha tornozeleira’

Aritana [ts]

Makawana [t]

[pu’tsaku’jati]

[pu’taku’jatsi]

‘cabelo’

Aritana [ts]**Makawana** [tʃ]

[pahi'tsiri]

[pahi'tʃiri]

'pouco'

['matsi]

['matʃi]

'milho'

[tsi'ʎi]

[tʃi'ʎi]

'filha'

[a'tsi]

[a'tʃi]

'vovó'

[awə'tsəkə'tsi]

[awə'tsəkə'tʃi]

'vamos assar'

[punu'pa'tsi]

[punu'pa'tʃi]

'cuidado'

Aritana [ʃ]**Makawana** [s]

[ʃika'ni]

[sitʃa'ʎi]

'engasgo'

[iʃi'pi]

[isəpə]

'jararaca'

[i'ʃiju]

[i'səju]

'cuspir'

Aritana [ʒ]**Makawana** [z]

[ʃitʃa'ni] ~ [zɪtʃa'ni]

'engasgo'

[ʃɪni 'a] ~ [zɪɲia]

'fumaça'

[niʃu'palu] ~ [nizu'palu]

'minha filha'

['kuʃi 'kuʃi] ~ ['kuzɪ 'kuzɪ]

'macaco'

['aʃu] ~ ['azu]

'nossa!'

Aritana [ɲ]**Makawana** [ɲ]

[kana'ti?]

[kaɲa'ti?] 'boca'

Aritana [ɲ]**Makawana** [j]

[u'kuɲa]

[u'kuja] 'caçar'

[ʃiʃiɲu'mɔ]

[ʃiʃijũ'mɔ] 'primeiro'

Aritana [r]**Makawana** [ɾ]

[kari]

[kaɾi]

'o que foi?'

Aritana /u/	Makawána /i/	
[ma,paʃi'tʃipu]	[ma,paʃi'tʃipi]	‘cera’

Aritana /ə/	Makawána /i/	
--------------------	---------------------	--

Diferenças fonéticas

Aritana [tʃ]	Makawana [tʃʲ]	
[ʼatsa'tʃa]	[ʼatsa'tʃʲa]	‘não pode’
[pa'hapaʃu'ka]	[pa'hapaʃʲu'ka]	‘será assim’
[pa'hapa'tʃa]	[pa'hapa'tʃʲa]	‘é assim’
[pa'wa'tʃa]	[pa'wa'tʃʲa]	‘somente um’

[pahi'tsiri]	[pahi'tʃʲiri]	‘pouco’
[hipa'laka]	[hitsa'paka]	‘seu rosto’

Aritana [i]	Makawana [u]	
[ma,paʃi'tʃipu]	[ma,paʃi'tʃipi]	‘cera’
[kitsiʎi'kalu]	[kitsiʎu'kalu]	‘mulher fraca ou objeto frágil’
[kitsiʎi'ka]	[kitsiʎu'ka]	‘homem duro’

Aritana [i]	Makawana [i]	
[hi'taʎu'ɲuri]	[hi'taʎu'ɲiri]	‘seu primo’

Aritana [i]	Makawana [i]	
[i'wə'pəʎə]	[iwi'piʎi]	‘flauta dele’

Aritana [ʃ]	Makawana [ʃ]	
[ʃi]	[ʃi]	‘fogo’

[tawaʃi]	[tawaʃi]	‘óleo de copaíba’
[ʃikuʔnɔ]	[ʃi kuʔna]	‘antigo’
[ʃipũta]	[ʃipũta]	‘leve’
[ʃiululu'ka]	[ʃiululu'ka]	‘seca’
[ʃa'uku'taku]	[ʃa'uku'taku]	‘buritizal’
[aʃu'mi]	[aʃu'mi]	‘vamos fazer’
[aʃiri'laʊ]	[aʃiri'laʊ]	‘nossos irmãos’
[paʃi'ruka'ti]	[aʃiri'laʊ]	‘repete’
[pʃiʃikʃi'tsi]	[pʃiʃikʃi'hĩ]	‘rezar’
[iʃi'tsi]	[iʃiʃikʃi'tsi]	‘ruim’
[tawaʃi]	[tawaʃi]	‘óleo de copaíba’

Aritana [ʎ]

[nu,mapa'ʎi]

Makawana [ʎ]

[nu,mapa'ʎi] ‘estou alegre’

Aritana [ʎ]

[mapa'ʎi]

[a'ʎi]

[pa'ʎi]

[ʃu'mua'ʎi]

[muju'ʎi]

Makawana [ʎ]

[mapa'ʎi] ‘alegria’

[a'ʎi] ‘aqui’

[pa'ʎi] ‘pergunta’

[ʃu'mua'ʎi] ‘festividade’

[muju'ʎi] ‘mentira’

Aritana [ʎ]

[tʃuka'ʎi]

Makawana [l]

[tʃuka'li] ‘andar’

Aritana [ʔa] ~ [ʔa]

[a,hipu'kʔa]

[jakwa'kua]

Makawana [ku'a]

[a,hipuku'a] ‘rodar’

[jaku'aku'a] ‘tucano’

Aritana [u,a]

[nuwaʃitʃu,a]

Makawana [u,a]

[ni'waʃitʃu,a] ‘pulei’

Vogal oral versus vogal nasalizada

Aritana	Makawana	
[ti'nõu]	[ti'nau]	‘mulheres’
[kuʃuʔi'nõ]	[kuʃuʔi'nã]	‘armação de cocar’
[kaʁi'tsəpəi'nõ]	[kaʁitsi'pui'na]	‘anel’
[ka'kajanu'mõ]	[ka'kajanu'ma]	‘pessoa ruim/mau’
[ka:mi]	[kõ:mi]	‘sol’
[ʃiku'jõ]	[ʃiku'ja]	‘antigo’
[i'tsiɲi'pa]	[itsõ'ɲupa]	‘está com ele’
[mũha'pari]	[muha'pari]	‘curto’
[ma'tala'wõ]	[ma'tala'wa]	‘murici’
[ma'nõ]	[ma'nã]	‘peneira’
[a'tsiɲu]	[a'tsiɲu]	‘com a gente’
[nu'hõ] ~ [nu'ha]	[nũ'ha]	‘meu filho’

Outras diferenças:

Aritana	Makawana	
[pi'kutu'ka]	[pu'kutu'ka]	‘pode atirar’
[u'ka i'tsimõ'kina]	[ku'ka i'tsimõ'kina]	‘já ouviram’
[pi'haʃi'ʃi]	[piʃi'ʃi]	‘amarre!’
[a'tanu'mitsi]	[i'tanu'mitsi]	‘bom de mira’
[hipa'laka]	[hitsa'paka]	‘seu rosto’
[hiri'rika]	[i'hiri'ka]	‘rasgada’
[hikipi'na]	[hitʃipi'na]	‘seu nome’
[uha'pa]	[uha'paʔ] ~ [ufapa]	‘comprido’
[ju'maʃu]	[ju'maʃu]	‘moça’
[nu'junupa'pa]	[ni'junu'papa]	‘estou vendo’
[natu'kiriku'mõ]	[natu'kiriku'ma]	‘meu bisavô’
[kɪpi'ʌõ] ~ [kɪpi'ʌi]	[kɪpi'li]	‘reza’
[i'kunua'ʃa]	[kunu'aka'ʃi]	‘a noite’
[aʃi'ɲapu]	[aʃi'ɲaʔpu]	‘estrada’

[kɪŋõ'ka]	[kɪŋũ'ka]	‘bravo’
[ʃiŋi]	[ʃiŋi]	‘banco’
[pa'liŋa]	[pa'lira]	‘tucunaré’
[ju'mələ]	[ju'miɫu]	‘criança’
[wələ]	[wiɫi]	‘capim navalha’
[ku'ɫəpə]	[ku'ɫipi]	‘sujo’
[muju'li]	[muju'li]	‘mentira’
[a'waju'luku'mõ]	[waju'luku'mõ]	‘cachorro’
[a'wana'kala]	[a'wanaka'la]	‘nosso funcionário’
[kaŋi'ʔtsi]	[ka'ŋitsi]	‘coração’
[mapaʃi'tʃipu]	[mapaʃi'tʃipi]	‘cera’
[i'na'na'papa]	[nana'papa] [ina'papa]	‘eles’
[mapa'li]	[mapa'li]	‘alegria’
[ku'suʔi'nõ]	[ku'suʔi'nã]	‘armação de cocar’
[uha'pa] ~ [uha'paʔ]	[ufapa]	‘comprido’
[kaŋi'ʔtsi]	[ka'ŋitsi]	‘coração’
[pala'lakõmũnõʔ]	[pala'lakõmũna]	‘arrepio’
[pi'təpəʔ]	[pi'tipiʔ]	‘bem-te-vi’
[ti'nəu]	[ti'niu] ~ [ti'nau]	‘mulheres’
[isəpə]	[i'ʃipi]	‘jararaca’
[nuja'ŋõũ]	[nuja'ŋau]	‘meus filhos’
[mũha'pari]	[muha'pari]	‘curto’
[hi'taɫu'ŋuri]	[hi'taɫu'ŋiri]	‘seu primo’
[hiri'rika]	[i'hiri'ka]	‘rasgada’

Palavras distintas para o mesmo referente:

Aritana

Makawana

[ka'waru]	[tsi'miku'ma]	‘cavalo’/ ‘anta grande’
[hikipi'na]	[hitʃipi'na]	‘seu nome’
[i'tapi]	[i'taŋi'ŋi]	‘corda de arco’

2.7 MORFOFONOLOGIA

2.7.1 Palatalização de /n/

O fonema /n/ pode se palatalizar em fronteira de morfema quando o morfema seguinte se inicia por /i/ ou /i/:

[ni'ʃa] 'meu piolho'

[nia'tʃa] 'eu vou'

2.7.2 Elisão vocálica

A vogal de certos morfemas, como *-pa* 'estativo' ou *-tʃa* 'ainda', cai, quando a partícula *uka* se cliticiza ao tema:

(1) j-unúpa-niʃi-tʃ+uká tiniʃu awiriwaka
 2p-ver-proj-mesmo+já mulher amanhã
 'vocês ainda vão ver a mulher amanhã'

(2) in-ana i-tima-ni-p-uka
 3-col 3-correr-col-est-já
 'eles/elas estão correndo'

2.7.3 Debucalização de /h/

O fonema /p/ muda para /h/ quando precedido de /i/. Este processo é recorrente na forma do prefixo pessoal de segunda pessoa do singular:

[hi'kiki'tʃi] 'seu vômito'
 [hi'ʃina] 'sua casa'
 [hi'awa] 'seu machado'
 [hipa'laka] 'seu rosto'
 [hitsa'paka] 'lados faciais'
 [hikipi'na] 'seu nome'
 [hi,taʎu'puri] 'seu primo'
 [hi'tʃutu'ka] 'acorde'

[hi'akutu'ka]	‘pode sair’
[hi'is̥i'ti]	‘costura’
[hi'uta]	‘grite’
[hi'is̥i'ti]	‘costura’
[hi'uti'si]	‘acredite’
[hia'waʃi]	‘gosta’
[hi'aʌə]	‘sorrir’

2.8 ACENTO

Ywalapíti é uma língua de *pitch-accent*. Há um conjunto de pares de palavras que contrastam quanto ao acento, como entre as palavras para ‘canoa’ e ‘sangue’:

íʃa	‘canoa’
ijá	‘sangue’

Estes dados sugerem que Yawalapíti possui acento fonológico. Não se pode dizer que o acento do Yawalapíti é previsível, por várias palavras insegmentáveis morfologicamente terem o acento na penúltima sílaba e outras palavras da mesma natureza terem o acento na última sílaba:

Acento na penúltima sílaba

[ma:pa]	‘abelha’
[hiṛi]	‘cipó’
[wɨjĩ]	‘rio’
[pi'tipi]	‘bem-te-vi’
[ma:pa]	‘abelha’
[ma'waṛi]	‘cobra cipó’
[ma'jaku]	‘cesto’

Acento na última sílaba:

[ʃi'ʃa]	‘corda’
[tuaṛi]	‘esteira retangular’

[wi'li'tʃi]	‘coceira gen.’
[ija'ka]	‘jacaré’
[i'pi]	‘hoje’
[tsi'tsi]	‘forno de fazer beiju’
[a'ka]	‘pequi’
[u.'dza]	‘jatobá’
[jana'pa]	‘curimbatá’
[jumi'li]	‘criança’
[ma'lu]	‘falsa(o)’
[ma'pi]	‘pele’
[ka'pa]	‘formigão de cabeça vermelha’
[ma'nõ]	‘peneira’
[iʃi'pi]	‘jararaca’
[it'u'na]	‘timbó’

Um fato a ser destacado no âmbito do acento em Yawalapíti é o de que, operações morfológicas provocam o deslocamento de acento para a direita ou para a esquerda. Os seguintes exemplos mostram o deslocamento de acento na língua.

['atʃa]	‘mordeu ou picou’
['patʃa]	‘come’
['patʃatsa]	‘tem que comer’
[pa'tʃapa]	‘você está comendo’
[patʃu'ka]	‘você pode comer’

O acento pode também mudar a depender da posição da palavra no enunciado. No exemplo seguinte, a palavra ‘canao’ inicia o enunciado com o acento na primeira sílaba, mas no outro exemplo seguinte, a mesma palavra em posição final de enunciado tem o acento deslocado para a sílaba final:

['iʃa inaku'pa ku'pati]	‘o peixe está no barco’
[na'wirita'tapa	i'ʃa] ‘eu conserto carro (canao)’

Outros exemplos:

[tʃaw'aka nu'nupi hipu'lalu ku'mã]	‘ontem vi arara vermelha’
[tʃa'waka nunu'pi yanu'maka ku'mã]	‘ontem vi o tigre’
[punupa'dʒa]	‘você verá’

Nesse caso, como observa o Prof. Fábio Pereira Couto (comunicação pessoal), “a mudança de acento se justifica pela readequação morfofonológica, morfossintática e rítmica, podendo ocorrer, assim, o deslocamento”. O Prof. Couto observa também que “esse fenômeno pode ter a ver com o acento fonológico da sentença, ou seja, com o contorno entonacional (ascendente-descendente) da sentença, descartando, por exemplo, o acento lexical.”

2.9 FONOTÁTICA

A sílaba canônica em Ywalapíti é ((c)v). Entretanto sílabas com uma única vogal têm baixa frequência na língua.

2.9.1 Combinação de consoantes e vogais

Apresentamos em seguida exemplos que mostram a combinação de consoantes e vogais e a distribuição dessa combinação em sílabas iniciais, mediais e finais de palavra:

[p]			
_i	[pi,haʃi'tʃi] ‘amarre!’	[ipi'ra] ‘cachorro/pássaro ele’	[i:'tapi] ‘corda de arco’
_a	[pa'wa] ‘um’	[a'paka] ‘ele cantou’	[a'pa] ‘música’
_i	[pi'wiru'ti] ‘contar’	[wi'piti] ‘terra’	[i'ʃipi] ~ [isəpə] ‘jararaca’
_u	[pu'kula] ‘sua flecha’	[papu'ti] ‘você lava’	[mapaʃi'tʃipu] ‘cera’

[t]			
_i	[ti'ʃa] ‘seu filho’	[pa'timaʔ] ‘corre’	[pi,waka'ti] ‘você apaga’
_a	[ta'kaʔ]	[pu,taka'nãũ] ‘povo’	[piki'rutaʔ] ‘cerca’
_i	[tini] ‘remo’	[pahi'tipu] ‘redondo’	[wi'piti] ‘terra’
_u	[tulu'malu] ‘pica-pau’	[pu'tuna'ti] ‘aumentar’	[a'tu] ‘avô’

	[k]		
_i	[ki'ha] 'gostoso'	[pa'kiru] 'sua tia'	[pitsujuju'ki] 'chupa'
_a	[kami] 'sol'	[nu'kaja] 'mingau'	[imaka] 'ele disse'
_i	[kiri] 'lua'	[iki'nuka] 'ele ficou bravo'	[wa'kupɪ] 'peixe cozido'
_u	[kuta] 'salva'	[a'kuɲa] 'junto com a gente'	[inaku] 'dentro'

	[ts]		
_i	[tsi'li] 'filha'	[hitsi'pulu] 'seu joelho'	[pa'tsi] 'casinha'
_a	[tsatʃi] 'devagar'	[matsahõ] 'espera'	[pajumatsa] 'de fora'
_i	[tsiɽi] 'joelheira'	[hi'tsiɽu] 'sua orelha'	[ki'tatsi] 'inteligente'
_u	[tsumapa] 'nome próprio'	[pi'tsuju'juka] 'chupa'	[utsu] 'sobrinha'

	[tʃ]		
_i	[tʃi'tʃu] 'barriga'	[patʃatsa] 'tem que comer'	[atʃa] 'mordeu ou picou'
_a	[tʃawaka] 'ontem'	[patʃu'ka] 'você pode comer'	[patʃa] 'come'
_i	--	[pitʃiku'ka] 'você divide'	[ipatʃipikari] 'vai ser para isso'
_u	[tʃuka'li] 'passeio'	[atʃuka] 'vamos andar'	[ʃi'tʃu] 'facão'

	[dʒ]		
_i	--	--	--
_a	[dʒa] 'madrugada'	[adʒa'na] 'nossa pintura'	[punupa'dʒa] 'você verá'
_i			
_u	[dʒuma] 'pirarara'	[adʒu'ka] 'vamos embora'	[wadʒu] 'jucalho'

	[ʃ]		
_i	[ʃiru'la] 'amarelo/azul' ³	[pa'ʃiruka] 'repete'	[ta'waʃi] 'óleo de copaíba'

³ Os nomes das cores em Yawalapíti devem ser ainda estudados. Verde, por exemplo é literalmente “folha de árvore”. Estão esses nomes relacionados, em princípio, a elementos da natureza, daí porque *ʃiru* está na base para as cores amarelo ou azul.

_a	[ʃala'laʒi] 'peixe biguda'	[kaʃa'raka] 'liso'	[ka'ʃa] 'cheiro'
_i	['ʃi] 'fogo'	['aʃiri] 'nosso irmão'	[pa'tata'ʃi] 'traz fogo'
_u	[ʃumua'ʔi] 'festa'	['paʃuka] 'entra'	[ku'ʃu] 'cabeça'
	[h]		
_i	[hia'kuta] 'sai'	[pihi'ka] 'furação de orelha'	[punupa'hi] 'olha só'
_a	[ha'in] 'é?!'	['kihata] 'não pode'	[i'ha] 'filho dele'
_i	[hi'pi] 'acabou'	[ihikua] 'de longe'	
_u	[hunu'ka] 'saída'	[ma'huti] 'feio'	[i'puhu] 'pelo dele'

	[m]		
_i	[mi'tayu] 'louco'	[i'mira] 'ficou com medo'	[putu'mi] 'faz'
_a	[ma'ní] 'todo'	[pama'ti] 'junta'	[a'kamõ] 'morto'
_i	['mi] 'formigão'	[imi'ri'ku] 'esqueceu'	wakula'pi] 'ser cozido'
_u	[muha'pari] 'curto'	[pimu'ki] 'coloca'	[ka'tamu] 'pimentão'

	[n]		
_i	['niju] 'minha esposa'	[i'nita] 'arco dele'	[ma'ni] 'todos'
_a	[natu] 'eu'	[ina'pita] 'na frente dele'	['wana] 'braço'
_i	[ni'u'kala] 'meu lugar'	[ti'niʃu] 'mulher'	['tini] 'remo'
_u	['nuta] 'eu sei'	[i'nuka] 'matou'	[pa'tati'nu] 'traz para mim'

	[ɲ]		
_i	[ɲia'tʃa] 'eu vou'	[pa'ɲiaku] 'na casa'	['uluɲi] 'mingau'
_a	[ɲa'piru] 'mulher da selva'	[ka'ɲatsi] 'ararinha'	[unupapa'nõ] 'você poderia ver'
_i	[ɲi'rima'lu] 'falsa'	[i'ɲiri] ele	[i'ɲi] 'piolho'
_u	[ɲu'ka] 'vamos'	[inu'kula] flecha dele	['inu] 'esposa dele'

	[r]		
_i	--	[wiri'pa] 'pacu ferrado'	['piri] 'seu pai'
_a	--	[wa'rata] 'urubu'	[kuma'kara] 'já é muito'

_i	--	[wuriuku'la] 'pois e'	[tsi'ri] 'orelha'
_u	[ruti] 'objeto bem usado'	[i'rula] 'ela'	[pa'tiru] 'sua tia'

	[r̃]		
_i	[r̃ɲu] 'pescoço'	[paŋika] 'por que será?'	[pa:ŋi?] 'por que?'
_a	--	[tala'laŋi ku'mõ] 'biguda grande'	[kuma'kaŋa] 'já é muito'
_i	--	[iŋtsi] 'cheirinho'	[tsiŋi] 'orelha'
_u	--	[iŋu'tsi] 'atrás'	[i'ru] 'tartaruga'

	[l]		
_i	[li'tʃa] 'uluri'	[pa'liŋa] 'tucunaré'	[muju'li] 'mentira'
_a	[lapita'wanapu] 'trilha de aguapé'	[apa'laka] 'nosso rosto'	[nupa'hala] 'meu'
_i	--	--	--
_u	[lu'tʃitʃi] 'estrela'	[ulu'ŋi] mingau	[hi'pulu] mangauba

_i	[pa'l̄ika]~[pa'lika] 'pergunte'	[hia'li] 'sorrir'
_a	--	[jaha'la] 'bastante liquido'
_i	[ku'lipu] 'sujo'	[kipi'li] 'foragido'
_u	[uka'lika] 'chaga'	[nutsi'miɫu] 'minha rede'

	[w]		
_i	[wiki'niri] 'moço'	[pawiriu'tua] 'estude'	[Tsitsi'wi] 'nome próprio'
_a	[walu] 'caramujo'	[ta'waŋi] 'copaíba'	[u'wa] 'tio'
_i	[wiŋju] 'margem do rio'	[awi'kiti] 'nosso dono'	[i'pitsi] 'pagamento'
_u	--	[kawu'ka] 'flauta jakuí'	--

	[j]		
_i	[jimu'ka] 'falam'	[jaji'hi] 'perguntem'	--
_a	[ja'ka] 'jacaré'	[a'jata] 'chorou'	[paja] 'pergunte'

_i	[ˈjimi] ‘rouba’	[pajiˈkiti] ‘cantor’	--
_u	[juˈkula] ‘suas flechas’	[ˈpajuma] ‘fora’	[taˈtaju] ‘irmão mais velho’

2.10 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, aprofundamos o estudo da fonética e fonêmica da língua Yawalapíti, inventariando os sons da língua, os seus fonemas e abordando questões relativas à sua fonotática, processos fonológicos e morfofonológicos. Nem tudo que identificamos durante a pesquisa foi aqui incluído, principalmente por falta de tempo. Mas o estudo realizado abriu muitos caminhos para que conhecêssemos mais o sistema sonoro da língua, abordando questões fundamentais para o ensino da língua Yawalapíti, tanto escrita como falada. Continuamos o estudo, agora fazendo uso de aparatos acústicos para incrementar sobretudo o estudo do acento na língua Yawalapíti não aprofundado nesta dissertação.

CAPÍTULO III – CLASSES DE PALAVRAS

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo tratamos das classes de palavras da língua *Yawalapíti*. Mostramos que essa língua distingue duas classes de palavras abertas, a dos nomes e a dos verbos. Há, entre as nove classes de palavras fechadas, as classes: dos pronomes, dos demonstrativos, dos adjetivos, dos advérbios, dos numerais, das posposições, das partículas modais, das interjeições e dos ideofones. Algumas das classes dividem-se em subclasses, como a classe dos verbos, cuja divisão é decorrente da transitividade de seus elementos, a dos demonstrativos, que se dividem em pronominais e locativos, assim por diante.

Mostramos que os nomes *Yawalapíti* dividem-se de acordo com a natureza dos seus respectivos referentes, partes de um todo, ou seja, relativos a algo ou a alguém – nomes relativos (dependentes) ou absolutos (independentes). Os nomes dependentes recebem morfologia endocêntrica para funcionarem como absolutos. Nomes recebem marcas de gênero, da classe a que pertencem, assim como marca de coletivo/plural. Nomes recebem também sufixos que expressam o seu estado de existência: retrospectivo ou prospectivo, sendo o estado atual o não marcado. Esses sufixos fazem parte da morfologia exocêntrica, pois se combinam também com verbos, para marcar aspecto.

Adjetivos, têm função atributiva e, além de funcionarem como modificadores de nomes, são também usados como núcleos de predicados estativos. Por formarem sintagmas com nomes podem se combinar a marcas de gênero ou número e mesmo a classificadores, em concordância com os referentes dos nomes que modificam.

Verbos se combinam com prefixos subjetivos e recebem marcas sufixais de aspecto, de voz e de modalidade.

Há 13 posposições em *Yawalapíti*, todas locativas. Mas noções locativas podem ser expressas por meio de predicados estativos formados pelo sufixo estativo.

Demonstrativos em *Yawalapíti* marcam a distância do que é indicado em relação ao falante: proximal, quando o que é indicado está próximo ao falante, e distal, quando está longe do falante.

3.2 NOMES

3.2.1 Classes de temas

Nomes em *Yawalapíti* se dividem em duas classes: a classe dos nomes relativos e a dos nomes absolutos. Os nomes relativos se combinam com prefixos pessoais que marcam o possuidor; já os nomes absolutos se combinam com prefixos pessoais e com um sufixo mediador de posse. Nomes relativos são, portanto, dependentes de um possuidor, e nomes absolutos não são dependentes de um possuidor. Por questões práticas, antes de discorrermos sobre as duas classes temáticas dos nomes, descrevemos os prefixos pessoais que com eles se combinam e que integram a morfologia exocêntrica da língua.

3.2.2 Nomes relativos

Nomes relativos não prescindem de um determinante. Este pode ser marcado por meio de uma expressão nominal ou por prefixos pessoais. Os mesmos prefixos pessoais que se combinam com nomes relativos para marcar o possuidor se combinam também com temas verbais e com posposições, marcando nos verbos o seu sujeito e, nas posposições, o seu complemento. Os prefixos pessoais que marcam o Sujeito, o Possuidor e o Complemento de posposições codificam cinco pessoas, o(s) falante(s) – ‘eu’ e ‘nós’ –, o(s) ouvinte(s) – ‘você ou vocês’ – e o assunto – ‘ele(s)/esse(s)/isso/ela(s), essa(s)’. Diferentemente de outras línguas Aruák, o *Yawalapíti* não distingue gênero na forma prefixal de terceira pessoa. Como mostramos adiante, a distinção de gênero do possuidor é feita na terceira pessoa, quando pronomes demonstrativos se combinam com morfemas que marcam o gênero feminino ou masculino.

Quadro 7 – Prefixos pessoais

Primeira pessoa do singular	nu- ~ n-	‘1’
Segunda pessoa do singular	pi- ~ p- ~ hi- ~ h- ~ ti-	‘2’
Primeira pessoa do plural	au- ~ a-	‘pl’
Segunda pessoa do plural	ji- ~ j-	‘2pl’
Terceira pessoa	i- ~ in- ~ ij- ~ Ø-	‘3’

Como mencionado anteriormente, nomes relativos não prescindem de um possuidor, e quando entram em uma relação de posse, essa relação é direta, sem mediador de posse, como mostram os seguintes exemplos:

Artefatos

-pa/-pina 'casa'

- (3) nu-pina
1-casa
'minha casa'
- (4) hi-rija
2-casa
'tua casa'
- (5) a-pina
1PL-casa
'nossa casa'
- (6) ji-pina
2PL-casa
'casa de vocês'
- (7) i-ri i-pina
3-M 3-casa
'casa desse/dele'
- (8) i-ru i-pina
3-F 3-casa
'casa dessa/dela'
- (9) in-anapapa i-pina
3-COL 3-casa
'casa deles/delas'
- (10) in-anapapa i-pina-pa
3- COL 3-casa-COL
'casa deles/delas'
- ita* 'arco'
- (11) n-ita
1-arco
'meu arco'

- (12) p-ita
2-arco
'seu arco'
- (13) a-nita
2PL-ARCO
'nosso arco'
- (14) j-ita
2PL-arco
'seus arcos'
- (15) i-ri i-nita
3-M 3-arco
'arco dele'
- (16) i-ru i-nita
3-F 3-arco
'arco dele'
- (17) in-anapapa i-nita-pa
3-COL 3- arco-EST
'arco deles/delas'

*-tsimi*λu 'rede'

- (18) nu-tsimiλu
1-rede
'minha rede'
- (19) hi-tsimiλu
2-rede
'sua rede'
- (20) a-tsimiλu
1PL-rede
'nossa rede'

- (21) *ji-tsimiʎu*
2PL-rede
'suas redes'
- (22) *i-ri i-tsimiʎu*
3-M 3-rede
'rede dele'
- (23) *i-ru i-tsimiʎu*
3-F 3-rede
'rede dela'
- (24) *in-anapapa i-tsimiʎu-pa*
3-COL 3-rede-EST
'rede deles(as)'

Partes do corpo

-urita-ʎi 'olhos'

- (25) *n-urita*
1-olhos
'meus olhos'
- (26) *p-urita-pa*
2-olho-EST
'seu olho'
- (27) *a-urita*
1PL-olhos
'nossos olhos'
- (28) *j-urita i --> ∅ /_+u*
2PL-olhos
'olhos de vocês'
- (29) *i-ri in-urita*
3-M 3-olho
'olho dele'

- (30) i-ru in-urita
3-F 3-olho
'olho dela'
- (31) in-anapapa in-urita-pa
3-COL 3-olho-EST
'olhos deles(as)'
- kuşu* 'cabeça'
- (32) nu-kuşu
1-cabeça
'minha cabeça'
- (33) hi-kuşu
2-cabeça
'sua cabeça'
- (34) a-kuşu
1PL-cabeça
'nossa cabeça'
- (35) ji-tfuşu
2PL-cabeça
'suas cabeças'
- (36) i-ri i-tfuşu
3-M 3-cabeça
'cabeça dele'
- (37) i-ru i-tfuşu
3-F 3-cabeça
'cabeça dela'
- (38) in-anapapa i-tfuşu-pa
3-COL 3-cabeça-EST
'cabeça deles(as)'

Humores

-ișitfi ‘fezes’

- (39) n-ișitfa
1-fezes
‘minhas fezes’
- (40) t-ișitfa
2-fezes
‘suas fezes’
- (41) a-șitfa
1PL-fezes
‘nossas fezes’
- (42) ji-șitfa
2PL-fezes
‘suas fezes’
- (43) i-ri i-șitfa
3-M 3-fezes
‘fezes dele’
- (44) i-ru i-șitfa
3-F 3-fezes
‘fezes dela’
- (45) in-anapapa i-șitfă-pa
3-COL 3-fezes-EST
‘fezes deles(as)’

-juha-i calor

- (46) nu-juha
1-calor
‘meu suor’

- (47) hi-juha
2-calor
'seu suor'
- (48) a-juha
2PL-calor
'nosso suor'
- (49) ji-juha
2PL-calor
'seus suores'
- (50) i-ri i-juha
3-M 3-calor
'suor dele'
- (51) i-ru i-juha
3-F 3-calor
'suor dela'
- (52) in-anapapa i-juha-pa
3-COL 3-calor-EST
'suor deles(as)'

Nomes de relações de parentesco

-aki 'tia'

- (53) n-akiru
1-tia
'minha tia'
- (54) p-akiru
2-tia
'sua tia'
- (55) au-akiru
1PL-tia
'nossa tia'

- (56) j-akiru
2PL-tia
'tia de vocês'
- (57) i-ri in-akiru
3-M 3-tia
'tia dele'
- (58) i-ru in-akiru
3-F 3-tia
'tia dele'
- (59) in-anapapa in-akiru-pa
3-COL 3-tia-COL-EST
'tia deles(as)'

Outros

-işıpu 'sonho'

- (60) n-işıpu
1-sonho
'meu sonho'
- (61) ti-işıpu
2-sonho
'seu sonho'
- (62) a-şıpu
1PL-sonho
'nosso sonho'
- (63) i-şıpu
2PL-sonho
'sonho de vocês'
- (64) i-ri i-şıpu
3-M sonho
'sonho dele'

- (65) i-ru i-ʃipu
3-F sonho
'sonho dela'
- (66) in-anapapa i-ʃipu-pa
3-COL 3-sonho-EST
'sonho deles'

3.2.3 Nomes absolutos

Nomes absolutos são aqueles que ocorrem livres de possuidor na sintaxe, mas que podem ser possuídos, casos em que entra em jogo os mediadores de posse *-la*, *-ra* e *-ã*. A distribuição dos alomorfes do mediar de posse é fonologicamente condicionada: *-la* se combina com temas terminados em /a/ ou /u/, *-ra* se combina com temas terminados em /i/ e *-ã* se combina com temas terminados em /i/. Trata-se de um morfema endocêntrico, que ocorre exclusivamente com nomes absolutos. Há uma tendência à generalização do uso do alomorfe *-la* para todos os temas absolutos, nesse estágio da vitalidade da língua, provavelmente por ser esse alomorfe o que é usado em empréstimos. Exemplos de nomes absolutos em relação de posse:

Artefatos

tiparata 'panelão'

- (67) nu-tipa-rata-la
1-pedra-casca-MP
'minha panela'
- (68) hi-tipa-rata-la
2- pedra-casca-MP
'sua panela'
- (69) a-tipa-ratala
1PL-pedra-casca-MP
'nossa panela'
- (70) ji-tipa-rata-la
2PL-pedra-casca-MP
'suas panelas'

- (71) i-ri i-tipa-rata-la
 3-M 3-pedra-casca-MP
 ‘panela dele’
- (72) i-ru i-tipa-rata-la
 3-F 3-pedra-casca-MP
 ‘panela dela’
- (73) in-anapapa i-tipa-rata-la-pa
 3-COL 3-pedra-casca-MP-EST
 ‘panela deles(as)’
- uku* ‘flecha’
- (74) n-uku-la
 1-flecha-MP
 ‘minha flecha’
- (75) p-uku-la
 2-flecha-MP
 ‘sua flecha’
- (76) a-uku-la
 1PL-flecha-MP
 ‘nossa flecha’
- (77) j-uku-la
 2PL-flecha-MP
 ‘flechas de vocês’
- (78) i-ri in-uku-la
 3-M 3-flecha-MP
 ‘flecha dele’
- (79) in-anapapa i-nuku-la-pa
 3-COL 3-flecha-MP-EST
 ‘flecha deles(as)’

iri ‘carvão’

(80) n-iri-ra
1-carvão-MP
‘meu carvão’

(81) p-iri-ra
2-carvão-MP
‘seu carvão’

(82) au-iri-ra
1PL-carvão-MP
‘nosso carvão’

(83) j-iri-ra
2PL-carvão-MP
‘carvão de vocês’

(84) i-ri in-iri-ra
3-M 3-carvão-MP
‘carvão dele’

(85) i-ru i-iri-ra
3-F 3-carvão-MP
‘carvão dela’

(86) in-anapapa in-iri-ra-pa
3-COL 3-carvão-MP-EST
‘carvão deles(as)’

tuari ‘esteira’

(87) nu-tuatişa
1-esteira
‘minha esteira’

(88) hi-tuatişa
2-esteira
‘sua esteira’

- (89) a-tuatiṣa
1PL-esteira
'nossa esteira'
- (90) ji-tuatiṣa
2PL-esteira
'suas esteiras'
- (91) i-ri i-tuatiṣa
3-M 3-esteira
'esteira dele'
- (92) i-ru i-tuatiṣa
3-F 3-esteira
'esteira dela'
- (93) in-anapapa i-tuatiṣa-pa
3-COL 3-esteira-EST
'esteira delas(es)'

watfi:watfi 'abano'

- (94) n-watfi=watfi-la
1- abano=abano-MP
'meu abano'
- (95) hi-watfi=watfi-la
1-abano=abano-MP
'seu abano'
- (96) a-watfi=watfi-la
1PL-abano=abano-MP
'nosso abano'
- (97) ji-watfi=watfi-la
2PL-abano=abano-MP
'abano de vocês'

- (98) i-ri watʃi=watʃi-la
 3-M abano=abano-MP
 ‘abano dele’
- (99) i-ru watʃi=watʃi-la
 3-F abano=abano-MP
 ‘abano dela’
- (100) in-anapapa i-watʃi=watʃi-la-pa
 3-COL 3-abano=abano-MP-EST
 ‘abano dela’

Humores

- iʃa* ‘sangue’
- (101) nu-ʃa-ja-la
 1-sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘meu sangue’
- (102) p-iʃa-ja-la
 2-sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘teu sangue’
- (103) a-ʃa-ja-la
 1PL-sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘nosso sangue’
- (104) ji-ʃa-ja-la
 2PL-sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘seus sangues’
- (105) i-ri iʃa-ja-la
 3-M sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘sangue dele’
- (106) i-ru iʃa-ja-la
 3-F sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘sangue dela’

(107) in-anapapa iṣa-ja-la
 3-COL sangue-CLASS.LIQ-MP
 ‘sangue deles(as)’

(108) in-atira iṣa-ja-la
 3-aqueles sangue-CLASS.LÍQ-MP
 ‘sangue daqueles’

Nos exemplos precedentes podemos ver que os nomes podem ser formados por meio de composição, como é o caso do tema para panela, formado a partir da composição de *tipa* ‘pedra’ e *rata* ‘casca’= *tiparata* ‘casca de pedra’, ou seja, ‘panela’, ou por meio de reduplicação, como é o caso para “abano” *watfi:watfi*.

(109) nu-tipa-rata-la
 1-pedra-casca-MP
 ‘minha panela’

(110) hi-tjīpa-rata-la
 2PL-pedra-casca-MP
 ‘sua panela’

É importante notar com respeito aos empréstimos culturais do português do Brasil que os nomes adotados dos não índios são percebidos como absolutos e, quando possuídos, recebem o *alomorfe -la* do morfema mediador de posse:

Empréstimos do Português do Brasil:

amiku ‘amigo’

(111) n-amiku-la
 1-amigo-MP
 ‘meu amigo’

(112) p-amiku-la
 2-amigo-MP
 ‘seu amigo’

- (113) au-amiku-la
1PL-amigo-MP
'nosso amigo'
- (114) j-amiku-la
2PL-amigo-MP
'amigo de vocês'
- (115) i-ri in-amiku-la
3-M 3-amigo-MP
'amigo dele'
- (116) iru in-amiku-la
3-F 3-amigo-MP
'amigo dela'
- (117) in-anapapa in-amiku-la-pa
3-COL 3-amigo-MP-EST
'amigo deles(as)'
- sete 'CD'
- (118) nu-sete-la
1-cd-MP
'meu CD'
- (119) pi-sete-la
2-cd-MP
'seu CD'
- (120) a-sete-la
1PL-cd-MP
'nosso CD'
- (121) ji-sete-la
1PL-cd-MP
'CD de vocês'

- (122) i-ri i-sete-la
3-M 3-cd-MP
'CD dele'
- (123) iru i-sete-la
3-F 3-cd-MP
'CD dela'
- (124) in-anapapa i-sete-la-pa
3-COL 3-cd-MP-EST
'CD deles(as)'

moto 'motor'

- (125) nu-motó-la
1-motor-MP
'meu motor'
- (126) pi-moto-la
2-motor-MP
'seu motor'
- (127) a-moto-la
2PL-motor-MP
'nosso motor'
- (128) ji-moto-la
2Pl-motor-MP
'motor de vocês'
- (129) i-ri i-moto-la
3-M 3-motor-MP
'motor dele'
- (130) i-ru i-moto-la
3-F 3-motor-MP
'motor dela'

- (131) in-anapapa i-moto-la
 3-COL 3-motor-MP
 ‘motor deles(as)’

3.2.4 O morfema *pa-* ‘impessoal’ e o morfema *a-* ‘indefinido’

Existe em Yawalapíti um morfema *pa-* que se combina com predicados nominais estativos para expressar, respectivamente um sujeito impessoal, o qual podemos traduzir como tendo um significado próximo do *on* do francês e da expressão “a gente do português (cf. AIKHENVALD, 2018).

Alguns exemplos com o impessoal *pa-* são os seguintes:

- (132) pa-mulau-ta-pa
 IMP-ministrar-CAUS-EST
 ‘ministrar gente’
- (133) p-uwiñuri tsiwi
 IMP-pessoa dente
 ‘dente de pessoa em geral’
- (134) p-ikiñiu-ta-pa
 IMP-somar-CAUS-EST
 ‘contar pessoas’

Em um exemplo, verificamos o uso correferencial do prefixo *pa-*:

- (135) p-uwa pa-mimaka-ta
 2-vir IMP-dança-CAUS
 ‘você veio dançar’, ‘você veio dançando’, ‘você veio e dançou’

O Yawalapíti apresenta o possui um prefixo *a-* ‘indefinido’, que também marca o sujeito indefinido de predicados estativos:

- (136) itfatji atsa katupamina-pa ha, piña
 ritual NEG triste-EST ENF, por.isso
- puwiñiri-mina-anau a-mimaka-ta-pa ha

peessoa-forte-COL IND-dança-CAUS-EST ENF

‘o kuaryp não é triste, por isso as pessoas dançam’

- (137) tinau-pa-tsa a-mimakata-pa jamurikuma pi hi, iri-nau
mulher-EST-só IND-dança-EST jamurikuma COP ENF, homem-COL
- atsa a-mimakata-pa ha jamurikuma pi hi
NEG ind-dança-EST ENF jamurikuma cop ENF
- ‘somente as mulheres dançam no yamurikuma, os homens não dançam no yamurikuma’

3.2.5 Classificação nominal

Em Yawalapíti há um sistema de classificação nominal bastante reduzido, mas ainda produtivo, como mostraremos adiante. As duas outras línguas Aruák do Alto Xingu, Mehináko e Wáuza (Waura) também possuem classificadores como mostram Corbera Mori (2007; 2012) e Makaulaka Mehinako Aweti (2014). Embora o número de classificadores nessas duas línguas chegue a aproximadamente uma dezena, o número de classificadores do Yawalapíti é bem mais reduzido, somando três classificadores.

Os classificadores do Yawalapíti são os seguintes:

ja- ‘classificador de nomes com referentes percebidos como da classe dos líquidos’

işa ‘sangue’

- (138) n-işa-ja-la
1-sangue-CLASS.LÍQ-MP
‘meu sangue’

- (139) t-işa-ja-la
2-sangue-CLASS.LÍQ-MP
‘meu sangue’

- (140) a-işa-ja-la
1PL-sangue-CLASS.LÍQ-MP
'nosso sangue'
- (141) j-işa-ja-la
2PL-sangue-CLASS.LÍQ-MP
'sangue de vocês'
- (142) i-ri işa-ja-la
3-M sangue-CLASS.LÍQ-MP
'sangue dele'
- (143) i-ru işa-ja-la
3-F sangue-CLASS.LÍQ-MP
'sangue dela'
- (144) in-anapapa işa-ja-la
3-COL sangue-CLASS.LÍQ-MP
'sangue deles(as)'

katula 'mangaba'

A palavra para a fruta mangaba (*Hancornia speciosa*) dá nome à 'bola' em Yawalapíti, isto porque as bolas tradicionais eram feitas com folhas. Para confeccioná-las, os Yawalapíti ungiam um dos braços com o líquido pegajoso da mangaba. Daí, a extensão da palavra mangaba para bola, que passa a receber o classificador para líquido, traço saliente da mangaba.

-katula-já 'bola'

- (145) nu-katula-ja
1-mangaba-CLASS.LÍQ
'minha bola'
- (146) hi-katula-ja
2-mangaba-CLASS.LÍQ
'bola de você'

- (147) a-katula-ja
1PL-mangaba- CLASS.LÍQ
'nossa bola'
- (148) ji-tfatula-ja
2PL-mangaba- CLASS.LÍQ
'bola de vocês'
- (149) i-ri i-tfatula-ja
3-M 3-mangaba-CLASS.LÍQ
'bola dele'
- (150) i-ru i-tfatula-ja
3-F 3-mangaba-CLASS.LÍQ
'bola dela'
- (151) in-anapapa i-tfatula-ja-pa
3-COL 3-mangaba-CLASS.LÍQ-EST
'bola deles/delas'

-há 'urina'

- (152) i-ha-ja
3-urina-CLASS.LÍQ
'urina dele'

iu 'lagoa'

- (153) iu-ja
lagoa-CLASS.LÍQ
'lagoa'

-rita 'lágrima'

- (154) nu-rita-ja
1-olho-CLASS.LÍQ
'minha lágrima'

Embora o último exemplo pareça uma composição, em que *-ja* determina *-rita* ‘olho’, para os Yawalapíti, *-rita-ja* é simplesmente ‘lágrima’.

O segundo classificador é *-pana*, que classifica seres vistos como filiformes, chatos, planos, finos. Exemplos:

(155) nu-nu-pana
1-fígado-CLASS.FIL
‘meu fígado’

(156) jukapa-pana
luz-CLASS.FIL
‘foco de luz (de lanterna, da lua, da lâmpada, da tela do computador, entre outros)’

(157) ata-pana
pau-CLASS.FIL
‘caderno’

O terceiro classificador é o classificador *-ti*, que classifica referentes de nomes percebidos pelos Yawalapíti como compridos, longos e altos. Exemplos:

(158) kaşaparu-ti
mesa-CLASS.COMP
‘mesa’

(159) nu-tsiri-ti
1-orelha-CLASS.COMP
‘meu brinco’

A explicação dada por Aritana a Tapi sobre a combinação do classificador *-ti* com a palavra para orelha é a de que o brinco na orelha a deixa comprida, sendo assim, parte dela.

(160) nu-kana-ti
1-boca-CLASS.COMP
‘minha boca’

(161) pama-ti
 rolo.de.algo-CLASS.COMP
 ‘rolo de fio’

(162) nu-jĩ-ti
 1-língua-CLASS.COMP
 ‘minha língua’

Os três classificadores identificados em Yawalapíti têm origem em nomes, como *-ja* ‘líquido’, *-pana* ‘folha’ e *-ti* ‘comprimento’. Entretanto, em algum estágio anterior da língua passaram da função meramente atributiva para uma função derivacional e classificadora, como vimos nos exemplos apresentados.

3.2.6 Gênero

Yawalapíti distingue dois gêneros nos nomes com referentes animados e demonstrativos que indicam seres animados: masculino e feminino. O feminino é o gênero marcado, o que se dá por meio do sufixo *-lu*. Já o masculino é o gênero não-marcado, representado por \emptyset .

(163) nu-tutaka- \emptyset
 1-irmão-M
 ‘meu irmão’

(164) nu-tukaka-lu
 1-irmã-F
 ‘minha irmã’

(165) nu-tapiri kanuja
 1-irmão casado
 ‘meu irmão é casado’

Quando um nome é modificado por um adjetivo, este também recebe a marca do gênero do referente do nome que modifica:

(166) nu-tukaka-lu kimíʃija-lu
 minha-irmã-F. casada-F.
 ‘minha irmã é casada’

(167) awiri-tapa-lu
 bonito-tronco-F
 ‘corpo bonito (de mulher)’

(168) kakajanuma-Ø
 ser.mau-M
 ‘homem mau’

(169) kakajama-lu
 ser.mau-F
 ‘mulher má’

(170) Tapi kipuka
 Tapi bravo
 ‘Tapi é bravo’

(171) jumaşu awirira-lu
 moça bonita-F
 ‘moça bonita’

(172) nu takaka-lu
 1 irmã-F
 ‘minha irmã’

Há nomes que são femininos por natureza, mas que exigem o sufixo de gênero. Por exemplo ‘filho’ é *-há* e filha é *-şupa*, entretanto, mesmo já havendo uma distinção de gênero lexical, é obrigatório o sufixo de gênero feminino em *-şupa*, assim como em palavras da mesma natureza:

(173) nu-há-Ø
 1-filho-M
 ‘meu filho’

- (174) ni-ɣupa-lu
 1-filha-F
 ‘minha filha’

Há um uso metafórico do sufixo *-lu*, que contribui com um significado ‘atenuativo’ ou ‘de fragilidade’ à existência de algo’, como pode ser visto nos seguintes exemplos:

- (175) pá-autsá-lu
 casa-novo-F
 ‘casa novinha’

- (176) natʃá-autsá-lu
 roupa-novo-F
 ‘roupa novinha’

- (177) mitsiʎuká-lu
 objeto-F
 ‘objeto frágil’

3.2.7 Atenuação e intensificação nos nomes

Nomes podem ser atenuados por meio do sufixo atenuativo *-tsi* e podem ser intensificados em composição com o adjetivo ‘grande’. Alguns nomes podem ser intensificados com o adjetivo *kuma* ‘colossal, de tamanho desproporcional para o padrão, grandioso, descomunal, assustador, sublime’. Ilustramos, em seguida, nomes atenuados e intensificados.

3.2.7.1 Nomes atenuados por meio do sufixo atenuativo *-tsi*:

irina	‘homem’
irina-tsi	‘homenzinho’
jumiʎi	‘menino’
jumiʎi-tʃi	‘menininho’
tiniɣu	‘mulher’
tiniɣu-tsi	‘mulherzinha’

pa	‘casa’
pa-tsi	‘casinha’
amaka	‘rede’
amáka-tsi	‘redinha’
tiparáta	‘panela’
tiparáta-tsi	‘panelinha’
uku	‘flecha’
uku-tsi	‘flechinha’
itá	‘arco’
itá-tsi	‘arquinho’
tipa	‘pedra’
tipa-tsi	‘pedrinha’
tsimi	‘anta’
tsimi-tsi	‘antinha’
ïujá	‘lagoa’
ïujatsi	‘lagoazinha’
kapulu	‘macaco aranha’
kapulu-tsi	‘macaco aranhazinha’
putaka	‘aldeia’
putaka-tsi	‘aldeiazinha’
ana	‘pilão’
ana-tsi	‘pilãozinho’

anati	‘mão de pilão’
anati-tsi	‘mãozinha de pilão’
kuşikuşi	‘macaco’
kuşikusi-tsi	‘macaquinho’
ui	‘cobra’
ui-tsi	‘cobrinha’
şi	‘fogo’
şi-tsi	‘foguinho’
ulaři	‘beiju’
ulaři-tsi	‘beijuzinho’
wikuka	‘terreiro central’
wikuka-tsi	‘terreirinho’
kupati	‘peixe’
kupati-tsi	‘peixezinho’
wiji	‘rio’
wiji-tsi	‘riozinho’
uku	‘flecha’
uku-tsi	‘flechinha’
ita	‘arco’
ita-tsi	‘arquinho’
iuja	‘lagoa’
iuja-tsi	‘lagoazinha’
jakuakua	‘tucano’

jakuakua-tsi ‘tucaninho’

3.2.7.2 Intensivo

Exemplificamos, em seguida, a intensificação de referentes de nomes por meio do adjetivo *itʃi* ‘grande’

wikuka ‘terreiro’
wikuka itʃi ‘terreiro grande’

amaka ‘rede’
amaka itʃi ‘rede grande’

ana- ‘pilão’
ana itʃi ‘pilão grande’

anati ‘mão de pilão’
anati itʃi ‘mão de pilão grande’

ulañi ‘beiju’
ulañi itʃi ‘beiju grande’

wikuka ‘terreiro central’
wikuka itʃi ‘terreiro grande’

wijni ‘rio’
wijni itʃi ‘rio grande’

3.2.8 O morfema *kuma* / *ʃuma*

Em Yawalapíti há *kuma* um adjetivo que se combina com outros nomes para formar novos nomes. Os referentes dos novos nomes, assim criados, possuem dimensões aumentadas das dimensões dos referentes dos temas base da derivação. São referentes, em princípio, de forma colossal, grandiosa, volumosa, ou de dimensões desproporcionais ou mesmo assustadoras. Assim, o nome para cobra, por exemplo, que é *ui*, quando modificado pelo

adjetivo *itfi* significa ‘cobra grande’, mas combinado com *kuma* é um novo nome, que guarda traços semânticos do referente do nome base da derivação, mas adquire significado próprio. Então, *ui kuma* significa uma ‘cobra monstruosa’. Outros exemplos:

ʂi	‘fogo’
ʂi tʂuma	‘vulcão’

O tema para fogo combinado com *kuma* resulta em vulcão. Há lugares no Alto Xingu em que são emitidos fumaça e fogo e em que há explosões. Esses lugares são chamados de vulcões pelos Yawalapíti, ou seja, *ʂi kuma*.

kuati	‘peixe’
kupati itʂi	‘peixe grande’
kupati kuma	‘jaú/baleia/tubarão’

O exemplo anterior mostra a derivação do termo para *jaú*, o maior peixe do Xingu. A baleia e o tubarão, que os indígenas só veem em filmes e fotos, são considerados *kupati kuma*, por serem de grandes proporções e/ou perigosos. Glossamos este morfema como ‘colossal’.

uku	‘flecha’
uku itʂi/kuma	‘flecha grande/alta’
uku kuma	‘arma de fogo/explosivo’

Do tema para flecha, em combinação com *kuma*, é derivada a palavra para ‘arma de fogo/explosivo’, um neologismo.

iuja	‘lagoa’
iuja itʂi	‘lagoa grande’
iuja kuma	‘mar’

ʂitʂu-tsi	‘faca’
ʂitʂu itʂi	‘facão’
ʂitʂu kuma	‘espada’

irina	‘homem’
irína it̃ĩ	‘homem grande’
irina utumina	‘gordo/alto/forte’
irina kuma	‘dono da água, do mato’
jumiłi	‘menino’
jumiłi-it̃ĩ	‘menino grande’
jumiłit̃ĩ kuma	‘menino gordo/alto/forte’
tinişu	‘mulher’
tinişu-it̃ĩ	‘mulher grandona’
tinişu kuma	‘gorda/alta’
tinişu-tsi	‘menina’
tinişu-tsi it̃ĩ	‘menina grandona’
tinişu kuma	‘menina gordinha/alta’
tinişu-tsi ipua-lu	‘menina gorda’
tinişu kuma	‘espírito da água, da mata’
pa	‘casa’
pá it̃ĩ	‘casa grande’
pa kuma	‘casa grande, prédio’
tiparata	‘panela para cozinhar peixe’
majata kala kuma	‘panela grande’
tiparata it̃ĩ	‘panela grande’
tiparata kuma	‘caldeirão’
tsitsi kuma	‘tacho grande’
ita	‘arco’
ita it̃ĩ /kuma	‘arco comprido/alto’
ita kuma	‘arco de Kayapó, Panará’

tipa	‘pedra’
tipa it̃i	‘pedra grande’
tipa kuma	‘montanha’
tsimi	‘anta’
tsimi it̃i	‘anta grande’
tsimi kuma	‘boi/hipopótamo’
kapulu	‘macaco aranha’
kapulu it̃i	‘macaco aranha grande’
kapulu kuma	‘gorila’
putaka	‘aldeia’
putaka it̃i	‘aldeia grande’
putaka kuma	‘cidade’
kuşikuşi	‘macaco’
kuşikuşi it̃i	‘macaco grande’
kuşikuşi kuma	‘japurá (jupará, <i>Potos flavus</i>)’
akaşaku	‘pequizeiro’
akaşaku it̃i	‘pequizeiro grande’
akaşaku kuma	‘pequizeiro muito velho, enorme’

Outros exemplos:

(178) t̃fawaka n-unupi yanumaka it̃i
ontem 1-vi onça grande
‘ontem vi a onça grande’

(179) t̃fawaka n-unupi yanumaka kuma
ontem 1-ver onça COLOSS
‘ontem vi o tigre’

- (180) tfawaka n-unupi tsimi itfi
 ontem 1-ver anta grande
 ‘ontem vi a anta grande’
- (181) tfawaka n-unupi tsimi kuma
 ontem 1-ver anta COLOSS
 ‘ontem vi hipopótamo’
- (182) tfawaka n-unupi awajulu itfi
 ontem 1-vi raposa grande
 ‘ontem vi a raposa grande’
- (183) tfawaka n-unupi awajulu kuma
 ontem 1-vi raposa COLOSS
 ‘ontem vi o cachorro’
- (184) tfawaka n-unupi kutipira-tsi
 ontem 1-vi gavião-pequeno
 ‘ontem vi o gaviãozinho’
- (185) tfawaka n-unupi kutipira kuma
 ontem 1-vi gavião real COLOSS
 ‘ontem vi o gavião real’
- (186) tfawaka n-unupi hipulalu
 ontem 1-vi arara amarela
 ‘ontem vi arara amarela’
- (187) tfawaka n-unupi hipula-lu kuma
 ontem 1-vi arara-F COLOSS
 ‘ontem vi arara vermelha’

A palavra para mar não pode ser vista como neologismo, pois não se sabe ao certo o lugar de origem do povo Aruák, se nas proximidades do mar caribenho ou se nas proximidades de uma grande lagoa.

- (188) kapulu kuma
macaco COLOSS
'macaco grande, monstruoso'
- (189) awajulu kuma
raposa COLOSS
'raposa grande, monstruosa'
- (190) janumaka kuma
onça COLOSS
'onça muito grande, monstruosa'
- (191) kujejé kuma
xexéu COLOSS
'xexéu grande'
- (192) kakaņa kuma
gaiivota COLOSS
'gaiivota grande'
- (193) hipula-lu kuma
arara-F COLOSS
'arara grande, arara vermelha'
- (194) kupati kuma
peixe COLOSS
'peixe grande'
- (195) puwiņiri kuma
pessoa COLOSS
'pessoa muito grande, corpulenta'

Uma última palavra sobre o adjetivo *kuma* é que há situações em que significa simplesmente algo de dimensões maiores do que o usual e, há casos em que *kuma* associa-se a seres de dimensões pequenas, mas culturalmente vistos como raros ou de características ou atitudes surpreendentes. Como por exemplo *kuşikuşi kuma* 'japurá (jupará, *Potos flavus*)', que recebe o adjetivo *kuma* por ser um animal com características percebidas como surpreendentes.

3.2.9 Estado de existência dos referentes nomes

Os referentes dos nomes podem ter existência atual, retrospectiva ou prospectiva. A existência atual é não marcada, a retrospectiva se marca por meio do morfema *wiʒi* e a prospectiva por meio do morfema *pitʃukari*, os quais se pospõem aos temas nominais.

3.2.9.1 Estado de existência retrospectiva

(196) nu-pína wiʒi
1-casa RETR
'minha ex-casa'

(197) hi-riʒa wiʒi
2-casa RETR
'sua ex-casa'

(198) a-pina wiʒi
1PL-casa RETR
'nossa ex-casa'

(199) ji-pina wiʒi
2PL-casa RETR
'ex-casa de vocês'

(200) i-ri i-pina wiʒi
3-M 3-casa RETR
'ex-casa dele'

(201) i-ru i-pina wiʒi
3-F 3-casa RETR
'ex-casa dela'

(202) in-anapapa i-pina wiʒi
3-COL 3-casa RETR
'ex-casa deles(as)'

3.2.9.2 Estado de existência prospectiva

- (203) nu-pina pitʃukari
1-casa PROSP
'minha futura casa'
- (204) hi-pina pitʃukari
2-casa PROSP
'sua futura casa'
- (205) a-ina pitʃukari
1PL-casa PROSP
'nossa futura casa'
- (206) ji-pina pitʃukari
2PL-casa PROSP
'futura casa de vocês'
- (207) i-ri i-pina pitʃukari
3-M 3-casa PROSP
'futura casa dele'
- (208) i-ru i-pina pitʃukari
3-F 3-casa PROSP
'futura casa dela'
- (209) in-anapapa i-pina pitʃukari
3-COL 3-casa PROSP
'futura casa deles(as)'

3.2.10 Nomes formados por construções metafóricas

Há nomes formados por construções metafóricas que consistem em um adjetivo ou verbo em composição com um nome, em que o primeiro elemento modifica o segundo:

O tema *-awiri* 'bonito, belo' ocorre em composição com o nome corpo, modificando-o, formando a palavra para beleza:

- (210) n-awiri=mina
1-bonito=corpo
'minha beleza' ou 'meu corpo bonito'

Da mesma forma, *-awiri* entra em composição com o nome para pensamento, para formar o nome bondade:

(211) awiri=tʃitʃu
bom= pensamento
'bondade'

(212) n-awiri=tʃitʃu
1-bom=pensamento
'minha bondade'

3.3 PRONOMES PESSOAIS

O Yawalapíti distingue quatro pronomes pessoais e três demonstrativos que cumprem a função de terceiras pessoas. O quadro seguinte apresenta essas formas pronominais.

Quadro 8 – Pronomes pessoais

	natu	'primeira pessoa do singular'
	tiʃu	'segunda pessoa do singular'
	aʃu	'primeira pessoa do plural'
	iʃu	'segunda pessoa do plural'
	i-ri	'ele, este, esse'
	i-ru	'ela, esta, essa'
	in-a(na)papa	'eles, elas, aqueles, aquelas'

3.4 DEMONSTRATIVOS PRONOMINAIS E LOCATIVOS

3.4.1 Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos distinguem a distância do que é indicado com respeito ao falante. São **cinco** os pronomes demonstrativos, formados a partir da terceira pessoa *i-/in-* combinado com os sufixos de gênero, *-ri* 'masculino', *-ru* 'feminino' e com os sufixos para distal *-la* 'distal feminino'. O distal masculino, forma-se com a terceira pessoa *i-* combinada

como o sufixo de gênero feminino *-ru* e com o sufixo distal neutro distal *-tira*. Já a forma *i-tira*, forma-se com a terceira pessoa *i-* combinada com o distal neutro *-tira*:

i-ri	‘esse’, ele’
i-ru	‘essa, ela’
i-ru-la	‘aquela’
i-ru-tira	‘aquele’
i-tira	‘aquilo’

3.4.2 Demonstrativos locativos

aʎi	‘aqui’
apitʃia	‘eis aqui’
atira	‘lá’

3.5 ADJETIVOS

A língua Yawalapíti possui uma classe de adjetivos, cuja semântica abrange os campos das qualidades ou atributos. Adjetivos modificam nomes, não se combinam com classificadores e nem com o sufixo de aspecto nominal retrospectivo, porém como formam um sintagma com os nomes, quando os modificam, recebem marca de gênero em concordância com o gênero do referente do nome. Diferentemente dos nomes, os quais são atenuados por meio do sufixo *-tsi*, os adjetivos são intensificados por meio do sufixo *-ruru* ‘muito’. Adjetivos se distinguem dos nomes por não funcionarem como argumento, ou seja, não exercem a função de sujeito, objeto direto, possuidor e complemento de posposição. Adjetivos, quando são núcleo de predicados estativos recebem marca de gênero em concordância com gênero biológico do sujeito de terceira pessoa masculino ou feminino (*-lu* ‘feminino’, \emptyset - ‘masculino’), como veremos no capítulo sobre morfossintaxe e sintaxe do Yawalapíti.

Adjetivos modificando nomes

- (213) tiniʃu awiri-ta-pa-lu
mulher bonito-CAUS-EST-F
‘embelezar mulher’

(214) jumaşu awirira-lu
 moça bonita-F
 ‘moça bonita’⁴

(215) wikiniri awirira-Ø
 moço bonito-M
 ‘moço bonito’

Nomes de referentes inanimados, assexuados, não recebem marca de gênero.

(216) natfa şikupa
 roupa antiga
 ‘roupa velha’

(217) pa autsa
 casa nova
 ‘casa nova’

Adjetivos, diferentemente dos nomes, são intensificados por meio do sufixo *-ruru*. Exemplos:

-uşiratira ‘magro’

(218) n-uşiratira-ruru-pa
 1-magro-INTENS-EST
 ‘eu sou muito magro’

-mitsiłuka ‘fraco’

(219) i-ru Ø-mitsiłuka-lu-ruru-pa
 3-F 3-frac-F-INTENS-EST
 ‘ela está muito fraca’

-hipua-tsi ‘gordo’

⁴ Note-se que é o sintagma *jumaşu awirira-lu* que recebe a marca de feminino.

- (220) nu-hipua-ruru-pa
 1-gordo-INTENS-EST
 ‘eu estou muito gordo’

3.6 NUMERAIS

Os Yawalapíti contam até 20. É possível que tenham desenvolvido esse sistema numérico durante as primeiras décadas do contato. Os números em Yawalapíti são formados por meio dos nomes *pawa* ‘sozinho’, *apurijama* ‘dois’, *kamajukula* ‘três’, *wiriku* ‘mão’, *tʃiʒaʎí* ‘pé’, *piku* ‘grupo’, *ikiruta* ‘passou’, *papalukaka* ‘repetido’. Basicamente, são três nomes que correspondem respectivamente às noções de um, dois e três. Os demais números são formados por meio de *piku* ‘grupo’, como a expressão para ‘quatro’, que é literalmente ‘grupo de dois’. A noção de cinco é expressa por ‘uma mão’. A partir de cinco, utiliza-se o termo ‘passou’, como em ‘seis’, que é literalmente ‘passou um’, no caso um dedo da mão, assim por diante, até dez, que são as duas mãos ou ‘mãos repetidas’. Do número onze em diante, faz-se referência ao pé, mas incluindo as duas mãos ou mão repetida. No número para ‘onze’, subtende-se um dedo do pé (mais as duas mãos). O nome para doze, dois dedos do pé, assim por diante. O número quinze já inclui uma mão (na realidade duas) e um pé’, e do número dezesseis a dezenove, utiliza-se ‘passou’ um, dois, três e quatro (dedos) do pé, até o número vinte, que é expresso por ‘pé repetido’, ou seja, ‘mãos e pés’.

<i>pawa</i>	‘sozinho’ ou ‘um’
(a) <i>purijama</i>	‘dois’
<i>kamajukula</i>	‘três’
<i>purijami piku</i>	‘grupo de dois’
<i>pawiriku</i>	‘uma mão’ ou ‘cinco’
<i>pawa kiruta</i>	‘passou (mais) um (dedo)’
<i>purijama ikiruta</i>	‘sete’ ‘passou (mão mais) dois (dedos)’
<i>kamaju'kula ikiruta</i>	‘oito’ ‘passou (mão mais) três (dedos)’
<i>purijamipiku ikiruta</i>	‘nove’ ‘passou (mão mais) quatro (dedos)’
<i>papalukaka wiriku</i>	‘mão dupla’ ou ‘dez’
<i>pawa tʃiʒaʎí ikiruta</i>	‘um/sozinho (dedo do pé)’ ou ‘onze’ (adicionado à mão repetida)
<i>purijama ikiruta tʃiʒaʎí</i>	‘dois (dedos do) pé’ ou ‘doze’ (adicionado à mão repetida)

	‘dez’)
kamajukula tʃiʒaʎi ikiruta	‘três (dedos do) pé’ ou ‘treze’ (adicionado à mão repetida
	‘dez’)
purijami piku tʃiʒaʎi ikiruta	‘um pé (incluindo a mão repetida e grupo de dois (dedos)’ ou
	‘quatorze’
pawiriku ikiruta tʃiʒaʎi	‘uma mão e pés’ ou ‘quinze’
pa'wa iki'ruta tʃiʒaʎi	‘passou um (dedo do) pé’ ou ‘dezesesseis’
purijama iki'ruta tʃiʒaʎi	‘passou dois (dedos do) pé’ ou ‘dezesete’
kamajukula iki'ruta tʃiʒaʎi	‘passou três (dedos do) pé’ ou ‘dezoito’
purijami piku ikiruta tʃiʒaʎi	‘passou quatro (dedos do) pé’ ou ‘dezenove’
papalukaka tʃiʒaʎi	‘pés repetidos (incluindo as mãos)’ ou ‘vinte’

Alguns exemplos ilustrativos de numerais modificando nomes:

pawa pa	‘uma casa’
puriinama pa	‘duas casas’
kamajukula pa	‘três casas’
purijapaku pa	‘quatro casas’
pawiriku pa	‘cinco casas’

3.7 ADVÉRBIOS

Advérbios não se flexionam por prefixos pessoais nem se combinam com morfologia derivacional. São partículas com lugar definido no enunciado, como veremos adiante.

mani	‘todo/tudo’
pahitsiri	‘pouco’
utuna	‘muito’
tʃatʃi	‘devagar’
kajakati	‘rápido’
tʃawaka	‘ontem’
tʃawa kani	‘antes de ontem’
awiriwaka	‘outro dia, amanhã’
ipi	‘hoje’

şikupa	‘há muito tempo atrás’
manaka	‘sempre’
atsa	‘não, nunca’
uka	‘já’
atsa ha	‘ainda não’
atsa hatsa	‘ainda não’
atsa niuka niapa	‘nunca mais eu vou’

3.8 VERBOS

Yawalapíti distingue verbos transitivos (dois argumentos) de verbos intransitivos (um argumento). Ambos possuem variedades estendidas (DIXON, 1994): os intransitivos estendidos possuem um sujeito e um objeto indireto; e os transitivos estendidos, um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto. Verbos transitivos e intransitivos combinam-se com marcas pessoais que marcam o sujeito e com morfemas que expressam voz – causativa, reflexiva e recíproca –, marcas de aspecto, marcas de modo e marcas de modalidade.

Verbos transitivos e intransitivos se flexionam para pessoa, por meio dos prefixos pessoais da série nominativa, apresentada no Quadro 7, reproduzido aqui para facilitar a descrição:

Quadro 7 – Prefixos pessoais

Primeira pessoa do singular	<i>nu- ~ n-</i>	‘1’
Segunda pessoa do singular	<i>pi- ~ p- ~ hi- ~ h- ~ ti-</i>	‘2’
Primeira pessoa do plural	<i>au- ~ a-</i>	‘PL’
Segunda pessoa do plural	<i>ji- ~ j-</i>	‘2PL’
Terceira pessoa	<i>i- ~ in- ~ ij- ~ Ø-</i>	‘3’

Exemplificamos, em seguida, verbos combinados com prefixos pessoais:

Verbos intransitivos

(221) tʃawaka nu-tima.
ontem 1-corri
‘eu corri ontem’

(222) uka p-atima tʃawaka.
já 2-correu ontem
‘você já correu ontem’

(223) uka au-atima tʃawaka.
já 1PL-correr ontem
‘nós corremos ontem’

- (224) uka j-atima tfawaka.
 ja 2PL-correr ontem
 ‘vocês correram ontem’
- (225) uka i-ri i-tima tfawaka.
 já 3-M 3-correr ontem
 ‘ele correu ontem’
- (226) uka i-ru i-tima tfawaka.
 já 3-F 3-correr ontem
 ‘ela correu ontem’
- (227) uka in-ana i-tima-kina tfawaka.
 já 3-COL 3-correr-PL ontem
 ‘eles correram ontem’

Verbos intransitivos estendidos

- (228) aw-akamatsi tsua ha tʃia
 1PL-vingar modal ENF ainda
 ‘nós nos vingamos’
- (229) kuka n-amanişa tişu
 já 1-enganar 2-DAT
 ‘eu enganei você’
- (230) uka n-iputi hi-u walu-rata
 já 1-dar 2-DAT caramujo-casca
 ‘eu dei colar de caramujo para você’
- (231) uka p-iputi n-u ita
 já 2-dar 1-DAT arco
 ‘você me deu arco’
- (232) uka i-ri Ø-iputi airi n-u
 já 3-M 3-dar cigarro 1-DAT
 ‘ele me deu o cigarro’

- (233) kuka a-puta tsiṛi-ti i-ri ij-u
 já 1PL-dar orelha-brinco 3-M 3-DAT
 ‘nós damos brinco a ele’
- (234) uka j-iputi nu ifa
 já 2-dar 1-DAT canoa
 ‘vocês me deram canoa’
- (235) uka in-ana Ø-iputi kamajukula uku nu
 já 3-COL 3-dar três flechas 1-DAT
 ‘eles me deram três flechas’
- (236) uka a-puta tsiṛi-ti iij-u
 já 1PL-dar orelha-brinco 2PL-DAT
 ‘nós damos brinco a vocês’

Verbos transitivos

- (237) uka n-unupi awajulu-kuma
 já 1-ver raposa-COLOSS
 ‘eu vi cachorro’
- (238) uka p-unupi awajulu-kuma
 já 2-ver raposa-COLOSS
 ‘você viu cachorro’
- (239) uka i-ri unupi awajulu-kuma
 já 3-M ver raposa-COLOSS
 ‘ele viu cachorro’
- (240) uka jumiḷi atima-kina uku-ṗa
 já menino correr-COL mata-LOC
 ‘os meninos correram na mata’
- (241) uka in-ana i-tima-kina tfawaka.
 já 3-COL 3-correr-COL ontem
 ‘eles correram ontem’

- (242) n-atʃa-pa kupati itsiki
 1-comer-EST peixe assado
 ‘como peixe assado’
- (243) p-atʃa-pa kupati itsiki
 2-comer-EST peixe assado
 ‘você come peixe assado’
- (244) i-ri Ø-atʃa-pa kupati itsiki
 3-M 3-comer-EST peixe assado
 ‘ele comeu peixe assado’
- (245) aw-atʃa-pa kupati itsiki
 1PL-comer-EST peixe assado
 ‘nós comemos peixe assado’

Verbos transitivos estendidos

- (246) uka n-iputi walu-rata hi-u
 já 1-dar caramujo-casca 2-DAT
 ‘eu dei colar de caramujo para você’
- (247) uka p-iputi ita n-u
 já 2-dar arco 1-DAT
 ‘você me deu arco’
- (248) uka i-ri Ø-iputi airi n-u
 já 3-M 3-dar cigarro 1-DAT
 ‘ele me deu cigarro’
- (249) uka i-ri Ø-iputi airi a-u
 já 3-M 3-dar cigarro 1-DAT
 ‘ele nos deu o cigarro’
- (250) uka a-puta tsiri-ti i-ri ij-u
 já 1PL-dar orelha-brinco 3-M 3-DAT
 ‘nós damos brinco a ele’

- (251) uka j-iputa ifa n-u
 já 2-dar canoa 1-DAT
 ‘vocês me deram canoa’
- (252) uka in-ana Ø-iputi kamajukula uku n-u
 já 3-COL 3-dar três flechas 1-DAT
 ‘eles me deram três flechas’
- (253) uka a-puta tsĩi-ti ij-u
 já 1PL-dar orelha-brinco 2PL-DAT
 ‘nós damos brinco a vocês’
- (254) uka n-iputa kip[uku ij-u
 já 1-dar massa 2PL-DAT
 ‘eu dei massa (de mandioca) para vocês’
- (255) uka i-ru Ø-iputa kipuku n-u
 já 3-F 3-dar massa 1-DAT
 ‘ela deu massa para mim’
- (256) uka n-awanakati kipuku ij-u
 já 1-mandar massa 2PL-DAT
 ‘eu mandei massa para vocês’
- (257) kuka p-atati ulikiŋ[i n-u
 já 2-trazer comida 1-DAT
 ‘você trouxe comida para mim’

3.9 VOZ

3.9.1 Voz reflexiva

A língua Yawalapíti expressa a voz reflexiva, em que o sujeito age sobre si mesmo, combinando o verbo transitivo com o sufixo reflexivo *-wa*. Exemplos de verbos na voz reflexiva:

-ihuluka ‘furar’

(258) uka n-ihuluka-t-ua

já 1-furar-CAUS-REFL

‘eu me furei’

(259) uka p-ihuluka-t-ua

já 2-furar-CAUS-REFL

‘você se furou’

(260) uka i-ri Ø-ihuluka-t-ua

já 3-M 3-cutucar-CAUS-REFL

‘ele se furou’

(261) uka a-huluka-t-ua

já 1PL-cutucar-CAUS-REFL

‘nós nos furamos’

(262) uka in-ana Ø-ihuluka-t-ua

já 3-COL 3-cutucar-CAUS-REFL

‘eles se furaram’

-ișitfu-ta ‘cortar’

-ișitfu-t-ua → ‘cortar-se’

(263) uka nu-șitfu-t-ua

já 1-faca-CAUS-REFL

‘eu me cortei’

(264) uka pi-șitfu-t-ua

já 2-cortar-CAUS-REFL

‘você se cortou’

(265) uka i-ri i-șitfu-t-ua

já 3-m 3-faca-CAUS-REFL

‘ele se cortou’

(266) uka a-ʃitʃu-t-ua
 já 2PL-faca-CAUS-REFL
 ‘nós nos cortamos’

(267) uka in-ana i-ʃitʃu-t-ua
 já 3-COL 3-faca-CAUS-REFL
 ‘eles se cortaram’

-inuka ‘matar’

-inuka-wa → *inukwa*

(268) uka n-inuk-ua
 já 1-matar-REFL
 ‘eu me suicidei’

(269) uka p-inuk-ua
 já 2-matar-REFL
 ‘você se suicidou’

(270) uka i-ri i-nuk-ua
 já 3-M 3-matar-REFL
 ‘ele se suicidou’

(271) uka in-ana i-inuk-ua
 já 3PL-COL 3-matar-REFL
 ‘eles se suicidaram’

3.9.2 Voz recíproca

-mahika-kaka → *-mahikaka*

-mahika ‘bater’

(272) uka a-mahi-kaka
 já 1PL-bater-REFL-REC
 ‘nós nos batemos’

-junupa ‘ver’

- (273) uka a-junupa-kaka
já 1PL-ver-REC
'nós nos vimos'
- (274) uka i-junupa-kaka
já 3-ver-REC
'vocês se viram'
- (275) uka a-ma awan-u-kaka
já 1PL-falar 1PL-DAT-REC
'já falamos entre/para nós'
- (276) imana tʃa aw-aluta-kaka
lá mesmo 1PL-encotrar-REC
'vamos nos encontrar lá'
- (277) iputa-kaka ij-u
dividir-REC 2PL-DAT
'dividir entre vocês'

3.9.3 Voz Causativa

A voz causativa se obtém por meio do sufixo *-ta(ta)*. Trata-se de um morfema exocêntrico que se combina com verbos, nomes e adjetivos, como exemplificamos em seguida:

Verbo:

- (278) n-atima-tata jumĩĩ
1-correr-CAUS criança
'faço menino correr'
- (279) hi-jata-tata jumĩĩ
2-chorar-CAUS menino
'você faz chorar menino'
- (280) kapulu-kuma i-aka-ta-pa yawalapíti kapulu-kuma-pi
macaco.aranha-COLOSS 3-fazer-CAUS-EST yawalapíti kapulu-kuma-TRANS
'gorila fez transformar Yawalapíti em gorila'

Adjetivo:

- (281) p-awiri-tata natu
2-bem-CAUS 1
'corrija-me'
- (282) n-awiri-tata-pa işa
1-bem-CAUS-EST canoa
'eu conserto carro (canoa)'
- (283) i-ri i-mapa-ta-pa natu
3-M 3-feliz-CAUS-EST 1
'ele me faz feliz'
- (284) tişu p-amatupa-ta natu
2 2-triste-CAUS 1
'você me faz triste'

Nome:

- (285) atsa n-amulau-ta-pa-ipi
NEG 1-amulau-CAUS-EST-TRANS
'eu não estou feito chefe'
- (286) i-wiriu-ta-pa natu
3-ensino-CAUS-EST 1
'ele me ensinou'
- (287) hi-kahiju-mina-ta-pa natu
2-dor-corpo-CAUS-EST 1
'você me fez doente'
- (288) n-iti-tika-ta-pa jumiãĩ
1-esticar-levantar-CAUS esticar-levantar
'vou fazer menino crescer'

Construções causativas sintáticas

Por meio do verbo *-ma* ‘fazer’ obtém-se uma construção causativa sintática:

(289) nu-ma jumiÁi atima’
 1-fazer menino correr
 ‘faço menino correr’

(290) nu-ma tişu papaka
 1-fazer 2 cantar
 ‘eu faço você cantar’

(290) nu-ma tişu p-atĵa panana
 1-fazer 2 2-comer banana’
 ‘eu faço você comer banana’

Quando se faz alguém fazer algo, como dar algo a alguém, é necessária uma construção em que o falante faz o ouvinte ou uma terceira pessoa falar que vai fazer esse algo, como nos exemplos seguintes. Esta é a forma de se fazer alguém fazer algo, em seu lugar ou não.

(291) nu-ma hi-anuka maka p-iputa aka amulau ij-u
 2-fazer 2-falar para 2-dar pequi chefe 3-DAT
 ‘eu faço você falar, para você dar pequi para ele’

(292) nu-ma hi-anuka maka hi-atata mani tinau n-u
 1-fazer 2-falar para 2-levar todas mulheres 1-DAT
 ‘eu faço você falar para levar todas as mulheres por mim (em meu lugar)’

3.10 ASPECTO

3.10.1 Aspecto projetivo

Verbos se combinam com o sufixo *-nişî* ‘aspecto projetivo’. Apresentamos em seguida exemplos com o sufixo *-nişî* e exemplos sem esse sufixo, para que o contraste realce a presente descrição:

-apaʃitʃa ‘levantar’

(293) pi-puʃitʃa-niʃi tʃa
2-levantar-PROJ ainda
‘você vai levantar’

(294) uka p-apaʃitʃi
já 2-levantar
‘você levantou’

-akapapa ‘banhar’

(295) p-akapapa-niʃi?
2-banhar-PROJ?
‘você vai banhar ainda?’

(296) uka p-akapapa
já 2-banhar
‘você banha’

3.10.2 Aspecto progressivo

Verbos também se combinam com o sufixo formador de predicados estativo.essivo, como são os casos dos nomes, dos adjetivos e das posições. Entretanto, combinados com verbos contribuem, naturalmente, com um valor de ‘aspecto progressivo’⁵. Adotamos aqui a definição da categoria de aspecto, conforme Comrie (1976, p. 3), “os diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação”. Como mostramos ao longo desta dissertação, aspecto em Yawalapíti é expresso por meio de partículas, sufixo e morfema derivacional. Aqui exemplificamos o morfema derivacional *-pa*, que glosamos como ‘estativo.essivo’, mas que contribui com o aspecto progressivo, quando combinado com verbos.

(297) p-atʃa-pa
2-comer-EST
‘você está comendo’

⁵ Cabral e Yawalapíti, em preparação.

- (298) uka nu-tsimi-pa
já 1-ouvir-EST
'eu já estou ouvindo'
- (299) p-atukatua-pa
2-sentar-EST
'você está sentado'
- (300) pi-maka-pa
2-dormir-EST
'você está dormindo'
- (301) pi-pușitfa-pa
2-levantar-EST
'você está levantando'
- (302) p-unupa-pa awajulukuma
2-ver-EST cachorro
'você está vendo cachorro'

Verbos se combinam com o sufixo coletivo *-ni* em concordância com o sujeito coletivo/plural:

- (303) uku-nã jumi/ŕi-nau i-tima-ni-pa
mata-LOC menino-COL 3-correr-COL-EST
'os meninos correram na mata'
- (304) in-anapapa i-piririka-ni-pa
3-COL 3-riscando-COL-EST
'eles(as) estão estudando'
- (305) atsa mani jumi/ŕi-nau unupa-ni-pa tinișu putaka i-mana
NEG todo menino-COL viram-COL-EST mulher aldeia 3-LP
'nem todos (alguns meninos) viram a mulher na aldeia'
- (306) in-ana i-tima-ni-p-uka
3-COL 3-correr-COL-EST-já
'eles/elas estão correndo'

Há um clítico *-uka*, que entra em composição com temas verbais, contribuindo com o significado de ‘já’ ou ‘ainda’, indicando que o processo está em andamento. Trata-se da partícula *uka* que, posicionada depois do núcleo do predicado, ocasiona a queda da vogal do morfema precedente. Ocorre nessa posição em construções negadas ou quando uma expressão adverbial é topicalizada:

- (307) kumajakua-lau in-ua-p-uka
 convidado-COL 3-vir-EST-já
 ‘os convidados já estão vindo?’
- (308) j-unupa-nişi-tj-uka tinişu awiriwaka
 2PL-ver-PROJ-mesmo-já mulher amanhã
 ‘vocês ainda vão ver a mulher amanhã’

3.11 MODO

3.11.1 Modo permissivo/exortativo

Com o sufixo *-puka* ~ *-uka* ~ *-huka* ~ *-ka* ‘já’ combinados com o tema verbal, forma-se o modo permissivo/exortativo, usado frequentemente como comando elegante e eficaz:

Exemplos:

-tsimi ‘escutar’

- (309) pi-tsimi-puka apa
 2-escutar-PERM música
 ‘você pode escutar música!’
- (310) nu-tsimi apa
 2-escutar música
 ‘você escuta música’

-mahika ‘bater’

(311) pi-mahik-uka
2-bater-PERM
‘pode bater’

(312) uka pi-mahika
já 2-bater
‘você bateu’

-ua ‘vir’

(313) uka p-ua-ka
já 2-vir-PERM
‘você já pode vir!’

(314) uka p-ua
já 2-vir
‘você veio’

Exemplos com força exortativa:

(315) aw-atʃa-huka
1PL-comer-PERM
‘vamos namorar!’

(316) a-maka-huka
1PL-dormir-PERM
‘vamos dormir’

(317) a-ju-ka ulatʃa
1PL-ir-PERM roça
‘vamos para roça’

3.11.2 Modo Imperativo de verbos transitivos

Verbos transitivos no imperativo sofrem apofonia, tendo a última vogal do seu tema mudada para *i*. Os exemplos seguintes trazem, cada um, duas construções que contrastam

quando a presença/ausência dos morfemas descritos acima, para facilitar a explicação do que é demonstrado.

-unupi ‘ver’

(318) p-unupa i-ru-la
2-ver 3-F-DIST
‘você vê aquela’

(319) p-unup-i i-ru-la
2-ver-IMP 3-F-DIST
‘veja ela’

(320) p-unupa-pa i-ru-la
2-ver-EST 3-F-DIS
‘você está vendo ela’

(321) pi-huluk-i katula-ja
2-furar-IMP mangaba-CLASS.LÍQ
‘fure a bola’

(322) pi-huluka-pa katula-ja
2-furar-EST mangaba-CLASS.LÍQ
‘você está furando bola’

3.12 PALAVRAS INTERROGATIVAS

São seis as palavras interrogativas identificadas até o presente:

kanau, pahapa	‘que, quem’
pahiri	‘como’ ou ‘quantos’,
kari	‘como’,
pañi	‘que é?’,
mana	‘por que’ ou ‘onde’

As palavras *pahapa* e *kanau* entram em composição respectivamente com *lapari* ‘intensificador’ e *pirikua* ‘tempo’, para formar as expressões *pahapa lapari* ‘quanto’ e *kanau pirikua* ‘quando’, ou ‘que tempo’.

Exemplos:

kanau ‘que, quem’

(323) *kanau* i-ri tuma-pa
o que 3-M fazer-EST
‘o que ele está fazendo?’

(324) *kanau* i-haluka
quem 3-chegar-já
‘quem chegou?’

(325) *kanau* i-ra
quem 3-DIST
‘quem é aquele?’

Por meio da palavra *kanau* combinada com a palavra para tempo *pirikua* obtém-se a expressão para quando:

kanau pirikua ‘quando’, ou ‘que tempo’

(326) *kanau* pirikua p-ihaluka
que tempo 2-chegar
‘quando você chegou?’

pahapa ‘como’ ou ‘quantos’

(327) *pahapa* ši i-tikakina-pa?
como fogo 3-rachar-EST
‘como se racha lenha?’

(328) pahapa ulari p-uma
 como bejú 2-fazer
 ‘como você faz bejú?’

(329) pahapa hi-ja-nau-ri
 como 2-filho-COL-M
 ‘quantos filhos você tem?’, ‘quantos (são) teus filhos?’

mana ‘onde’

(330) mana hi-rutaka
 onde 2-aldeia
 ‘onde (é) sua aldeia?’

(331) mana h-ia-pa
 onde 2-ir-EST
 ‘para onde você vai’

(332) mana-tsa p-ua-pa
 onde-ABL 2-vir-EST
 ‘de onde você vem?’

pari ‘por que’

(333) pari hi-ukuti piñi
 por que 2-ir embora
 ‘por que você vai embora?’

(334) pari i-ri i-maka
 por.que 3-M 3-dormir
 ‘por que ele dormiu?’

pahiri ‘como’

(335) pahire-pa i-kipina
 como-EST 2-nome
 ‘como é seu nome?’

kari ‘o que é’

3.13 INTERJEIÇÕES

Da classe das interjeições, identificamos até o presente, as seguintes:

uaaa!	‘espanto’
aka!	‘reação de dor’
paaaa!	‘surpresa, admiração’
eté	‘dor de queimadura, picada de formiga, urtiga’

3.14 IDEOFONES

ka ka ka	‘canto do pássaro gaviãozinho’
wow wow wow	‘cachorro latindo’
tipukh	‘pedra caindo n’água’
kurururu, kuru kuru kuru	‘peixe correndo na água’
tórorórorórorozó	‘barulho do trovão’
piôôôôw	‘barulho da flecha com coquinho na ponta’

3.15 POSPOSIÇÕES

O Yawalapíti tem 13 posposições que correspondem semanticamente às noções de dativo, instrumentivo-adesivo, associativo-1, associativo-2, locativo-adesivo, relativo superessivo, subessivo, perlativo, inessivo, locativo pontual, translativo e ablativo.

-u ‘dativo’

(336) katika-ruru-pa nu
 frio-INTENS-EST 1-DAT
 ‘está muito frio para mim’

(337) katika-ruru-pa hi-u
 frio-INTENS-EST 2-DAT
 ‘está muito frio para você’

-tsɨɲu ‘instrumentivo.adesivo’

Esta posposição tem como escopo os significados de instrumentivo e de adesivo:

Instrumentivo.adesivo

- (338) n-itfukapa aka i-tsɨɲu
 1-andar pequi 3-INSTR.ADES
 ‘eu ando com pequi’
- (339) i-itfukapa Tapi i-tsɨɲu
 3-andar Tapi 3-INSTR.ADES
 ‘eu ando com Tapi’
- (340) n-iukuta-ɲiʃi p-uahika-ɲiʃi katula-ja Xavante i-tsɨɲu
 1-ir.ainda-PROJ 2-jogar-PROJ bola.CLASS.LÍQ Xavante 3-INSTR.ADES
 ‘eu ainda vou e você vai jogar bola com os Xavante’
- (341) hi-tsɨɲu-pa natu
 2-INSTR.ADES-EST 1
 ‘eu estou com você’

Instrumentivo-adesivo

- (342) i-tʃitʃakina-pa amaka inuta i-tsɨɲu
 3-amarrar-EST rede corda 3-INSTR.ADES
 ‘a rede está amarrada com corda’
- (343) nu-riaka-pa nu-ha iɾia i-tsɨɲu
 1-arranhar-EST 1-filho arranhadeira 3-INSTR.ADES
 ‘arranhei meu filho com arranhadeira’

-wanuka ‘associativo’

Este morfema parece ocorrer apenas com o verbo falar.

(344) uka n-ia n-ima Xavante i-wanuka
 já 1-ir 1-falar Xavante 3-ASSOC
 ‘eu já fui falar com ele’

(345) uka i-ma hi-wanuka
 já 3-falar 2-ASSOC
 ‘ele já falou com você’

(346) mina p-ajata pima i-wanuka
 NEG 2-chorar 2-falar 3-ASSOC
 ‘fala com ela para não chorar’

(347) p-uahikuka i-ma i-wanuka
 2-jogar 2PL-falar 3-ASSOC
 ‘joga, fala para ela’

(348) a-ja aw-amirita p-ima i-wanuka
 1-ir 1PL-pescar 2-falar 3-ASSOC
 ‘fala para ele para irmos pescar’

-tiși ‘relativo.a’

(349) awiri nu-tiși
 bom 1-DAT
 ‘esta bom para mim’

(350) atsa awiri nu-tiși
 não bom 1-DAT
 ‘não está bom para mim’

(351) atsa awiri hi-tiși
 não bom 2-DAT
 ‘não está bom para você’

-piɲu ‘superessivo’

(352) nu-piɲu

1-sobre

‘sobre mim’

(353) hi-riɲu

2-sobre

‘sobre você’

(354) a-piɲu

1PL-sobre

‘sobre nós’

(355) ji-piɲu

2PL-sobre

‘sobre vocês’

(356) i-ri i-piɲu

3-M 3-sobre

‘sobre ele’

(357) i-ru i-piɲu

3-F 3-sobre

‘sobre ela’

(358) in-anapapa i-piɲu

3-COL 3-sobre

‘sobre eles/elas’

(359) jɪtʃɪtʃi mesa ipiɲu-a-pa

cua mesa sobre-PERL-EST

‘o copo está na mesa’

-tsipi ‘subessivo, sob, embaixo de’

(360) nu-tsipi

1-SOB

‘embaixo de mim’

(361) hi-tsipi

2-SOB

‘embaixo de você’

(362) a-tsipi

1PL-SOB

‘embaixo de nós’

(363) ji-tsipi

2PL-SOB

‘embaixo de vocês’

(364) i-ri i-tsipi

3-M 3-SOB

‘embaixo dele’

-tapu ‘locativo.adesivo’

(365) hiłipi kupalu i-kuşu i-tapu

existe carrapato 3-cabeça 3-LOC.ADES

‘existe carrapato na cabeça’

(366) hiłipi wipiti nu-tapu

existe terra 2-LOC.ADES

‘existe terra em mim’

-naku ‘inessivo’

(367) nu-ti-naku-riku

1-ouvido-INESS-buraco

‘dentro do meu ouvido’

- (368) hi-ti-naku-riku
2-ouvido-INESS-buraco
'dentro do seu ouvido'
- (369) a-ti-naku-riku
1PL-ouvido-INESS-buraco
'dentro do nosso ouvido'
- (370) ji-ti-naku-riku
2PL-ouvido-INESS-buraco
'dentro do ouvido de vocês'
- (371) tipa-rata i-naku-pa kupati
pedra-casca 3-INESS-EST peixe
'peixe está na panela'
- (372) kuma-pa tinau putaka-naku
COLOSS-EST mulher aldeia-INESS
'há muitas mulheres na aldeia'
- (373) majaku i-naku-pa natfa
cesto 3-INESS-EST roupa
'a roupa está no cesto'
- (374) işa i-naku-pa kupati
Canoa 3-INESS-EST peixe
'o peixe está no barco'
- (375) Sõpré escola i-naku-pa
Sobre escola 3-INESS-EST
'sobre está na escola'
- mana* 'locativo pontual'
- (376) karaipa iputaka i-mana-pa Tiago
Caraíba cidade 3-LP-EST Tiago
'Tiago está na cidade de Caraíba'

(377) Tiago pa i-mana-pa
 Tiago casa 3-LP-EST
 ‘Tiago está em casa’

(378) uka i-haluka i-mana
 já 3-chegar 3-LP
 ‘ele já chegou lá?’

(379) i-putuka-nişi tʃ[a i-mana
 3-aparecer-PROJ ainda 3-LP
 ‘ele vai aparecer lá’

Quando a oração contém o verbo ‘ir’, *-mana* adquire um valor de diretivo.

(380) Tiago i-a-pa Brasília i-mana
 Tiago 3-ir-EST Brasília 3-LP
 ‘Tiago está indo para Brasília’

(381) Tiago i-a-nişi i-mana
 Tiago 3-ir-PROJ 3-LP
 ‘Tiago vai para casa’

(382) n-iukuta i-mana
 1-ir 3-LP
 ‘eu vou lá’

(383) n-iukuta Brasília i-mana
 1-ir Brasília 3-LP
 ‘eu vou para Brasília’

(384) n-iukuta Yanomami i-putaka i-mana
 1-ir Yanomami 3-aldeia 3-LP
 ‘eu vou para aldeia dos Yanomami’

Note-se que o lugar para onde se vai pode não requerer uma posposição, como mostram os exemplos seguintes:

(385) n-ija waku
 1-ir rio
 ‘eu vou no rio’

(386) h-ija waku
 2-ir rio
 ‘você vai no rio’

-a ‘perlativo’

(387) u i-piɲu-a n-ija
 rio 3-sobre-PERL 1-ir
 ‘eu vou pelo rio’

(388) u-piɲu-a hi-ja
 rio-sobre-PERL 2-ir
 ‘você vai pelo rio’

(389) u-piɲu-a a-ija
 rio-sobre-PERL 2PL-ir
 ‘vamos pelo rio’

(390) u-piɲu-a hi-ja
 rio-sobre-PERL 2PL-ir
 ‘vocês vão pelo rio’

(391) u-piɲu-a i-ri i-ja
 rio-sobre-PERL 3-M 3-ir
 ‘ele vai pelo rio’

(392) u-piɲu-a i-ru i-ija
 rio-sobre-PERL 3-F 3-ir
 ‘ela vai pelo rio’

(393) u-piɲu-a in-anapapa i-ja
 rio-sobre-PERL 3-COL 3-ir
 ‘eles vão pelo rio’

- (394) aʃɨnapu-a n-ija
caminho-PERL 1-ir
'eu vou pelo caminho'
- (395) aʃɨnapu-a hi-ja
caminho-PERL 2-ir
'você vai pelo caminho'
- (396) aʃɨnapu-a a-ja
caminho-PERL 1PL-ir
'nós vamos pelo caminho'
- (397) aʃɨnapu-a i-ja
caminho-PERL 2PL-ir
'vocês vão pelo caminho'
- (398) aʃɨnapu-a i-ri i-ja
caminho-PERL 3-M 3-ir
'ele vai pelo caminho'
- pi 'translativo'
- (399) atsa n-amulau-ta-pa-ipi
não 1-amulau-CAUS-EST-TRANS
'eu não estou feito chefe'
- (400) kapulu-kuma i-aka-ta Yamalapíti kapulu-kuma-pi
macaco.aranha-COLOSS 3-fazer-CAUS Yawalapíti macaco.aranha-COLOSS-TRANS
'gorila fez transformar Yawalapíti em gorila'
- (401) paha i-ma-pa atsa Yawalapíti-pi
como 3-dizer-EST NEG Yawalapíti-TRANS
'como se diz não em Yawalapíti'
- (402) hiʔipi u-ina mesa i-piɲu-a
existencial água-casa mesa 3-sobre-PERL
'existe uma garrafa por cima da mesa'

- (403) *tinau-pa-tsa a-mimakata-pa jamurikuma pi hi, iri-nau*
mulher-EST-só IND-dança-EST jamurikuma COP ENF, homem-COL
atsa a-mimakata-pa ha jamurikuma pi hi
NEG IND-dança-EST ENF jamurikuma COP ENF
‘somente as mulheres dançam no yamurikuma, os homens não dançam no yamurikuma’

-tsa ‘ablativo’

- (404) *i-nua-pi-piṣ-uka pa i-mana-tsa*
3-vir-EST-PROJ-já casa 3-LP-ABL
‘ele já está vindo de lá’
- (405) *i-nua-pi-piṣ-uka karaipa i-putaka i-mana-tsa*
3-vir-EST-PROJ-já branco 3-aldeia 3-LP-ABL
‘ele já está vindo da aldeia do branco’

Há um adjetivo ‘situado’ que usado como núcleo de predicado estativo.essivo contribui com a ideia de ‘estar.situado.em’

-taputsa ‘situado, localizado’

- (406) *Maria i-taputsa-pa i-niṣa-lau*
Maria 3-localizado-EST 3-piolho-COL
‘os piolhos estão em Maria’
- (407) *mapapalulu i-ri i-kuṣu i-taputsa-pa*
borboleta 3-M 3-cabeça 3-localizado-EST
‘borboleta está na cabeça dele’

3.16 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos as classes de palavras que pudemos identificar até o presente. Vimos que a língua Yawalapíti distingue quatro classes de palavras que são

flexionadas por prefixos pessoais: nomes, verbos, adjetivos e posposições. As demais classes são constituídas de palavras não flexionáveis: pronomes, advérbios, demonstrativos, locativos, numerais, palavras interrogativas, interjeições e ideofones. Nomes e verbos são classes abertas e as demais classes são classes fechadas⁶. Apresentamos fundamentos para a distinção de classes flexionáveis, assim como de classes não flexionáveis, estas, principalmente distintas pelas funções que exercem nos enunciados. Nossa descrição mostra, pelos dados utilizados, que a língua Yawalapíti é uma língua aglutinante, com pouca flexão, com ocorrências de composição, mínimas ocorrências de fusão, como a apofonia que ocorre na vogal final de verbos transitivos quando estes se encontram no aspecto perfectivo. Na sessão seguinte passamos à descrição de aspectos da sintaxe da língua Yawalapíti, embora, no capítulo sobre classes de palavras tenhamos já avançado na visualização de traços morfossintáticos e sintáticos da língua.

⁶ Pelo menos no estágio atual. É possível que com a retomada da língua, novos elementos entrem nas demais classes.

CAPÍTULO IV – ASPECTOS DA SINTAXE DA LÍNGUA YAWALAPÍTI

Neste capítulo tratamos dos sintagmas nominais, sintagmas verbais, tipos de predicados não verbais e verbais, ordem dos constituintes, concordância de número e de gênero, negação e orações coordenadas e subordinadas. Poderíamos ter aprofundado mais o estudo da sintaxe Yawalapíti. Há muito mais a dizer, mas por questões de tempo, não incluímos aqui outros aspectos já estudados, deixando para tratá-los em trabalhos futuros, alguns já em andamento.

4.1 SINTAGMAS NOMINAIS - NOMES E SEUS MODIFICADORES

Em Yawalapíti nomes podem ser modificados por demonstrativos pronominais, numerais e adjetivos, os quais podem ocorrer antes ou depois do nome que modificam, dependendo da escolha do falante, com respeito ao que deseja enfatizar:

Adjetivos

(408) uka nu-nupi iṣa uhapa-lu
 já 1-ver canoa comprido-F
 ‘eu vi aquela canoa comprida’

(409) uka nu-nupi uhapa-lu iṣa
 já 1-ver comprido-F canoa
 ‘eu vi aquela canoa comprida’

(410) uka n-atḟa kupati hipula
 já 1-comer peixe vermelho
 ‘eu já comi peixe vermelho’

(411) uka n-atḟa hipula kupati
 já 1-comer vermelho peixe
 ‘eu já comi peixe vermelho’

(412) u-tuma pa itḟi
 1-fazer casa grande
 ‘eu fiz casa grande’

- (413) u-tuma itĩ pa
 1-fazer grande casa
 ‘eu fiz casa grande’
- (414) i-ri kupati atsa awiri-pa ha
 este peixe NEG bom-EST ENF
 ‘este peixe não está bom’

Numerais

- (414) uka n-atfa pawa kupati
 já 2-comer um peixe
 ‘eu comi um peixe’
- (415) uka n-atfa kupati pawa
 já 1-comer peixe um
 ‘eu comi um peixe’
- (416) Kotók i-upa kamayukula i-nu
 Kotók 3-ter três 3-esposa
 ‘Kotók tem três esposas’
- (417) Kotók i-upa i-nu kamayukula
 Kotók 3-ter 3-esposa três
 ‘Kotók tem três esposas’
- (418) n-upa pawiriku nu-ja-pau
 1-ter cinco 1-filho-COL
 ‘eu tenho cinco filhos’
- (419) n-upa nu-ja-pau pawiriku
 1-ter 1-filho-COL cinco
 ‘eu tenho cinco filhos’

Demonstrativos pronominais

- (420) i-ru tinişu awirira-lu
 3-F mulher bonito-F
 ‘esta mulher é bonita’

(421) i-ru awirira-lu tinişu
 3-F bonito-F mulher
 ‘esta mulher é bonita’

(422) i-ra yumiʌi işa-tʃitʃua
 3-DIST menino cair
 ‘aquele menino caiu’

(423) yumiʌi i-ra işa-tʃitʃua
 menino 3-DIST cair
 ‘aquele menino caiu’

4.2 SINTAGMA VERBAL

O sintagma verbal mínimo é um tema constituído de uma raiz verbal e de um prefixo pessoal:

(424) p-atima
 2-correr
 ‘você corre’

Os temas núcleos de sintagmas verbais podem ser complexos, com até cinco morfemas ou mais, como o exemplo seguinte, em que o tema verbal é constituído de prefixo pessoal, raiz verbal, sufixo de aspecto projetivo, sufixo enfático e sufixo de modalidade alética.

(425) [n-unupa-nişi ha tʃa] j-atima awiriwaka.
 [1PL-ver-PROJ ENF ainda]2PL-correrem amanhã
 ‘eu vou ver vocês correrem amanhã’

Sintagmas verbais transitivos podem ser constituídos do núcleo (simples ou complexo) e de seu argumento interno:

(426) uka i-ri [aʃa iti]
 já 3-M [comer carne]
 ‘ele já comeu carne’

4.3 TIPOS DE PREDICADOS

Em Yawalapíti há predicados verbais e não verbais. Os não verbais são predicados nominais, atributivos, existenciais e estativos. Descrevemos em seguida, os tipos de predicados Yawalapíti, separando-os em dois grupos principais: predicados não verbais e predicados verbais. Payne (1997) foi a principal referência para a presente descrição.

4.3.1 Predicados Nominais

Esse tipo de predicado é constituído de uma expressão nominal, sem morfologia ou elemento sintático que o torne um elemento predicator. Este tipo de predicado corresponde a uma oração constituída de um sujeito X e de uma expressão nominal Y, em que X = Y.

(427) i-ri hi jatama
 3-M ENF pajé
 ‘ele aí é pajé’

(428) jatama i-ri hi
 3-M 3-M ENF
 ‘ele aí é pajé’

(429) i-ru-la ha jatama
 3-F-DIST ENF pajé
 ‘ela aí é pajé’

(430) Tapí amulau
 Tapí cacique.3M
 ‘Tapi é cacique’

(431) Rose amulu
 Rose cacique.3F
 ‘Rose é cacique’

Os exemplos acima correspondem semanticamente a predicados inclusivos. Seguem outros exemplos de predicados nominais:

(432) i-ri pa
 3-M casa
 ‘esta é casa’

(433) i-ri ita nimitsi
 3-M arco bom.de.mira
 ‘ele é meu bom arqueiro’

(434) Iran ita nimitsi
 Iran arco bom.de mira
 ‘Iran é pescador’

Quando o núcleo do predicado é um nome relativo, vem marcado por um prefixo pessoal, codificando seu possuidor:

(435) i-ri nu-pina
 3-M 1-casa
 ‘esta é minha casa’

(436) i-ri n-atja
 3-M 1-casca
 ‘essa é minha roupa’

(437) Sõpre n-amiku-la
 Sõpre 1-amigo-MP
 ‘Sõpré é meu amigo’

(438) Maria nu-wikitsu
 Maria 1-dono
 ‘Maria é meu dono’, ‘Maria é minha mãe’

(439) Pedro nu-hã
 Pedro 1-filho
 ‘Pedro é meu filho’

(440) i-ri hi ata-pana nu-paha-la
 3-M ENF pau-folha 1-pertence-MP
 ‘este aqui é meu pertence folha de pau’, ‘este aqui é meu livro’

Quando o núcleo do predicado é uma expressão de posse, a tradução mais adequada para esse tipo de construção é ‘X é o que é Y’.

- (441) tişu ti-şa natu
2 3-filho 1
'eu sou (o que é) filho de você'
- (442) Eliseu apa i-ikiti
Eliseu música 3-dono
'Eliseu é (o que é) dono da música', 'Eliseu é cantor'
- (443) pa i-ikiti natu
música 3-dono 1
'eu sou (o que é) dono da música', 'eu sou (o que é) cantora'
- (444) apa i-ikiti Eliseu
música 3-dono Eliseu
'Eliseu é (o que é) dono da música', 'Eliseu é cantor'
- (445) Edineia wakupi i-wikiti
Edineia comida 3-dono
'Edineia é (o que é) cozinheira'
- (446) Rosa ir-u-la i-naki-ru
Rosa esse-F-DIST 3-tio-F
'Rosa é (o que é) tia daquela'
- (447) Lucas i-ru-la i-ha
Lucas 3-F-DIST 3-filho
'Lucas é (o que é) filho daquela'

4.3.2 Predicados atributivos

Predicados atributivos tem como núcleo um adjetivo.

Exemplos:

- (448) i-ra hipua
3-PROX gordo.MASC
'ele é gordo'

- (449) i-ru-la hipua-lu
 3-F-DIST gordo-F
 ‘aquela é gorda’
- (450) tsimi it̥ĩ
 anta grande.M
 ‘a anta é grande’
- (451) tsimi it̥ĩ
 anta grande.F
 ‘a anta (fêmea) é grande’
- (452) Tişu kipika-lu
 Você bravo-F
 ‘você é brava’
- (453) Maria awari-tapa
 Maria bonita-corpo
 ‘maria é bonita’
- (454) i-ru-la awiri-tapa
 3-F-DIST bonita-corpo
 ‘aquela é bonita’
- (455) Eliseu mapaʎi
 Eliseu feliz.M
 ‘Eliseu é feliz’
- (456) Sõpre uhapa-pujuku
 Sõpre comprido-alto
 ‘Sõpre é alto’
- (457) Rosa mahuti-ra
 Rosa feia.F
 ‘Rosa é feia’
- (458) Tapi kipika
 Tapi bravo
 ‘Tapi é bravo’

- (459) Rosa kipika-lu
 Rosa bravo-F
 ‘Rosa é brava’

4.3.3 Predicados existenciais

Yawalapíti possui uma partícula existencial, *hiłipi*, que forma predicados existenciais:

- (460) hiłipi u-ina mesa i-piɲu-a
 existencial água-casa mesa 3-sobre-PERL
 ‘existe uma garrafa por cima da mesa’

- (461) hiłipi Xavante
 existencial Xavante
 ‘existe Xavante’

- (462) hiłipi ula i-niukala
 existencial mandioca 3-lugar
 ‘existe uma roça’

- (463) hiłipi kupati
 existe peixe
 ‘existe peixe’

- (464) hiłipi alua pa-itʃipi i-tsiɲi
 existe morcego casa-sape 3-embaixo
 ‘existe um morcego embaixo do telhado’

- (465) hiłipi tipa hi-tʃiʃa ina i-tapu
 existe pedra 2-pé roupa 3-LOC.ADES
 ‘existe pedra no sapato’

- (466) hiłipi jitʃitʃi in-akupa u
 Existe cuia 3-INESS água
 ‘existe água no copo’

4.3.4 Predicados estativos.essivos

Predicados *estativos.essivos* têm diferentes interpretações no Yawalapíti. São formados por meio do sufixo *-pa* e constituem o tipo de predicado com maior frequência na língua.

Predicados *estativos.essivos* são construídos com *-pa*:

- (467) Maria kaha-pa
 Maria filho-EST
 ‘maria tem filho’

Aryon D. Rodrigues traduzia construções análogas de línguas Tupí-Guaraní como, por exemplo, como no exemplo acima: ‘Maria é filhuda’, ou seja, ‘tem filhos’ ou ‘Maria está com filhos’

- (468) tsimi i-ja-pau
 anta 3-filho-COL
 ‘a anta tem filhotes’

- (469) wikiti-pa jumiʌi-tsi
 dono-EST criança-pequena
 ‘a criança tem pai’

- (470) wikiti-pa ajaulu
 dono-EST raposa
 ‘o cachorro tem dono’

- (471) awajulu-kuma kinişa-pa
 raposa-COLOSS piolho-EST
 ‘cachorro tem pulgas’

- (472) awajulu-kuma-lau kinişa-ni-pa
 raposa-COLOSS-COL pulga-COL-EST
 ‘os cachorros estão com pulga’

- (473) Maria kinişa-pa
 Maria piolho-EST
 ‘Maria está com piolho’

- (474) Maria i-taputsa-pa k̄niṣa
 Maria 3-localizado-EST piolho
 ‘os piolhos estão em Maria’

Predicados estativos.essivos podem ter como núcleo nomes, adjetivos, verbos, posições, pronomes, demonstrativos, numerais, enfim, toda classe de palavra parece poder se compor com *-pa*.

4.3.4.1 Predicados estativos.essivos que têm por núcleo um nome

- (475) nu-mapal̄i-pa
 1-alegria-EST
 ‘estou alegre, eu sou alegre’

Predicados que têm como núcleo nomes como ‘frio’ têm o sujeito marcado pelo dativo:

- (476) katika-ruru-pa nu
 frio-INTENS-EST 1-DAT
 ‘muito frio está para mim’ (está muito frio para mim)

- (477) katika-ruru-pa hi-u
 frio- INTENS -EST 2-para
 ‘está muito frio para você’

- (478) katika-ruru-pa a-u
 frio- INTENS -EST 1PL-para
 ‘está muito frio para nós’

- (479) katika-ruru-pa ji-tiṣi
 frio- INTENS -EST 2PL-REL
 ‘está muito frio para vocês’

- (480) katika-ruru-pa i-ri i-tiṣi
 frio- INTENS -EST 3-M 3-REL
 ‘está muito frio para ele’

(481) katika-ruru-pa i-ru i-tişi
 frio- INTENS -EST 3-F 3-REL
 ‘está muito frio para ela’

(482) katika-ruru-pa in-ana ij-u
 frio- INTENS -EST 3-COL 3-DAT
 ‘está muito frio para eles(as)’

(483) mapali nu-taputsa
 alegria 1-localizado
 ‘há alegria comigo’

(484) n-awiri-mina-pa
 1-bonito-corpo-EST
 ‘eu estou belo’

4.3.4.2 Predicados estativos.essivos que têm por núcleo um adjetivo

-ukitatsi ‘inteligente’

(485) n-ukitatsi-ruru-pa
 1-inteligente-muito-EST
 ‘eu sou muito inteligente, estou muito inteligente’

-mitaju ‘doido’

(486) nu-mitatsu-pa
 1-doido-EST
 ‘eu estou doido’, ‘eu sou doido’

(487) nu-mitatsu-ruru-pa
 1-doido-muito-EST
 ‘eu sou muito doido’

-malu ‘falso, mal educado’

- (488) nu-puwijiri malu-ruru-pa
 1-pessoa falso-muito-EST
 ‘eu sou pessoa muito mal-educada’

4.3.4.3 Predicados estativos.essivos que têm por núcleo uma posposição

- (489) tipa-rata i-naku-pa kupiti
 pedra-casca 3-INESS-EST peixe
 ‘peixe está na panela’

- (490) tulutji nu-taputsa-pa
 tosse 1-localizado-EST
 ‘a tosse está em mim’

- (491) mapali nu-taputsa-pa
 alegria 1-localizado-EST
 ‘alegria está em mim’

A noção de ‘cansado’ é também expressa metaforicamente e consiste na composição do verbo ‘matar’ com o nome pernas, atribuindo-lhe a qualidade de morto, literalmente ‘pernas mortas’:

- (492) nu-kama-kati-pa
 1-morta-perna-EST
 ‘eu estou cansado’

- (493) hi-kama-kati-pa
 2-morta-perna-EST
 ‘você está cansado’

- (494) a-kama-kati-pa
 1PL- morta-perna-EST
 ‘estamos cansados’

- (495) ji-kama-kati-pa
 2PL-morta-pernas-EST
 ‘vocês estão cansados’

- (496) i-ri i-kama-kati-pa
 3-M 3-morta-perna-EST
 ‘ele está cansado’
- (497) i-ru i-kama-kati-pa
 3-F 3-morta-perna-EST
 ‘ela está cansada’
- (498) in-anapapa i-kama-kati-pa
 3-COL 3-morta-perna-EST
 ‘elas(es) estão cansadas(os)’

-mahuti ‘feio’

- (499) nu-mahuti-ra-pa
 1-feio-VERB-EST
 ‘eu estou feio’

-ijitfi ‘coitado’

- (500) nu-ijitfi-pa
 1-coitado-EST
 ‘eu estou coitado’
- (500) nu-katu-pa
 1-triste-EST
 ‘eu estou triste’
- (501) jumilu-tsi kahiju-mina-pa
 criança-pequena dor-corpo-EST
 ‘a criança está doente’
- (502) i-rula awiri-tapa-pa
 3-F-DIST bonita-corpo-EST
 ‘aquela está bonita’

- (503) nu-katupa-pa
1-triste-EST
'eu estou triste'
- (504) hi-tʃɨnuka-pa
2PL-bravo-EST
'vocês estão bravos'
- (505) Maria awiri-tapa-pa
Maria bonita-corpo-EST
'maria está bonita'
- (506) Sople katupa-pa
Sople triste-EST
'Sōpré está triste'
- (507) Edineia ʃiratira-pa
Edineia magra-EST
'Edineia está magra'
- (508) Irula mahuti-pa
Ela feia-est
'Ela está feia'

4.3.4.4 Predicados estativos.essivos que têm como núcleo verbos

- (513) n-atima-p-uka
1-correr-EST-já
'eu estou correndo'
- (514) p-atima-p-uka
2-correr-EST-já
'você está correndo'
- (515) au-atima-p-uka
1PL-correr-est-já
'nós estamos correndo'

- (516) j-atima-p-uka
2PL-correr-EST-já
'vocês estão correndo'
- (517) i-ri atima-p-uka
3-M correr-EST-já
'ele está correndo'
- (518) i-ru atima-p-uka
3-F correr-EST-já
'ela está correndo'
- (519) i-ri i-piririka-pa
3-M 3-riscando-EST
'ele está estudando'
- (520) p-unupa-pa i-ru-la
2-ver-EST 3-F-DIST
'você está vendo aquela'
- (521) kanau i-ri tuma-pa
o.que 3-M fazer-EST
'o que ele está fazendo'

4.3.5 A partícula cópula *pi*:

Observamos que há exemplos que apresentam a partícula *pi* funcionando como cópula, cujo significado é o de 'ser, existir':

- (509) mahuti natu pi
feio 1 COP
'eu sou feio'
- (510) api nu-tișuluhu
COP 1-namorada
'tenho/é minha namorada'

- (511) api utunapa şifuhu
 COP muita faca
 ‘tem/é muita faca’
- (512) tinau-pa-tsa a-mimaka-ta-pa jamurikuma-lu pi hi irinau
 mulher.COL-EST-só IMP-dança-CAUS-EST jamurikuma-F COP ENF homem.COL
 atsa a-mimaka-ta-pa ha jamurikuma-lu pi hi
 NEG IND-dança-CAUS-EST ENF jamurikuma-F COP ENF
 ‘somente as mulheres dançam no yamurikuma, os homens não dançam no yamurikuma’

4.4 PREDICADOS VERBAIS

Por ser o Yawalapíti uma língua aglutinante, predicados verbais podem ser constituídos de uma única palavra:

- (522) n-ajata
 1-choro
 ‘eu choro’
- (523) p-ajata
 2-chora
 ‘você chora’
- (524) a-jata
 1PL-choramos
 ‘nós choramos’
- (525) ja-jata
 2PL-choraram
 ‘vocês choraram’
- (526) i-ri Ø-ajata
 3-M chora
 ‘ele chora’

- (527) iru ajata
3-F chora
'ela chora'
- (528) in-anapapa ajata
3-COL choram
'eles(as) choram'
- (529) nu-tima-nişi
1-correr-PROJ
'eu vou correr'
- (530) n-işa-tfiţua-ka
1-sangue-cair-já
'eu já caí'

4.4.1 Predicados verbais transitivos consistem no núcleo verbal e seu objeto

- (531) a-wawiriu-ta i-ru-la
1PL-aprender-CAUS 3-F-DIST
'vamos ensinar aquela'
- (532) uka a-unupi tinişu
já 1PL-vimos mulher
'Nós vimos a mulher'

Expressões circunstanciais seguem o predicado:

- (533) j-unupa-nişi-tf-uka tinişu awiriwaka
2PL-ver-PROJ-mesmo-já mulher amanhã
'vocês vão ver a mulher amanhã'
- (534) nu-talunhişu mimaka-ta-nişi ipi
1-prima dança-CAUS-vai-PROJ hoje
'minha prima dançará hoje'

(535) nu-talunhişu atsa mimakata-pa ʃawaka
 1-prima NEG dançar-EST ontem
 ‘minha prima não dançou ontem’

(536) nu-tukakalu i-kuti-ta jaşıfa
 1-prima 3-acordar-CAUS cedo
 ‘minha irmã acorda cedo’

(537) in-ana i-tima-ņiş-uka
 3-COL 3-correr-PROJ-já
 ‘eles vão correr’

4.5 ORDEM DOS CONSTITUINTES ORACIONAIS

Orações com predicados intransitivos, com sujeito e circunstância presentes, têm a seguinte ordem em uma simples declaração:

ASP SUJEITO VERBO (OBJETO) (COMPL.CIRCUNST)

(538) uka umiʎi-ņãu atima uku-ņã
 já menino-COL correrem mata-LOC
 ‘os meninos correram na mata’

ASP SUJEITO VERBO COMPL. CIRCUNST

(539) uka jumiʎi atima ʃawaka
 já menino correr ontem
 ‘o menino correu ontem’

(540) jumiʎi atima-pa ipi
 menino correndo-est agora
 ‘o menino está correndo agora’

(541) uka umiʎi atima-kina uku-ņa
 já menino correr-PL mata-LOC
 ‘os meninos correram na mata’

Quando o sujeito sintático não está presente, a ordem do predicado e da circunstância é a mesma:

VERBO COMPL. CIRCUNST

- (542) j-atima-puka ipi.
2PL-correndo-COL agora
'vocês estão correndo agora.'

A partícula *uka* que pode ser traduzida por 'já' ocorre no início do enunciado. Se alguma expressão adverbial for topicalizada, ou seja, colocada no início da oração, *uka* não ocorre:

COMPL. CIRCUNST SUJEITO VERBO

- (543) uku-nã umiŋi-naw i-tima-ni-pa
mata-LOC menino-PL 3-correr-COL-EST
'os meninos correram na mata'

Orações declarativas com predicados transitivos, e com sujeito sintático e circunstância presentes, têm a seguinte ordem:

ASP VERBO OBJETO COMPL. CIRCUNST

- (544) uka n-atŋapa kupati itsiki tŋawaka
já 1-comer peixe assado ontem
'comi peixe assado ontem'

Orações declarativas com predicados transitivos estendidos têm a seguinte ordem:

ASP VERBO OBJETO OBJETO DIRETO COMPL. CIRCUNST

- (545) uka n-iputa walu-rata hi-u tŋawaka
já 1-dar caramujo-casca 2-DAT ontem
'eu dei colar de caramujo para você'

A língua Yawalapíti não faz uso obrigatório de pronomes pessoais marcando o sujeito de verbos transitivos e intransitivos, mas quando se trata de terceira pessoa, a presença de um demonstrativo pronominal se faz obrigatória:

- (546) uka n-işa-tʃitʃua
 já 1-sangue-cair
 ‘eu caí’
- (547) uka n-atʃa iti
 já 1-comer carne
 ‘eu comi carne’
- (548) uka in-ana işa-tʃitʃua
 já 1-COL sangue-cair
 ‘elas/eles já caíram’
- (549) uka i-ri atʃa iti
 já 3-M comer carne
 ‘ele já comeu carne’

Por outro lado, o objeto de verbos transitivos é expresso por meio de pronomes pessoais ou demonstrativos pronominais e, no caso desses últimos verbos, o sujeito pode ser expresso enfaticamente, no modo indicativo:

- (550) p-unupa-pa i-ru-la
 2-ver-EST 3-F-DIST
 ‘você está vendo aquela’
- (551) tişu p-unupa natu
 2 2-ver 1
 ‘você me vê’
- (552) aşu a-unupa-pa işu
 1PL 1PL-ver-COL 2PL
 ‘nós vemos vocês’

- (553) natu n-unupa-pa iṣu
 1 1-ver-COL 2PL
 ‘eu vejo vocês’

Entretanto, no modo imperativo, os pronomes pessoais na função de sujeito não são expressos:

- (554) pu-nupa natu
 2-ver 1
 ‘veja-me!’

- (555) i-unupa in-ala
 2PL-ver 3-COL
 ‘vejam eles!’

Expressões adverbiais ocorrem seguindo o núcleo do predicado quando o enunciado se inicia com partículas aspectuais ou com a partícula de negação:

- (556) uka n-imaka utuna
 já 1-dormir muito
 ‘já dormi muito’

- (557) atsa nuti maka-pa utuna
 NEG 1 dormir-EST muito
 ‘eu não dormi muito’

- (558) atsa nuti maka-pa pahitsiri
 NEG 1 dormir-EST pouco
 ‘eu não dormi pouco’

- (559) uka n-imaka pahitsiri
 já 1-dormir pouco
 ‘já dormi pouco’

Entretanto, na ausência desses elementos, podem ocorrer no início da oração:

(560) utuna n-imaka
muito 1-dormir
'durmo muito'

(561) pahitsiri n-imaka
pouco 1-dormir
'durmo pouco'

4.6 COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

Nesta seção falamos brevemente sobre orações coordenadas e subordinadas. Identificamos orações coordenadas e orações subordinadas temporais/condicionais e finais.

4.6.1 Orações subordinadas temporais/condicionais

A partícula *pirikua* serve de subordinador de construções dependentes que expressam subordinação temporal e de condição, não havendo distinção formal entre essas duas noções:

- (562) [u i-huka **pirikuua** n-ia n-ipuluta
[água 3-derramar quando] 1-ir 1-roçar
'quando/se chover, vou roçar'
- (563) [nu-ha tua **pirikua** nu-tikuta-nişi Aritana
1-filho vir quando] 1-chamar-PROJ Aritana
'quando/se meu filho nascer, vou chamá-lo Aritana'
- (564) [i-ru i-jakatua waku-tsa **pirikua** utuma-nhişi ula-ri
[3-F 3-voltar rio-ABL quando] fazer-PROJ mandioca-beiju
'quando/se ela voltar do rio, vai fazer beiju'
- (565) [hi-tfuti **pirikua** a-ja-nişi ula-tfiã
[2-acordar quando] 1-ie-PROJ mandioca-roça
'quando/se você acordar nós vamos para roça'
- (566) [i-ru i-tfuti **pirikua** i-jata-nişi
[3-F 3-acordar quando] 3-chorar-PROJ
'quando/se ela acordar, vai chorar'
- (567) [h-itsikuta natu **pirikua** n-utua
[2-chamar 1 quando] 1-venho
'quando/se você me chamar, eu venho'
- (568) [n-unupa tişu **pirikua** n-akikuata-nişi p-iwiku-tsu ij-u
[1-ver 2 quando] 1-contar-PROJ 2-dono-F 3-DAT
'quando/se eu te ver, vou contar para sua mãe'

- (569) [u i-huka **pirikua**] kahaja-nişi amaka
 [água 3-derramar quando] molhar-PROJ rede
 ‘quando/se chover, vai molhar a rede’

4.6.2 Oração adverbial final

Outra possibilidade de construção de orações adverbiais finais, é por meio do morfema **maka**, que ocorre como elemento final da oração dependente:

- (570) i-ri i-nuwa maka i-piririka
 3-M 3-vir para 3-escrever
 ‘ele veio para estudar’, ‘ele veio estudando’, ‘ele veio e estudou’

- (571) i-ri ukuta kupati
 3-M flechar peixe
 ‘ele flechou peixe’

- (572) n-uwiriuta-nişi tfa yumĩli maka uta utuma majaku
 1-ensinar-PROJ mesmo menino para aprender fazer cesto
 ‘eu vou ensinar menino para aprender fazer cesto’

- (573) n-iatata-nişi i-ri n-utsinhi maka akikuata aunatfi
 1-levar-PROJ 3-M 1-comigo para contar história
 ‘vou levar ele comigo para contar história’

- (574) n-ima-nişi tfa maka i-ri i-ja
 1-fala-PROJ ainda para 3-m 3-ir
 ‘eu vou falar para ele ir’

- (575) n-uwiriuta-nişi tfa maka uta utuma majaku
 1-ensinar-PROJ mesmo para aprender fazer cesto
 ‘eu vou ensinar menino para aprender fazer cesto’

4.7 ORAÇÕES COORDENADAS

Orações coordenadas podem ser conclusivas ou aditivas. As conclusivas são encabeçadas pela partícula conjuntiva *pĩa*, já as aditivas são orações justapostas, sem conectivo. Este último tipo corresponde semanticamente a orações no gerúndio, portanto de natureza menos verbal, construídas com o sufixo estativo.essivo *-pa*. Em princípio, seguem a oração principal. Semanticamente expressam finalidade, simultaneidade ou sequencialidade.

4.7.1 Oração coordenada conclusiva

(576) iʃu ka j-atʃa-pa manaka, pĩa atsa i-jimi-pa
 2PL já 2PL-comer-EST sempre, por.isso NEG 2PL-fome-EST
 ‘você sempre estão comendo, por isso você não têm fome’

(577) itʃatʃi atsa katupamina-pa ha, pĩa puwĩñiri-mina-anau a-mimaka-ta-pa
 ritual NEG triste-EST ENF, por.isso pessoa-forte-COL IND-dança-CAUS-EST
 ha
 ENF
 ‘o kuarýp não é triste, por isso as pessoas dançam’

4.7.2 Orações coordenadas aditivas

Os seguintes exemplos podem ter uma leitura aditiva de ação sequencial, quando podem ter uma leitura de gerúndio de finalidade ou de ações simultâneas:

(578) n-uwa n-unupa tiʃu
 1-vir 1-ver 2
 ‘eu vim te ver’, ‘eu vim te vendo’, ‘eu vim e te vi’

(579) p-uwa pa-mimaka-ta
 2-vir IMP-dança-CAUS
 ‘você veio dançar’, ‘você veio dançando’, ‘você veio e dançou’

(580) i-ri i-nuwa akautsitsi aʃu
 3-M 3-vem chamar 2PL
 ‘ele vem chamar nós’, ‘ele vem nos chamando’, ‘ele vem e chama nós’

- (581) n-utua n-atata kupati i-ri ij-u
 1-vir 1-trazer peixe 3-M 3-DAT
 ‘venho trazer peixe para ele’, ‘venho trazendo peixe para ele’, ‘venho e trago peixe para ele’
- (582) i-ri i-haluka i-kikuata-pa
 3-M 3-chegar 3-contar-EST
 ‘ele chegou e contou’
- (583) i-ru i-hakuta i-ma-pa
 3-F 3-sair 1-falar-EST
 ‘ela saiu falando’

4.7.3 Orações com semântica adversativa

Orações com semântica adversativa são também justapostas sem conectivo, mas com uma pausa entre elas:

- (584) jatama i-ma tʃawaka, puwɨjɨri-nau atsa itsimi-pa ha
 pajé 3-falar ontem, pessoal-COL NEG escutar-EST ENF
 ‘O pajé falou ontem, (mas) o pessoal não escutou’

4.8 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS

Construções interrogativas são construídas com o elemento foco da pergunta posicionado no início da oração. Têm entonação ascendente, como em português, seja ela uma pergunta de conteúdo ou uma pergunta sim/não.

Exemplos de perguntas polares (sim/não):

- (585) p-uahika-pa
 2-jogar-EST
 ‘você está jogando?’
- (586) p-uahika tʃa
 2-jogar ainda
 ‘você vai jogar?’

- (587) p-itsimi -niʃi tʃa
2-ouvir -PROJ ainda
'você ouvirá?'
- (588) p-itsimi-niʃi tʃa
2-ouvindo-PROJ ainda
'você vai ouvindo'
- (589) atsa h-ia-pa kapati piku p-iri i-tsiʃi
NEG 2-ir-EST peixe buscar 2-pai 3-ASSOC
'você não foi pescar com seu pai?'
- (590) atsa tʃa n-ia-pa kupati piku papaju i-tsiʃi
NEG ainda 1-ir-EST peixe buscar papai 3-ASSOC
'eu não fui pescar com meu pai.'
- (591) uka p-atʃa
já 2-comer
'você já comeu?'
- (592) atsa ha tʃa n-atʃa-pa
NEG mesmo ainda 1-comer-EST
'eu ainda não comi.'
- (593) uka i-ri i-haluka
já 3-M 3-chegar
'ele já chegou?'

4.9 CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E DE NÚMERO

Yawalapíti tem um sistema de concordância de gênero em que o adjetivo, em qualquer situação sintática – modificando um nome ou na função de núcleo de predicado –, carrega a marca do gênero respectivamente do nome que modifica ou do sujeito do qual é predicativo:

Modificando um nome:

Predicados equativos

- (594) Rosa kipika-lu
Rosa bravo-F
'Rosa é brava'
- (595) i-ru-la hipua-lu
3-F-DIST gordo-F
'aquela é gorda'
- (596) i-ru Ø-mitsiλuka-lu-ruru-pa
3-F 3-fraca-F-INTENS-EST
'ela está muito fraca'

A marca de gênero não é usada quando o predicado é negado:

- (597) nu-pirikulu awirara-lu
1-companheira bonita-F
'minha amiga é bonita'
- (598) nu-pirikulu atsa awiri-tapapa
1-companheira NEG bonito-tronco
'minha amiga não é bonita'

4.10 NÚMERO

Yawalapíti marca o coletivo nos nomes de referentes humanos por meio do sufixo -*nau* 'coletivo':

- (599) jumiλi-nau! kuti-ni-pa jašitfa
criança-COL! acordar-COL-EST cedo
'crianças! acordem cedo!'
- (600) jumiλi-nau! atsa atima-pa utuna
criança-COL! NEG correr-EST muito
'crianças! não corram muito'
- (601) jumiλi-nau atsa i-ja-pa waku jašifja
criança-COL NEG 3-ir-EST rio cedo
'as crianças não vão banhar cedo'

- (602) iri-nau atsa i-muka-pa tinau ijana uritfiitfihi
 homem-COL NEG 3-usar-EST mulher pintura urucum
 ‘os homens não usam pintura de mulher’
- (603) jatama i-ma tʃawaka, puwɨɨɨri-nau atsa i-tsimi-ni-pa ha
 pajé 3-falar ontem, pessoal-COL NEG 3-escutar-COL-EST ENF
 ‘o pajé falou ontem, mas o pessoal não escutou’
- (604) kuma-pa tinau putaka-naku
 COLOSS-EST mulher aldeia-INESS
 ‘há muitas mulheres na aldeia’
- (605) tinau-pa-tsa a-mimaka-ta-pa jamurikuma-lu pi hi, iri-nau
 mulher.COL-EST-só IND-dança-CAUS-EST jamurikuma-F COP ENFhomem-COL
- (606) atsa a-mimaka-ta-pa ha jamurikuma-lu pi hi
 NEG IND-dança-CAUS-EST ENF jamurikuma-F COP ENF
 ‘somente as mulheres dançam no yamurikuma, os homens não dançam no yamurikuma’
- (607) atsa mani jumiʔi-nau unupa-ni-pa tiniɕu putaka i-mana
 NEG todo menino-COL viram-COL-EST mulher aldeia 3-LP
 ‘alguns meninos não viram a mulher na aldeia (nem todos)’
- (608) in-ana i-tima-ni-p-uka
 3-COL 3-correr-COL-EST-já
 ‘eles/elas estão correndo’
- (609) uku-ɲa jumiʔi-nau i-tima-ni-pa
 mata-LOC menino-COL 3-correr-COL-EST
 ‘os meninos correram na mata’
- (610) in-anapapa i-piririka-ni-pa
 3-COL 3-riscando-COL-EST
 ‘eles estão estudando’
- (611) in-ana i-tima-ni-p-uka
 3-COL 3-correr-COL-EST-já
 ‘eles estão correndo’

O coletivo de seres não humanos animados é marcado com o sufixo coletivo *-lau*:

- (612) awajulu-kuma-lau kinişa-ni-pa
 raposa-COLOSS-COL pulga-COL-EST
 ‘os cachorros estão com pulga’

Os demonstrativos pronominais formam o coletivo por meio do sufixo *-ana* ~ *anapapa*, afixado ao alomorfe *in-* da terceira pessoa. Independentemente de ser o referente masculino ou feminino:

- (613) in-ana i-tima-ni-p-uka
 3-COL 3-correr-COL-EST-já
 ‘eles/elas estão correndo’

- (614) uka in-ana unupa-kina awajulu-kuma
 já 3-COL ver-COL cachorro-COLOSS
 ‘eles viram cachorro’

- (615) uka in-ana i-tima-kina tʃawaka
 já 3-COL 3-correr-COL ontem
 ‘eles correram ontem’

- (616) in-anapapa i-pina wişi
 3-COL 3-casa RETR
 ‘ex-casa deles’

4.11 NEGAÇÃO

Segundo Payne (1997, p. 292), “Uma cláusula negativa é aquela que afirma que algum evento, situação ou estado de coisas não se mantém.” e que “...orações negativas geralmente ocorrem no contexto de alguma pressuposição, funcionando para negar ou contra-afirmar o que é pressuposto.” Em Yawalapíti, há três partículas de negação: *atsa*, *mina* e *maka*. *atsa* e *mina* podem ser usadas como únicos constituintes de um enunciado.

Exemplos:

- (617) h-ia-pa?
2-ir-EST
'você vai?'
- (618) atsa
não!
- (619) atsa, awiri.
'não, obrigado.'
- (620) atsa, atsa tʃia uka airi i-hipihu
NEG, NEG ainda já tabaco 3-acabar
'não, não tenho; todo meu tabaco acabou'

Atsa é a negação *standard* e serve para negar tanto proposições inteiras quanto constituintes oracionais:

Negação de proposições inteiras:

- (621) atsa nu-pa pawa awajulu-kuma
NEG 1-tenho um raposa-COLOSS
'não tenho um cachorro'
- (622) atsa tisana tʃuka nu-tuma-pa ʃiri hi
NEG talvez mais 2-fazer-EST banco ENF
'talvez eu não faça mais bancos'
- (623) atsa ha tʃa n-akapapa-pa
NEG ENF ainda 1-banhar-EST
'ainda não banhei'
- (624) atsa ha tʃia n-atʃa-pa
neg enf ainda 1-comer-est
'ainda não comi'
- (625) atsa ha tʃia nu-kanupa
NEG ENF ainda 1-esposa
'ainda não tenho esposa'

- (626) atsa ha tʃia nu-tuma-pa ti-ʃiri
 NEG ENF ainda 1-fazer-EST 2-banco
 ‘ainda não fiz teu banco’
- (627) atsa ha ahaluka-pa aʃuma pa ha
 NEG ENF terminar-EST fazer casa ENF
 ‘ainda não terminamos de fazer a casa’
- (628) atsa ha tʃia nu-kanupa
 NEG ENF ainda 1-esposa
 ‘ainda não tenho esposa’
- (629) atsa ha tʃia nu-tuma-pa ti-ʃiri
 NEG ENF ainda 1-fazer-EST 2-banco
 ‘ainda não fiz teu banco’
- (630) kata-pa akaha
 fruto-EST pequi
 ‘o pequi tem muito fruto’
- (631) atsa kata-pa ha akaha
 NEG fruto-EST ENF pequi
 ‘o pequi está sem fruto’
- (632) hi-u-pa airi?
 2-ter-EST tabaco
 ‘você tem tabaco?’
- (633) atsa, atsa tʃia uka airi i-hipihu
 NEG, NEG ainda já tabaco 3-acabar
 ‘não, não tenho; todo meu tabaco acabou’
- (634) hi-tsikutata-pa pi-tuka-pa nukaja?
 2-quer-EST 2-tomar-EST perereba?
 ‘você quer tomar perereba?’
- (635) atsa, awiri.
 ‘não, obrigado.’

- (636) atsa Vitor inukapa jakaha
 NEG Vitor matar jacaré
 ‘Não foi Vitor que matou o jacaré’
- (637) atsa-nia nu-taluñiṣu ajata-pa ha
 NEG-ENF 1-prima chorar-EST ENF
 ‘não é minha prima que está chorando’
- (638) atsa-nia jumilhi ipikitsipa tiparataha
 NEG-ENF menino quebrar pedra-casca
 ‘não foi o menino que quebrou a panela’
- (639) atsa-nia na-kiru himata-pa ha
 NEG-ENF 1-tia doente-EST ENF
 ‘não é minha tia que está doente’
- (640) atsa iñi waka-pa ha
 NEG machado ter-EST ENF
 ‘não tenho machado (ainda)’
- (641) api nu-tiṣuluḥu
 COP 1-namorada
 ‘é minha namorada’
- (642) api utuna-pa ṣiḥuḥu
 COP muito-EST faca
 ‘é muita faca’
- (643) mina p-unupa apapaluta-pa ha
 NEG 2-olhar animal-EST ENF
 ‘não olhe animal’
- (644) atsa pitsim-pa natu
 NEG ouvir-EST 1
 ‘você não está me ouvindo?’
- (645) atsa i-ja-ni-pa unupa ula
 NEG 3-ir-COL-EST ver roça
 ‘ninguém foi ver a roça’

4.11.1 Estrutura da construção negativa com *atsa*

Construções negadas por *atsa* apresentam diferenças estruturais das respectivas construções afirmativas. Todas as construções negadas por *atsa* são construções estativas. A partícula *uka* ‘já’ ou não ocorre em uma construção negada ou ocorrerá cliticizada ao núcleo do predicado, mas não no início do enunciado, como na contraparte afirmativa da construção negada. Outra diferença é a ordem dos constituintes, quando há uma expressão nominal sujeito expressa, esta é separada do predicado pela partícula negativa *atsa*. As construções negadas por *atsa* associam-se, pois, às estratégias de negações assimétricas propostas por Miestamo (2005, 2007), que classifica as construções negativas em dois tipos: (i) simétricas e (ii) assimétricas, em que o tipo i não apresenta diferença estrutural além da expressão de negação, ao passo que o tipo ii difere estruturalmente da correspondente construção afirmativa, além da presença de marcador negativo (MIESTAMO 2007, p. 556). Exemplos:

(646) *tinişu unu-pa janumaka i-kama*
mulher ver-EST onça 3-morta
‘a mulher viu uma onça morta’

(647) *irina unu-pa janumaka şialaşi*
homem ver-EST onça preta
‘homem viu uma onça preta’

(648) *awajulu-kuma atsa i-nuka-pa nu-pira-karakarako*
raposa-COLOSS NEG 3-matar-EST 1-estimação-galinha
‘O cachorro não matou minha galinha’

Construções afirmativas com a partícula *uka* ‘já’ e construções negativas correspondentes sem essa partícula:

(649) *papaju uka i-ja ula-şia*
papai já 3-IR polvilho-roça
‘meu pai foi à roça’

(650) *mamaju atsa i-ja-pa ula-şia*
mamãe NEG 3-ir-EST polvilho-roça
‘minha mãe não foi à roça’

- (651) jakuakua atʃa-pa ata-itaha
 tucano come-EST árvore-fruta
 ‘o tucano está comendo frutas’
- (652) awajulu-kuma atsa atʃa-pa ata-itaha
 raposa-COLOSS NEG come-EST árvore-fruta
 ‘o cachorro não come frutas’
- (653) ʃawaka uka n-ia kupati-piku
 ontem já 1-ir peixe-buscar
 ‘ontem fui pescar’
- (654) ipi atsa n-ia-pa kupati-piku
 hoje NEG 1-ir-EST peixe-buscar
 ‘hoje não fui pescar’

Atsa como segundo constituinte do enunciado, quando o sujeito é uma expressão nominal, encabeça o enunciado, seguida por *atsa* :

- (655) nu-pi atsa i-nuka-pa walamaha
 1-amigo NEG 3-matar-EST sucuri
 ‘Meu amigo não conseguiu matar a sucuri’
- (656) i-ri i-nuka walama iɾ itɪ
 3-M 3-matar sucuri capivara
 ‘ele matou a sucuri e a capivara’
- (657) uwa atsa kaha-pa ha
 tio NEG filho-EST ENF
 ‘meu tio não tem filhos’
- (658) i-ri kupati atsa awiri-pa ha
 3-M peixe NEG bom-EST ENF
 ‘este peixe não está bom mesmo’
- (659) tinuiʃu i-kawiripa-tua uɾitʃitʃi i-tsiɲu
 mulher.COL 3-pintar-REFL urucum 3-ASSOC
 ‘as mulheres se pintam com kaxukupé no corpo’

(660) irinau atsa i-muka-pa tinau i-jana uřitĩtĩ hi
 homem.COL NEG 3-usar-EST mulher.COL 3-pintura urucum ENF
 ‘os homens não usam pintura de mulher’

(661) i-ri utapałi aunatĩ hi
 3-M história aunatĩ ENF
 ‘ele sabe a história de aunatĩ’

(662) i-ri atsa-įna waraju-pa ha
 3-M NEG-ser índio-EST ENF
 ‘ele não é índio’

Essa mesma ordem é observada quando a partícula *uka* ‘já’ encabeça o enunciado:

(663) uka i-ri unupa awajulu kuma
 já 3-M ver raposa COLOSS
 ‘ele viu cachorro’

(664) uka jumiłi atima-kina uku-ņa
 já menino correr-COL mata-LOC
 ‘os meninos correram na mata’

(665) uka in-ana i-tima-kina tįawaka.
 já 3-COL 3-correr-COL ontem
 ‘eles correram ontem’

4.11.2 A negação proibitiva *mina*

A partícula *mina* tem uma função proibitiva. É usada em comandos e em construções permissivas.

Comandos proibitivos

(666) mina p-uahika ira
 PROIB 2-jogue isso
 ‘não jogue isso’

- (667) mina p-inuka apapalutapa
 PROIB 2-mate animal
 ‘não mate animal’
- (668) mina, mina puhikata-pa iñji, mapa tinişu hu
 PROIB, PROIB queima-EST lixo, PROIB mulher ENF
 ‘não, não pode queimar o lixo, falou a mulher’

4.11.3 A partícula *maka* ‘preventiva’

A partícula *maka* tem função preventiva. É usada em enunciados de natureza preventiva, de conselho ou de aviso. Construções com *maka* diferenciam-se das correspondentes afirmativas por apresentarem, além da marca preventiva, as partículas *nia* ‘mesmo’ e *tfa* ‘ainda’, as quais contribuem para a força preventiva do enunciado, como mostram os exemplos seguintes:

- (669) maka nia tfa p-atfa utuna iti
 PREV mesmo ainda 2-comer muito carne
 ‘não coma muita carne (pode ter indigestão)’
- (670) maka nia tfa hi-tfanu i-ru i-tsiñu
 PREV ENF ainda 2-casar 3-F 3-ASS
 ‘não case com ela!’

4.12 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, abordamos questões importantes da morfossintaxe e sintaxe da língua Yawalapíti, como a ordem dos constituintes, os tipos de predicados, tipos de oração, negação, gênero, número e outros temas relevantes. Embora o estudo careça de aprofundamento, já avançamos bastante ao focalizarmos aspectos que caracterizam as estruturas da língua.

Como no precedente, abordamos temas nunca antes abordados nos estudos linguísticos sobre a língua Yawalapíti. Embora reconheçamos que apenas iniciamos o estudo da morfossintaxe e sintaxe da língua, abrimos muitos caminhos para torná-la conhecida.

5. CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado é o primeiro trabalho linguístico sobre a língua Yawalapíti que aprofunda aspectos de sua fonologia, morfologia e que aborda aspectos importantes de sua morfossintaxe e sintaxe. Tem como privilégio ter sido desenvolvida com a ajuda de falantes plenos do Yawalapíti, os últimos conhecedores da língua, até que os seus conhecimentos, que incluem os aqui registrados, sejam usados pelos mais jovens para que a língua Yawalapíti não caia no esquecimento generalizado, mas venha a ser ensinada e, na medida do possível, falada. Os falantes que colaboraram com esta dissertação dominam razoavelmente bem a língua portuguesa, de forma que a tradução dos dados contou com a expertise deles todos.

A realização de uma descrição acurada da língua Yawalapíti nas primeiras décadas do contato, por não indígenas, seria muito difícil, pois os indígenas xinguanos ainda mal conheciam a língua portuguesa. De forma que a documentação e análise da língua Yawalapíti aqui apresentada é também um trabalho diferenciado, pois foi realizado por um indígena que nasceu e cresceu ouvindo a língua Yawalapíti de seu pai, de seu avô, tios e tias por parte de pai, e que nos últimos anos se dedicou a aprender a falá-la com certa fluência, tendo seu pai, o *Amulau Aritana* como seu preceptor.

Este é também o primeiro trabalho linguístico construído para servir aos Yawalapíti, na revitalização de sua língua. Será, pois, socializado com todos os jovens Yawalapíti que devem contribuir para que a língua dos seus ancestrais volte a ser falada como língua de cultura, de comunicação, como são faladas as línguas Kamayurá, Kuikúro e Mehinako pelo povo Yawalapíti, todo ele poliglota.

Abordamos na presente dissertação os sons da língua, seus fonemas, os processos fonológicos e morfofonológicos que desencadeiam mudanças nas formas fonológicas básicas dos morfemas e palavras. Abordamos temas nunca antes abordados nos estudos linguísticos sobre a língua Yawalapíti, como predicados equativos, existenciais, possessivos, predicados intransitivos e transitivos estendidos. Aprofundamos o conhecimento sobre a posse de nomes de referentes relativos e de nomes de referentes absolutos, a classificação nominal, assim como os demais elementos morfológicos e suas respectivas semânticas que entram em jogo na formação de temas verbais e nominais. Exploramos as posposições do Yawalapíti, as expressões de aspecto e de modo. Iniciamos um estudo sobre o sistema de concordância da língua e sobre

coordenação e subordinação, sobre construções interrogativas e sobre as estratégias de negação.

Com esta dissertação mostramos que a língua Yawalapíti está viva e que as gerações mais jovens podem aprendê-la em sua plenitude. Mostramos também que há muito ainda a documentar e a aprofundar em termos de conhecimentos linguísticos, o que pretendemos fazer, dando continuidade à pesquisa, agora no doutorado, na mesma universidade em que realizei o mestrado, a Universidade de Brasília.

Esta dissertação é uma homenagem póstuma ao meu pai Aritana Yawalapíti, que tudo fez para que ela fosse bem-sucedida e devolvida ao seu povo.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. A grammar of Tariana, from northwest Amazonia. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y. (ed.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 65-105.

AIKHENVALD, Alexandra. Y. *A grammar of Tariana, from northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press. xxiv, 705 pp. Paperback reissue [2003] 2006.

AIKHENVALD, Alexandra. Y.. *Classifiers*. In: ARONOFF, Mark, (ed.) *Oxford Bibliography Online*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2011. p. 1-40.

AIKHENVALD, Alexandra. Y.. *Arawak languages*. In: ARONOFF, Mark, (ed.) *Oxford Bibliography Online*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2013.

AIKHENVALD, Alexandra. Y.. Disentangling a versatile prefix: the nature and development of a polysemous marker in Arawak languages. *International Journal of American Linguistics*, v. 84, p. 1-49, 2018.

AIKHENVALD, Alexandra. Y.. Morphology in Arawak Languages. In: MASINI, Francesca. *Oxford Research Encyclopedia online*. New York: Oxford University Press, 2020.

AIKHENVALD, Alexandra Y.; MIHAS, Elena I. *Genders and Classifiers*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2019.

ALMEIDA, João Carlos, A. de S. Tapanawanã: música e sociabilidade entre os yawalapíti do alto xingu. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2012.

AWETÍ, Makaulaka Mehinako. *Uma descrição preliminar das classes de palavras da língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2014.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. V. 1.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. V. 2.

CAMPBELL, Lyle. *American Indian languages: the historical linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: an Introduction*. 3.ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. [1.ed. 1998–1999, 2.ed. 2004].

CORBERA MORI, Ángel H. Aspectos da estrutura nominal em Mehináku (Arawák). *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 1, p. 249-257, 2007.

CORBERA MORI, Ángel H. Algunos procesos de formación de palabras nominales em Mehináku (arawak). In: GONZÁLEZ, Hebe a.; GUALDIERI, Beatriz (eds.). (org.). *Lenguas Indígenas de América del Sur. Fonología y Léxico*. Mendoza: Editorial FFyLUN Cuyo y SAL, 2012. V. 7. p. 135-150.

COMRIE, B. Aspect. *An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

COUTO, Fabio Pereira. *Fonética acústica e análise fonológica da língua Manxineru (Aruák)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.

COUTO, Fabio Pereira. *Conexões entre processos morfofonológicos e acento em Manxineru: a variedade Yine (família Aruák) falada no Brasil*. 2016. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Basic Linguistic Theory. Vol 1, Methodology. Oxford: Oxford University Press. 2009.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. *Basic linguistic theory*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010a

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. *Basic linguistic theory*. v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010b.

EMMERICH, Charlotte (cood) *Documentos do Projeto: Estudo Sincrônico de Línguas Indígenas do Alto Xingu*. Série Livros Digital, 17, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

GALVÃO, Eduardo. Cultura e sistema de parentesco das tribos do alto Rio Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, nova série, Antropologia, n. 14, p. 1-56, 1953.

GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. *Linguistic Typology*, Berlin, v. 8, n. 2, p. 243-285, 2004.

HECKENBERGER, Michael. *War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southastern Amazônia, A.D. 1400-2000*. 1996. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de Pittsburg, 1996.

HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000d.C. In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. (org.), *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 21-62.

HECKENBERGER, Michael. Rethinking the arawakan diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian formative. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GANERO, Fernando (eds.). *Comparative arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. University of Illinois Press. 2002. p. 99-122.

HINTON, Leanne; VERA, Matt; STEELE, Nancy; Advocates for Indigenous California Language Survival. Como manter sua língua viva: Uma abordagem baseada no bom senso. Tradução para o Português do livro *How to keep your language alive*, por CORRÊA DA SILVA, Beatriz Carretta. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, vol. especial, 2020.

JUNQUEIRA, Carmen. Disputa política na sociedade Kamaiurá. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, p. 215-233, 2010.

JUNQUEIRA, Carmen; BARUZZI, Roberto G (Org.) . Parque Indígena do Xingu Saúde, Cultura e História. 1. ed. São Paulo: Terra Virgem Editora, 2005. v. 1. 295p .

MATISOFF, James A. Rhinoglottophilia: The Mysterious Connection Between Nasality and Glottality. In: FERGUSON, C. et al. (orgs.). *Nasálfest*. Standford, California: Standford University, 1975. p. 265-287.

MIESTAMO, Matti. *Standard negation: the negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

MIESTAMO, Matti. Negation – an overview of typological research. *Language and linguistics compass*, v. 1, n. 5, p. 552-570, sept. 2007.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Sistemas políticos, de comunicação e articulação social no Alto-Xingu. *Anuário Antropológico*, v. 81, p. 43-58, 1983.

MENEZES BASTOS, Rafael José de Exegeses yawalapití e kamayurá da criação do parque indígena do Xingu e a invenção da saga dos irmão Villas Boas. *Revista de Antropologia*, v. 30/31/32(1987-1989), p. 391-426. São Paulo, 1992.

ORTEGA MUJICA, Mitzila Isabel. *Aspectos fonológicos e gramaticais da língua yawalapití (Aruak)*. 94f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 1992. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270875>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

PAYNE, John. R. Negation. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. V. 1.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PIKE, Kenneth. *Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Techinique for the Pratical Description of Sounds*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1943.

PIKE, Kenneth. *Phonemics a Techinique for Reducing to Writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. *Aspectos da fonologia Xavante e questões relacionadas: rinoglotofilia e nasalidade*. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus, Universidade do Amazonas, 2001.

ROCHA, Adelino de Lucena Mendes da. *Guerreiros do Norte: memórias de um tempo histórico para uma etnografia Yawalapiti*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 134 p.

RODRIGUES, A. D. Silêncio, Nasalidade e Laringalidade em Línguas Indígenas Brasileiras. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 11-24, 2003.

SCHACHTER, Paul. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. V. 1. p. 3-61.

SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. V. 1.

STEINEN, Karl von den. Entre os aborígenes do Brasil Central. *Revista dos Arquivos*, São Paulo, ns. XXXIV a LVIII, 1940. 714p. Tradução de Egon Schaden e introdução de Herbert Baldus.

VILAS-BOAS, O.; VILAS-BOAS, C. *Xingu: os índios, seus mitos*. Porto Alegre: Kuarup. 1990.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Indivíduo e Sociedade no Alto Xingu: os Yawalapíti*. Dissertação (Mestrado), UFRJ/Museu Nacional, 1977.

YAWALAPÍTI, Tapi. *História Yawalapíti*. Trabalho de conclusão de curso (Magistério indígena. Curso Haiyô), TI do Xingu, CTL Leonardo, Gaúcha do Norte, MT, 2010.

ANEXOS – FOTOS DE ARITANA E DE TAPÍ YAWALAPÍTI

Aritana escarificando Makapá, filho Ewelupi Wauja



Aritana caminhando na aldeia



Fotos de Tapí Yawalapíti
Com o PAPA Francisco, no vaticano

